

**EDUCAÇÃO MORAL E ÉTICA DE ESTUDANTES:
práticas corporais diversificadas na educação física escolar.**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Gustavo de Toledo Assumpção

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

SÃO CARLOS - SP
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Assumpção., Gustavo de Toledo

Educação moral e ética de estudantes: práticas corporais diversificadas na educação física escolar / Gustavo de Toledo Assumpção. -- 2025.
126f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Glauco Nunes Souto Ramos
Banca Examinadora: Fabio Ricardo Mizuno Lemos, Lilian Aparecida Ferreira
Bibliografia

1. Educação física escolar. 2. Educação moral e ética. 3. Práticas corporais diversificadas. I. Assumpção., Gustavo de Toledo. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gustavo de Toledo Assumpção, realizada em 27/02/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)

Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida e amada esposa, a auxiliadora idônea que Deus me deu, com quem tenho dividido sonhos, planos, lutas e alegrias há 19 anos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida, pelo privilégio de trabalhar com o que amo e pela oportunidade de aprender e me desenvolver profissionalmente através de um programa de tão excelente nível como o ProEF.

Ao meu orientador Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, por cada dica, instrução, correção e principalmente pela paciência e dedicação imensurável.

Aos professores da minha banca examinadora profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira e Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos, pela leitura atenta e apontamentos valiosos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas da 4º turma UFSCar e UNESP Rio Claro do ProEF, pela parceria, trocas e companheirismo.

À equipe gestora da minha escola, pelo incentivo e autorização para a realização deste trabalho.

Aos meus queridos alunos, razão primeira para a existência deste trabalho.

Aos colegas professores Ari Fernando Borseti Junior e Luiz Eduardo Alvarez, pelas caronas, parceria e incentivo.

Aos meus pais, por sempre acreditarem em mim e me motivarem a buscar o meu melhor.

Às minhas filhas amadas, Eduarda e Gabriela, presentes que Deus usou para entender o seu infinito amor e me fazem lutar para ser cada dia melhor.

À minha esposa Thalita, este trabalho é um pouco seu também.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

RESUMO

Considerando a indisciplina como uma significativa problemática relacionada ao trabalho docente, este estudo intentou aprofundar-se sobre os benefícios e possibilidades que a Educação Física (EF) enquanto componente curricular pode contribuir na formação e reflexão da autonomia moral dos educandos. O objetivo deste trabalho foi analisar as implicações de uma intervenção pedagógica por meio de uma unidade didática sobre educação moral e ética, utilizando práticas corporais cooperativas e de oposição, junto a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal em uma cidade do interior do estado de São Paulo, com o propósito de compreender se elas contribuiriam para o desenvolvimento da autonomia moral dos estudantes. Foi estruturada e aplicada uma unidade didática com 12 aulas, com conteúdos da EF escolar (jogos, esportes, danças e lutas). A pesquisa de natureza qualitativa, teve sua coleta de dados por meio de diários de aula produzidos pelo professor-pesquisador e uma entrevista semiestruturada ao final da unidade didática com alunos participantes da pesquisa. Os dados foram analisados qualitativamente, chegando-se às seguintes categorias: a) *Atitudes propositivas e reativas do professor-pesquisador*, na qual de maneira propositiva o professor-pesquisador pôde agir diretamente nas situações didáticas, ao apresentar e construir com os estudantes regras e princípios norteadores no início do período letivo, também por meio de seu planejamento e orientações dirigidas aos estudantes nas mais diversas situações; b) *Atitudes propositivas e reativas dos(as) estudantes*, na qual de maneira mais reativa o professor identificou oportunidades de intervir e reagir a situações de indisciplina, comportamentos inadequados e por meio de reflexões propostas frente os conflitos interpessoais; c) *Questões relacionadas à escola e à comunidade escolar*, na qual revelam situações indiretas e muitas vezes alheias ao domínio do professor, mas que exercem influência na dinâmica do cotidiano escolar e podem interferir no comportamento dos estudantes, como a valorização da EF e da educação como um todo pelos alunos e comunidade escolar, características da organização escolar, como espaço físico, materiais, horários das aulas entre outros. O estudo evidenciou que a EF pode promover competências éticas e sociais essenciais ao oferecer vivências que estimulam reflexões sobre relações interpessoais em um ambiente seguro. Reforça-se o papel da EF na formação da cidadania e construção de valores, mesmo que intervenções pontuais não gerem mudanças comportamentais significativas. Práticas pedagógicas focadas em valores morais e éticos podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia moral dos alunos. Observou-se uma percepção relatada pelos estudantes sobre uma melhora na comunicação e na redução de conflitos entre os mesmos, apesar da continuidade de alguns comportamentos indisciplinados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar; Indisciplina; Competição; Cooperação.

ABSTRACT

Considering indiscipline as a significant issue related to teaching work, this study aimed to explore the benefits and possibilities that Physical Education (PE), as a curricular component, can offer in the development and reflection on students' moral autonomy. The objective of this research was to analyze the implications of a pedagogical intervention through a didactic unit on moral and ethical education, using cooperative and oppositional physical practices, with a seventh-grade class from a public municipal school in a city in the interior of São Paulo State, with the purpose of understanding whether such practices would contribute to the development of students' moral autonomy. A didactic unit comprising 12 lessons was structured and implemented, addressing school PE content (games, sports, dances, and combat activities). This qualitative study collected data through class diaries written by the teacher-researcher and a semi-structured interview conducted at the end of the didactic unit with participating students. The data were analyzed qualitatively, resulting in the following categories: (a) proactive and reactive attitudes of the teacher-researcher, in which the teacher-researcher was able to act proactively in didactic situations, presenting and building rules and guiding principles with students at the beginning of the school term, and also through planning and specific guidance provided in various situations; (b) proactive and reactive attitudes of the students, where, in a more reactive manner, the teacher identified opportunities to intervene and respond to situations of indiscipline, inappropriate behaviors, and interpersonal conflicts through proposed reflections; and (c) issues related to the school and school community, which revealed indirect situations, often beyond the teacher's control, but that influenced the daily school dynamics and could affect student behavior, such as the value attributed to PE and education by students and the school community, characteristics of school organization as , physical space, materials, class schedules, among others. The study showed that PE can foster essential ethical and social competencies by providing experiences that encourage reflection on interpersonal relationships within a safe environment. The role of PE in citizenship education and value formation is reinforced, even if isolated interventions do not lead to significant behavioral changes. Pedagogical practices focused on moral and ethical values may contribute to the development of students' moral autonomy. A perceived improvement in communication and a reduction in conflicts among students were reported, despite the persistence of some undisciplined behaviors.

KEYWORDS: School Physical Education; Indiscipline; Competition; Cooperation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Justificativa.....	12
1.2 Objetivo.....	12
1.3 Produto Educacional.....	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.1 Contextualização histórica.....	13
2.2 Conceituações.....	16
2.3 Algumas considerações sobre a Indisciplina.....	20
2.4 Educação Física e a Prática.....	22
2.5 Conteúdos da Educação Física e suas possibilidades.....	24
2.6 Interações interpessoais e as Práticas Corporais.....	27
3 PERCURSO INVESTIGATIVO.....	30
3.1 Universo da Pesquisa.....	30
3.2 Participantes.....	31
3.3 Instrumento de coleta de informações.....	31
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	33
3.5 Unidade Didática.....	35
3.6 Aspectos Éticos.....	43
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	45
4.1 Atitudes Propositivas e Reativas do Professor-Pesquisador.....	48
4.2 Atitudes propositivas e reativas dos(as) estudantes.....	55
4.3 Questões relacionadas à escola e à comunidade escolar.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICES.....	77
Apêndice A - Termo de assentimento Livre e Esclarecido.....	77
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável.....	80
Apêndice C - Diários de Aula.....	83
Apêndice D - Entrevistas Semiestruturadas.....	119
ANEXOS.....	125
Anexo A: Parecer do CEP/UFSCar.....	125

1 INTRODUÇÃO

Considerando a indisciplina como a mais significativa problemática observada em minhas vivências como discente da educação básica e ao longo de dezesseis anos do exercício docente e relatada majoritariamente por professores de Educação Física (EF) discentes do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (ProEF) com polo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), me propus a pesquisar se a EF enquanto componente curricular pode contribuir na formação e reflexão da autonomia moral dos educandos, entendida aqui como a capacidade do indivíduo de tomar decisões éticas e agir de acordo com princípios e valores que emergem de sentimentos internos, em oposição à uma moral heterônoma, que simplesmente busca seguir regras impostas por autoridades externas (Vinha; Tognetta, 2009).

Considerando-se que a EF detém conteúdos e recursos específicos, é capaz de proporcionar e aproveitar de maneira intencional momentos de aprendizagem, situações de conflito e oportunidade de pensar e refletir sobre as ações e objetos de estudo aos quais os estudantes agem e reagem considerando o outro, o coletivo, as regras e normas sociais etc.

Nas aulas de EF de maneira geral é possível oportunizar vivências únicas e materialmente distintas, nas quais os corpos e os espaços são meio e fins em uma educação que pode ser reflexiva, questionadora e, desta maneira, contribuir para uma atitude que reflita uma autonomia moral que possa auxiliar na construção de valores e perspectivas sobre quais alunos que a EF e a educação como um todo intentam formar.

Todo cidadão tem hoje grande envolvimento com elementos da cultura de movimento, seja na prática ou como espectadores e/ou consumidores na escola, na rua, nos parques, nos clubes, nos estádios, nas academias e escolas de esporte e por intermédio da mídia. Entretanto, a escola é o único espaço em que esta prática pode ser vivenciada, estudada e discutida ancorada em valores éticos e, por isso, não podemos fugir ao dever de preparar para este tempo do não-trabalho (e não apenas para o tempo do trabalho, como normalmente se faz na escola) (Silveira, 2001, p. 140).

Minha trajetória em relação à temática que intento pesquisar se mistura com minha vocação e interesse pela docência e pela Educação Física. Quando ainda criança, tive boas experiências e oportunidades pela prática das artes marciais, auxiliar e orientar colegas mais novos na academia onde treinava, em que, além das

técnicas e do desempenho físico, os aspectos morais como disciplina, respeito ao professor, aos colegas e adversários era incentivado e muito valorizado.

Esse interesse em ajudar e o gosto pela prática esportiva me possibilitaram ter uma relação semelhante quando participei de uma turma de treinamento de voleibol, enquanto estudante da educação básica, na qual desenvolvi amizades e pude aprender muito participando de campeonatos escolares, criando um forte vínculo com colegas, professores e, no processo, reforçando os valores supracitados.

No ensino médio, frequentei uma escola técnica na minha cidade natal, frequentando o curso de mecânica e, no segundo ano, comecei a perceber um conflito em mim. Não desejava passar a vida profissional atrás de uma máquina, um computador ou em uma linha de produção, mas sim trabalhando com pessoas, preferencialmente me doando em favor de crianças e jovens em busca de contribuir para uma sociedade melhor.

Decidi, então, não dar continuidade ao curso técnico, mas me preparar para ingressar em uma faculdade de EF. Para minha grata surpresa, alguns princípios sobre a mecânica dos materiais, relação entre força, sentido, eixo e planos foram também abordados na disciplina de Biomecânica aplicada ao corpo humano.

Após refletir e experimentar outras possibilidades durante a graduação, tendo cursado uma das últimas turmas formada em um modelo que abrangia em seu currículo as possibilidades de atuação nas áreas de licenciatura e de bacharelado, considerei se o treinamento ou outra área de bacharelado não seria o meu caminho. Não foi.

A máxima sobre trabalhar com as pessoas, poder contribuir na instrução, formação e desenvolvimento de crianças e jovens formaram em mim a convicção e a motivação pela educação formal ou escolarizada. Mas ver aqueles que são justamente o alvo da educação, do meu desejo de me doar em servir com minha docência aparentemente desvalorizados e desinteressados pela educação, ou nos moldes como esta se apresenta hoje, me move a buscar uma alternativa para uma problemática que se apresenta como uma situação limite em meu cotidiano.

Por isso, como citado anteriormente, venho neste trabalho procurar contribuir na discussão sobre essa temática, pensando nas possibilidades e ferramentas possíveis em aulas de EF para contribuir, compartilhando possibilidades e estratégias, no enfrentamento dessa problemática.

Este estudo teve como interesse produzir uma reflexão sobre como a EF pode promover situações disparadoras à conscientização e resolução de conflitos, enquanto busca contribuir na formação integral dos alunos, por meio de uma educação que promova autonomia e independência dos estudantes, além de possibilitar a busca e apropriação dos elementos da chamada cultura corporal de movimento.

Para tal, faz-se necessário identificar as características distintas da Educação Física enquanto componente curricular obrigatório e integrado ao projeto político pedagógico escolar, na área de linguagens, uma vez que interage através de uma relação diferente entre a corporeidade dos estudantes com os espaços envolvidos em sua *práxis* e seus objetos de conhecimento, propiciando situações disparadoras para interações conflituosas.

Neste sentido, importa ressaltar a relevância cultural dos conteúdos por ela tratados, sua diversidade e significados, interagindo em sua abrangência nos aspectos sociais, culturais e cognitivos, capazes de criar situações de cooperação e oposição entre os estudantes, além de proporcionar uma experimentação das mais variadas práticas corporais, proporcionando de maneira significativa e reflexiva as possibilidades de seu uso e apropriação.

A Educação Física se justifica na escola já que não há outra prática pedagógica que se ocupe da dimensão cultural de que só a Educação Física trata que é a cultura de movimento humano, expressa nos jogos, nas danças, nas lutas, nos esportes e nas ginásticas. Se o objetivo da escola é atender à educação global do aluno, deixar de lado este aspecto de nossa cultura, parte do patrimônio cultural da humanidade, que está tão presente em nosso dia-a-dia, é algo impensável. Temos que dar nossa contribuição para que nosso aluno possa conhecer, escolher, vivenciar, transformar, planejar e ser capaz de julgar os valores associados à prática da atividade física, mais do que apenas praticar sem entender essa prática, simplesmente aderindo (ou não) à moda da atividade física (Silveira, 2001, p. 139).

Assim, este estudo pretendeu investigar como diferentes elementos da cultura corporal de movimento, ao promoverem situações distintas entre cooperação e oposição, podem se estabelecer como ferramentas poderosas para a reflexão sobre as ações em situações de conflitos e indisciplina, por meio de uma unidade didática (UD) que enfatize as relações interpessoais em uma variedade de situações.

Foi elaborada e aplicada uma UD que possibilitou, por meio de jogos, esportes, danças e lutas, situações que promoveram interações de oposição individual e coletiva, além de cooperação e de cooperação em oposição.

Considerando que as práticas corporais nas aulas de EF na escola evidenciam, nas relações interpessoais, situações de conflitos, atitudes solidárias ou autocentradas, esperou-se promover discussões sobre a prática docente e suas possibilidades em propiciar aos discentes situações disparadoras para a reflexão sobre atitudes e comportamento coletivo.

1.1 Justificativa

Ao observar como a indisciplina surge como a mais significativa problemática identificada durante meu trabalho docente há cerca de 17 anos e também relatada majoritariamente por professores de EF discentes do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (ProEF) com polo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), este estudo intentou aprofundar-se sobre as possíveis contribuições das práticas corporais de cooperação e de oposição no desenvolvimento da autonomia moral dos educandos.

1.2 Objetivo

Esse trabalho teve como objetivo analisar as implicações de uma intervenção pedagógica por meio de uma unidade didática sobre educação moral e ética, utilizando práticas corporais de cooperação e de oposição, junto a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal em uma cidade do interior do estado de São Paulo, com o propósito de compreender se elas contribuem para o desenvolvimento da autonomia moral dos estudantes.

1.3 Produto Educacional

Como produto educacional oriundo desta dissertação, foi elaborada uma UD a ser disponibilizada na forma de e-book, com conteúdos da EF, em uma sequência e metodologia que oportunize e enfatize reflexões sobre as relações interpessoais conflituosas frequentemente presentes nas aulas de EF escolar.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Reconhecendo a indisciplina como importante problemática a ser superada, com uma demanda metodológica, de intencionalidade, vemos como descrito a sua incidência na educação, em diversos contextos.

Esta pesquisa confirmou que os conflitos estão presentes em todos os ambientes e que a escola, por sua vez, precisa estar atenta e se preparar para enfrentar contextos adversos, que ocorrem em todas as dimensões, promovendo ações de enfrentamento contra essas manifestações hostis, utilizando a mediação, incentivando o diálogo, atitudes e comportamentos que estimulem condutas tolerantes, não violentas e não agressivas no ambiente escolar. Para isso, é necessário envolver gestores, professores, pais, filhos e comunidade (Oliveira; Silva, 2018, p. 10).

Como citado, as necessidades observadas em estratégias para o enfrentamento da indisciplina se dão de maneira urgente, uma vez observada a sua incidência. Também nesse sentido, pode-se afirmar que as características singulares da EF enquanto componente curricular podem contribuir nesse sentido, como será apresentado a seguir.

2.1 Contextualização histórica

A EF no Brasil percorreu uma rica trajetória histórica, segundo Darido e Rangel (2005), marcada por diversas concepções que moldaram seu desenvolvimento ao longo do tempo. Nesta explanação, vamos abordar as principais concepções que influenciaram a EF, desde suas origens vinculadas ao militarismo e higienismo, passando pela ênfase esportivista, recreacionista, psicomotricidade e desenvolvimentista, até as abordagens construtivista, crítico-superadora, crítico-emancipatória, saúde renovada, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a atual proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A EF no Brasil teve suas origens durante o período colonial, quando os jesuítas utilizavam a prática corporal com objetivos educacionais e de conversão dos povos indígenas. Posteriormente, a EF passou a ser influenciada pelo militarismo e higienismo, enfatizando o desenvolvimento físico como meio de fortalecer a "raça" brasileira e promover a higiene e disciplina dos corpos (Darido; Rangel, 2005).

A partir da década de 1950, com o desenvolvimento do esporte de alto rendimento e o sucesso de atletas brasileiros em competições internacionais, a EF

assumiu uma concepção esportivista. Nesse contexto, o esporte tornou-se o principal foco da disciplina nas escolas, valorizando a competição, a excelência física e a busca por talentos esportivos (Darido; Rangel, 2005).

No final da década de 1960 e início da década de 1970, surgiu a concepção recreacionista, que buscava resgatar o valor do brincar e da ludicidade nas atividades físicas e esportivas. A EF passou a enfatizar jogos, brincadeiras e atividades lúdicas como meio de desenvolver habilidades motoras, sociais e afetivas dos alunos (Darido; Rangel, 2005).

Também na década de 1970, ganhou espaço a concepção psicomotricidade, que valorizava a relação entre corpo, mente e emoções. A EF passou a trabalhar aspectos psicomotores, buscando desenvolver a motricidade e a percepção corporal dos alunos (Darido; Rangel, 2005).

Na década de 1980, a concepção desenvolvimentista ganhou destaque, influenciada pelas teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky. Essa abordagem enfatizava o papel da EF no desenvolvimento global dos alunos, considerando aspectos cognitivos, afetivos e motores (Darido; Rangel, 2005).

A concepção construtivista ganhou espaço na EF a partir dos anos 1990, alinhada com os princípios da construção do conhecimento e do desenvolvimento integral do indivíduo. Nessa perspectiva, a EF passou a enfatizar o processo de aprendizagem e a participação ativa dos alunos na construção do seu conhecimento corporal e nas práticas esportivas (Darido; Rangel, 2005).

Nos anos 1990, surge a concepção crítico-superadora, que buscava superar as desigualdades sociais por meio da EF. Essa abordagem propôs uma reflexão crítica sobre as práticas corporais, valorizando a cultura local e a vivência dos alunos, com o objetivo de promover uma educação mais inclusiva e significativa (Darido; Rangel, 2005).

A concepção crítico-emancipatória, emergiu também nas últimas décadas e busca, além de abordar a reflexão crítica, promover uma ação transformadora na sociedade por meio da EF. Essa abordagem enfatiza a luta contra todas as formas de opressão e discriminação, e procura engajar os alunos em questões sociais relevantes (Darido; Rangel, 2005).

A concepção saúde renovada valoriza a promoção da saúde e a qualidade de vida por meio da EF. Essa abordagem destaca a importância de práticas corporais

que contribuam para a prevenção de doenças e a melhoria do bem-estar físico e mental dos indivíduos (Darido; Rangel, 2005).

As políticas educacionais também influenciaram a EF no Brasil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 trouxeram diretrizes para a disciplina, enfatizando a importância da contextualização cultural e social dos conteúdos, bem como a inclusão de alunos com deficiência (Brasil, 1997).

Em 2017, foi homologada a Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. A BNCC propõe uma EF mais inclusiva, voltada para o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores. Além disso, a nova BNCC enfatiza a importância de valorizar as manifestações culturais locais, respeitar as diversidades e promover o acesso de todos os estudantes às práticas corporais, independentemente de suas habilidades físicas. A EF, assim, deve contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e ativos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem (Brasil, 2017).

A EF no Brasil passou por diversas concepções ao longo de sua história, refletindo as mudanças na sociedade e nas políticas educacionais. Desde suas origens vinculadas ao militarismo e higienismo até as atuais propostas da BNCC.

A disciplina de Educação Física foi tradicionalmente concebida como espaço de formação moral, ainda que tal formação tenha assumido diversas conotações na história desta disciplina. Os valores por ela propagados mudaram de acordo com as transformações gerais da sociedade. Na atualidade, ao educar, desejamos favorecer a construção da moral autônoma (Conti, 2015, p. 8).

Atualmente, para entendermos como a EF, assim como a escola em si, busca promover uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora, valorizando a cultura local e a diversidade, e contribuindo para o desenvolvimento integral e autônomo dos estudantes, faz-se necessário discorrer sobre alguns conceitos importantes.

2.2 Conceituações

Considerando a relação enfatizada neste estudo entre a autonomia moral, a indisciplina com aspectos intrínsecos às relações de ensino e de aprendizagem dos conteúdos próprios da EF, algumas pontuações conceituais se fazem necessárias.

Soares (2005) argumenta sobre a importância da escolha de utilizar a expressão “prática corporal”, pois a considera a mais apropriada para as intervenções sociais decorrentes da EF. Nesse contexto, o termo “prática”, segundo a autora, deve ser compreendido como a ação de "realizar" ou "expressar" uma intenção ou significado específico por meio do corpo, conforme indicado e plenamente permitido pela língua portuguesa. Essa expressão reflete adequadamente a noção de construção cultural e linguagem presentes nas diversas formas de expressão corporal. Tal noção de construção cultural e linguagem está ausente na expressão “atividade física”, que, tanto etimologicamente quanto conceitualmente, mostra-se redutora em sua perspectiva.

De maneira geral, nota-se que o termo “práticas corporais” vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo (Lazzarotti Filho, 2010, p. 24).

Dessa forma, vemos como o termo “práticas corporais” melhor se adequa aos objetivos deste estudo uma vez que considera os fatores culturais e sociais adjacentes ao simples movimento ou gesto humano, atribuindo-lhe, ou reconhecendo nele, as diversas possibilidades de significados.

As diversas relações sociais podem ser vistas representadas nos conteúdos da cultura corporal de movimento, como os jogos, os esportes, as lutas e outros, através de ações que as identificam e problematizam, proporcionando oportunidades de convivência e reflexões sobre as ações, sejam em situações de competição/oposição como também na cooperação.

Os jogos cooperativos, ou mesmo o termo cooperação, quando vêm à nossa mente, remete-nos a algo que deve ser compartilhado, e que para isso a inclusão se torna uma chave para realizar a ação desse encontro, o lúdico e o aspecto descontração também podem participar deste pacote (Goes, 2012, p. 90).

A ideia de que os jogos cooperativos são essenciais para resgatar objetivos comuns, é defendida por Silva (2023), permitindo que as pessoas vivam em conjunto, em vez de uns contra os outros, fortalecendo a visão de uma sociedade fundamentada em princípios de justiça e solidariedade.

Em contrapartida, ao ensinar esportes na escola, como conteúdo de inegável abrangência e representatividade social, um tema intrínseco a eles sob a ótica da lógica interna é a competição, conforme afirmam Gonçalves e col. (2019), ou seja, a comparação de desempenho entre os participantes. Pode-se afirmar que a competição seria então a essência do esporte, inseparável a ele, sem a qual ele deixa de ser o que é, de existir. Ou seja, o esporte e a competição estão tão intimamente relacionados em sua natureza e definições que pode-se afirmar que não há esporte sem competição.

Por que ensinar esporte na educação física escolar? Ainda que considere ter esgotado o tema e não seja possível sustentar o ensino da Educação Física sem considerar o esporte, vejo que trazê-lo dentro de um debate amplo sobre a aprendizagem de modalidades tradicionais e não tradicionais suscita reflexões sobre participação, letramento corporal e diversidade. Assim, as justificativas para o ensino do esporte na educação física escolar que foram reforçadas por esta pesquisa vão em direção de uma perspectiva crítica, transformadora, diversificada e, acima de tudo, incomodada com o esporte hegemônico (Freitas, 2023, p. 130).

Considerando o valor e o caráter universal e amplamente difundido atualmente em nossa sociedade do esporte, é necessário ressignificá-lo e contextualizá-lo ao ambiente escolar e às propostas pedagógicas vigentes, como aponta Freitas (2023, p. 31):

Fica evidente que, embora tenhamos o esporte como um conteúdo extenso e relevante, ele não é sinônimo da Educação Física e tampouco deve ser tratado apenas na esfera das “ações do esporte”, entendidas como aquilo que se convencionou chamar de fundamentos ou movimentos. Há de ser debatido e “encenado” através de suas diferentes manifestações para uma “compreensão crítica”.

Quando se enfatiza a moral autônoma, ou a autonomia moral, se estabelece a característica inata do ser humano, crianças inclusive, em apresentar, reconhecer e estabelecer um senso moral definido por regras ou normas de conduta, ou na tensão observada por Freire entre autoridade e liberdade (Freire, 2016).

A moral e a ética são conceitos fundamentais na reflexão sobre as ações humanas e seu valor ético. A moral refere-se ao conjunto de normas, valores e princípios que orientam o comportamento humano, estabelecendo o que é certo ou errado em uma determinada cultura ou sociedade. Por outro lado, a ética é uma reflexão filosófica sobre a moralidade, buscando compreender as razões e fundamentos que justificam as ações morais e a construção do caráter virtuoso do indivíduo (Martins, 2001).

Ao longo da história, diversas correntes filosóficas e culturais contribuíram para o desenvolvimento dos conceitos de moral e ética. Desde a Grécia Antiga, com pensadores como Sócrates e Aristóteles, que buscavam a virtude e o bem-viver através da reflexão ética, até as reflexões contemporâneas de filósofos e pensadores, a compreensão da moral e ética tem evoluído (Nascimento, 2010).

Na área da educação e aprendizado, a ética e a moral desempenham papéis fundamentais. A escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do caráter ético dos indivíduos, fornecendo ferramentas para a reflexão crítica sobre suas ações e responsabilidades na sociedade. A educação moral e ética busca estimular valores como respeito, empatia, solidariedade e justiça, que são essenciais para a formação de cidadãos éticos e conscientes.

Outro saber indispensável à prática educativo-crítica é o de como lidaremos com a relação autoridade-liberdade, sempre tensa e que gera disciplina como indisciplina. Resultando da harmonia ou do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica necessariamente o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos (Freire, 2016, p. 46).

Atualmente, a educação ética e moral enfrenta desafios decorrentes da pluralidade cultural, dos avanços tecnológicos e das questões éticas complexas em uma sociedade globalizada. É essencial que a educação inclua a reflexão sobre dilemas éticos contemporâneos, como a sustentabilidade, os direitos humanos, a diversidade e a responsabilidade digital.

Assim, a moral e a ética são conceitos intrinsecamente ligados à conduta humana e ao desenvolvimento do caráter. Na educação, o ensino desses valores é fundamental para a formação de cidadãos conscientes, críticos e éticos, capazes de agir de forma responsável e contribuir para uma sociedade mais justa e solidária.

Para compreender o que pode ser considerado como indisciplina, Firmino (2020) esclarece que quando um estudante faz perguntas para entender melhor um conceito ou esclarecer dúvidas, se o estudante expressa uma opinião diferente de forma respeitosa, isso não é considerado indisciplina. A diversidade de ideias e perspectivas é importante.

Segundo a autora, os estudantes podem intervir em discussões para compartilhar experiências pessoais ou pontos de vista adicionais, contanto que isso não seja fruto de uma tentativa apenas de interromper indevidamente o andamento da aula. Uma turma participativa, crianças que perguntam, questionam, argumentam e contribuem é algo a ser almejado e está alinhado com as expectativas expressas nas diretrizes da BNCC, já que as escolas têm como objetivo formar cidadãos críticos, criativos, colaborativos e capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Dessa forma, Firmino (2020) indica algumas características que podem descrever um estudante indisciplinado, como aquele que demonstra um comportamento desrespeitoso, que pode variar em gravidade, desde a desatenção completa em sala de aula até agressão física ou verbal contra colegas ou professores; desafia as regras estabelecidas pela escola, interrompendo o processo de ensino e aprendizagem, prejudicando não apenas a si mesmo, mas também seus colegas de classe; recusa-se a seguir as instruções dos professores e perturba a ordem em sala de aula; não cumpre prazos ou tarefas escolares.

Oliveira e Graça (2013) afirmam em sua pesquisa que percebeu-se um alto índice de situações de indisciplina em situações que descreveram como conversas intempestivas, alunos que interrompem a atividade ou deixam o espaço da aula, desrespeito pelo material, barulhos inadequados com bolas e modificação da atividade proposta.

Assim, reflexões acerca da ética, moral e indisciplina devem ser cultivadas desde cedo nas aulas de EF, não como se estivéssemos voltando ao militarismo, mas visando o amadurecimento das escolhas dos estudantes e a construção de uma sociedade mais ética e sustentável, sendo assim é imperativo para os fins deste estudo, refletir sobre as relações indissociáveis entre o se-movimentar e a cultura.

2.3 Algumas considerações sobre a Indisciplina

Quando se observa a representação de um comportamento considerado inadequado ou indisciplinado, um questionamento que surge é a causa, ou as causas, possíveis para tal fenômeno.

A indisciplina em sala/quadra de aula é um dos principais agentes que afetam o desempenho do professor trazendo como consequências, a curto e longo prazo, o estresse e a síndrome de burnout. Dentre as principais causas da indisciplina escolar, destacam-se os fatores biológicos, familiares, socioeconômicos, psicossociais, o ambiente escolar, e a organização de aula (Sant'Ana e col., 2012, p. 79).

Sant'Ana e col. (2012) reforçam algumas causas que consideram com maior destaque, sendo as questões familiares, econômicas e ambientais somadas às condições de sucateamento da escola, na (des)valorização da educação, percebidas muitas vezes pela falta de material e espaço adequado para a prática de EF, que contribuem para uma maior desmotivação de professores e alunos.

Para além do núcleo familiar, Moura (2016) afirma ser possível identificar no ambiente escolar uma multiplicidade de fatores que contribuem para a gênese da indisciplina, por vezes atribuídos a circunstâncias alheias à própria escola. Tais fatores incluem, entre outros, a formulação de propostas curriculares inadequadas, a imposição de diretrizes governamentais pouco conectadas à realidade local, bem como carências estruturais que afetam os estudantes em aspectos fundamentais, como a alimentação, o acesso a serviços de saúde e a garantia de direitos sociais essenciais, como o lazer e a segurança. Todavia, não se pode ignorar que as instituições escolares também compartilham uma parcela de responsabilidade, tanto nas origens quanto no manejo das manifestações de indisciplina, violência e outros comportamentos disfuncionais que se apresentam no cotidiano educacional.

Moura (2016) complementa que a percepção de uma desestrutura escolar em sua organização e no planejamento docente são fatores importantes que podem contribuir para a indisciplina discente.

Um fator altamente exclusivo das relações institucionalmente escolares entre gestores, professores e alunos perpassa no planejamento de aulas pelos professores que pode ser uma das causas da tão famigerada indisciplina escolar. Esse planejamento das aulas por parte dos docentes e

apoio e momentos propostos pela gestão escolar para esse fim podem ocasionar indisciplina, ou seja, quando o aluno percebe a desorganização por parte dos professores, ou falta de organização da escola, a indisciplina escolar se torna maior (Moura, 2016, p. 44)

A problemática da indisciplina no ambiente escolar encontra-se intrinsecamente atrelada a uma confluência de fatores, tanto internos quanto externos, afirma Sant'Ana (2012). No âmbito interno, destacam-se elementos como a qualidade da infraestrutura física, a eficiência da gestão administrativa, a dinâmica das interações entre professores e alunos, bem como a condução e a eficácia do processo pedagógico. Por outro lado, no espectro externo, emergem questões de natureza socioeconômica, marcadas pela precariedade das condições de vida e pela presença de conflitos e adversidades no seio familiar, os quais exercem profunda influência sobre o comportamento dos discentes e o clima escolar como um todo.

A indisciplina escolar é, segundo Moura (2016), igualmente resultante de conflitos no ambiente escolar que não são devidamente resolvidos, os quais acabam por culminar em situações que impactam profundamente a harmonia e o funcionamento da comunidade educativa. Para além de compreendermos as origens desse fenômeno, é imprescindível que nos dediquemos a refletir sobre as estratégias mais apropriadas para enfrentá-lo.

O autor argumenta, por meio de perguntas retóricas, de que maneira é possível intervir nessa questão. Ele questiona se medidas punitivas devem ou não ser adotadas, se o caminho é a promoção do diálogo, implementar processos de mediação, incentivar a participação ativa dos familiares, ou até mesmo recorrer ao auxílio de outros profissionais especializados. Essas e outras ações frequentemente observadas nas instituições de ensino, conclui Moura (2016), nos convidam a repensar práticas consolidadas. Em muitas ocasiões, as escolas estabelecem regimentos internos repletos de normas e sanções, acreditando que a punição seria suficiente para resolver os desafios relacionais entre alunos e professores. No entanto, essa postura revela, por vezes, a carência de formação específica por parte dos docentes e gestores no trato com temas tão complexos e multifacetados como a indisciplina.

Oliveira e Graça (2013) afirmam que os docentes, em sua maioria, inclinam-se a atribuir as causas da indisciplina a fatores externos, como traços de personalidade dos alunos, ausência de acompanhamento ou negligência por parte

dos pais e a desestruturação do ambiente familiar, relegando a segundo plano os aspectos internos do contexto escolar. Esse tipo de atribuição, que transfere a responsabilidade para fora do âmbito educacional, pode gerar o efeito indesejado de limitar ou inibir a busca por soluções voltadas à melhoria da disciplina, sobretudo no que tange às possibilidades de intervenção no espaço das interações pedagógicas estabelecidas dentro da sala de aula.

Ainda que o caráter multifatorial das causas da indisciplina discente lhe confirmam a aparência ou estigma de uma causa insolúvel, há a compreensão de que, em maior ou menor grau, a depender da esfera de interação, professores e professoras podem influenciar os estudantes de tal modo a criar oportunidades e espaços para diálogo e reflexão sobre esta problemática.

2.4 Educação Física e a prática

Tradicionalmente a EF tem sido interpretada como disciplina escolar que tem em sua abrangência e especificidade a prática corporal, o desenvolvimento de situações motoras, técnicas e movimentos que podem ser configurados como partes meramente integrantes de um sistema ou modalidade física ou esportiva (Doirado, 2020).

Essa visão reducionista leva a uma sistematização dos conteúdos quase exclusivamente pela lógica interna dos mesmos, desconsiderando os aspectos culturais, sociais e éticos que os circundam e muitas vezes lhes dão sentido.

Um questionamento frequente na esfera da Educação Física, diz respeito ao que se aprende nas aulas, pois apesar de seus conteúdos estarem vinculados à cultura de movimento, o esporte, que tem se configurado como prática hegemônica, é apenas um dos diversos conteúdos propostos. Na maioria das vezes, a ação de ensiná-lo sustenta-se unicamente no acesso aos seus elementos técnicos, e a sua aprendizagem limita-se à linearidade do movimento que compõe cada modalidade esportiva. As aprendizagens decorrentes das práticas pedagógicas da Educação Física devem ampliar a compreensão dos alunos em relação às práticas corporais e à sua própria cultura de movimento (Doirado, 2020, p. 29).

Essa relação entre os conteúdos abordados pela EF e os diversos contextos que circundam os diversos significados que as práticas corporais assumem podem proporcionar oportunidades singulares para a reflexão sobre as ações, comportamentos e aspectos éticos relacionados à prática.

Os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais. O jogo de bolinhas, entre os meninos, comporta, por exemplo, um sistema muito complexo de regras, isto é, todo um código e toda uma jurisprudência. O psicólogo obrigado por dever profissional a se familiarizar com esse direito consuetudinário e dele extrair a moral implícita, só pode avaliar a riqueza dessas regras à medida que procura dominar seus pormenores. Se desejamos compreender alguma coisa a respeito da moral da criança, é, evidentemente, pela análise de tais fatos que convém começar. Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras. A análise reflexiva de um Kant, a sociologia de um Durkheim ou a psicologia individualista de um Bovet se identificam nesse ponto: as divergências doutrinárias só aparecem no momento em que se procura explicar como a consciência vem a respeitar as regras. É esse "como" que tentaremos analisar por nossa conta, no terreno da psicologia da criança (Piaget, 1994, p. 23).

Colaborando com essa ideia, vemos como Anjos (2020, p. 9) enfatiza a tomada de decisão consciente do professor em propor situações concretas que possam levar os educandos à reflexão sobre tais conflitos:

Nesse aspecto, o desporto escolar pode contribuir sobremaneira, pois, permite ao educador consciente, estabelecer estratégias através das quais as crianças se depararão com conflitos morais concretos, apontando para a necessidade da reflexão voltada a solução dos problemas das relações coletivas.

Buscando superar a visão reducionista na qual a EF trataria do movimento pelo movimento, desconsiderando os aspectos sociais e culturais associados a ela, convém observar como tais relações se estabelecem nas práticas corporais tidas como conteúdos próprios da EF escolar enquanto componente curricular obrigatório e integrado aos objetivos e projeto político pedagógico da escola.

Faz-se importante destacar que tais possibilidades evidentes nas práticas corporais como esportes, jogos e outras, não têm como pretensão transformar as relações interpessoais e situações de conflito da noite para o dia, mas reconhecer sua viabilidade, bem como as características específicas da Educação Física ao tratar de seus conteúdos através da corporeidade que explora o sentir e o relacionar-se, como diz Betti (2007). Pode contribuir para avançar no entendimento de tais questões, ainda que outras esferas da sociedade e algumas políticas públicas demonstrem um desinvestimento na educação.

2.5 Conteúdos da Educação Física e suas possibilidades

Reconhecendo a importância da EF não apenas como uma disciplina prática, mas também como um campo que envolve estudo, pesquisa e discussão sobre diversos aspectos relacionados às práticas corporais, destaca-se a necessidade de contemplar todos os conteúdos da cultura corporal de movimento, incluindo aspectos históricos, técnicos, sociais, fisiológicos, estéticos, éticos, culturais e políticos. Essa abordagem ampla permite que os alunos desenvolvam uma compreensão holística do movimento e de sua importância na sociedade, conforme afirmam Silveira e col. (2001).

Além disso, deve-se desafiar a ideia de que a EF e seus diversos conteúdos são apenas para serem praticados e não discutidos, enfatizando assim a relevância da comunicação, da reflexão e da discussão para alcançar os objetivos pedagógicos. Através da comunicação e da reflexão, os alunos podem adquirir consciência crítica e capacidade de transformação, elementos essenciais para o desenvolvimento pessoal e social, pois essa abordagem ampla e integrada da EF promove não apenas a atividade física e o movimento, mas também o pensamento crítico, a compreensão histórica e social do movimento humano, bem como a capacidade de analisar e refletir sobre questões éticas, culturais e políticas relacionadas à prática do movimento.

Assim, é inegável a relevância social, política e cultural que o esporte possui em nossa sociedade contemporânea, assim como a sociedade também o influencia mutuamente. Entretanto, consideramos que o esporte, independente de onde, por quem e como se manifeste, se faz perceber enquanto espaço educacional, pois é ensinado e ensina quem dele toma parte (Freitas, 2023, p. 25).

Isso posto, entendemos que a EF além de possuir ferramentas apropriadas para impactar o comportamento dos estudantes através de seus conteúdos, ela tem sim o dever de fazê-lo de maneira intencional e dirigida, não apenas reagindo às manifestações de indisciplinas quando emergentes.

Neste caminho, vê-se que a teoria piagetiana - que entende que o desenvolvimento da inteligência, da afetividade, da socialização e da moralidade ocorre de forma solidária e complementar, frutos da maturação biológica, do meio, da experiência e da interação destes fatores que Piaget chamou de equilíbrio - pode contribuir para a busca de um ensino reflexivo e conseqüentemente de melhor qualidade da vida moral do homem.

Neste sentido, o desenvolvimento moral pode ser uma proposta intencional nas aulas de Educação Física (Marcon, 2017, p. 231).

Aprofundando nessa intencionalidade descrita, pensar de maneira associada nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais se faz necessário, especialmente estabelecendo relações entre os conteúdos programáticos com a problemática da indisciplina.

[...] reafirmação, negação, criação, resolução de saberes que constituem os "conteúdos obrigatórios à organização programática e o desenvolvimento da formação docente". São conteúdos que, extrapolando os já cristalizados pela prática escolar, o educador progressista, principalmente, não pode prescindir para o exercício da pedagogia da autonomia aqui proposta. Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (Freire, 2016, p.7).

Desenvolvendo ainda essa ideia, vemos como a temática lutas, tema controverso e comumente relacionado à agressividade e combatividade pode e tem muito a contribuir na fomentação de questionamentos e reflexões sobre o tema aqui tratado.

Não foram percebidos comportamentos violentos ou agressivos, nem física, nem verbalmente, no desenvolvimento de todas as aulas; ao contrário, percebeu-se um envolvimento constante nas tomadas de decisões e um zelo para o cumprimento dos acordos. [...] Os resultados obtidos, no nosso entendimento, relativizam o argumento da violência como sendo algo restritivo ao trato deste conteúdo por essa disciplina escolar. Entendemos também que fundamental é a maneira de conduzir a tematização deste conteúdo, o que vale também para o futebol e as demais manifestações da cultura corporal de movimento. Qualquer que seja o tema a ser abordado, se não for fundamentado e tratado pedagogicamente, corre o risco de gerar conflitos e situações hostis (Nascimento, 2007, p. 107).

Outro conteúdo significativamente relacionado à intencionalidade no trato da indisciplina são os jogos cooperativos, que desconstruem a lógica competitiva encontrada nos desportos e na maioria dos jogos populares, apresentando uma proposta diversa às relações de oposição, através de uma configuração social com objetivo proposto em comum, baseadas nas interações de cooperação entre todos os participantes, que pode também levar, se contextualizado, a refletir sobre a indisciplina, violência e a autonomia moral.

É nesse sentido que podemos em observância aos dados apresentados concluir que a realização deste projeto, envolvendo os Jogos Cooperativos

foi um instrumento bastante expressivo na busca pela disciplina da turma pesquisada, pois 96% dos participantes atribuíram a sua melhora enquanto pessoa aos Jogos Cooperativos. E quando lhes foi perguntado sobre o significado da palavra cooperar, e se na escola é possível haver situações cooperativas, comprovou-se através das respostas apresentadas que o aluno tem a percepção de que sem cooperação com os colegas não há disciplina em sala de aula (Uhlrig; Santos, 2008, p.13-14).

Mas quando expostos ao jogo competitivo, ou a situações semelhantes em que os estudantes podem refletir e observar os papéis representados pelos colegas enquanto adversários, parceiros ou ainda responder frente às regras postas na figura de um árbitro, novas e ricas oportunidades aparecem para que a autonomia moral seja trabalhada.

Há implícito, no jogo, um dever e uma tarefa moral. Sua utilização, por crianças, adolescentes e adultos, desperta a curiosidade, a habilidade social e desenvolve a capacidade cognitiva. A relação interpessoal estabelecida entre os pares, na hora do jogo, promove o avanço nas relações sociais, de modo geral (Fontana, 1997, n.p.).

Assim, o jogo nos dá um dever e uma tarefa moral e é através da sua utilização que crianças, jovens e adultos relacionam-se com os ambientes físicos e sociais em que vivem, despertando suas curiosidades, habilidades e conhecimentos, além de fornecer o avanço do aprendiz nas relações sociais de maneira geral (Kobayashi, 2010, p.2).

No mesmo sentido, vemos como a EF possui propriedades únicas que oportunizam tais reflexões. Goes (2012) explica como no processo de apresentação dos jogos cooperativos, uma subcategoria utilizada são os chamados jogos semi-cooperativos, que se baseiam em equipes que cooperam internamente, mas se opõem uma à outra, em uma lógica semelhante aos esportes coletivos. Muitas vezes as oportunidades de oposição ou cooperação estão presentes em outras situações cotidianas, mas encontram na prática orientada a oportunidade de ampliar suas possibilidades de compreensão e reflexão.

Nesse sentido, a aula de Educação Física parece ser uma excelente oportunidade para programar tais estratégias pedagógicas, que devem ser utilizadas pelo professor com a finalidade de ampliar a reflexão dos alunos sobre a questão de sempre vencer e, conseqüentemente, propiciar atitudes éticas durante as relações, lançando desafios sobre a ideia de que se pode ganhar sempre, mesmo sem ter que ser sempre o número 1. Essas atitudes extrapolam os muros das instituições escolares e refletem, inclusive, no âmbito do lazer, por que não dizer do prazer (Goes, 2012, p. 95).

Portanto, esse trabalho buscou evidenciar as relações interpessoais, por meio de uma sequência de conteúdos diversificados, escolhidos para propor uma

variedade de experimentações e contextualizações pela alternância da lógica interna, entre cooperação e oposição, como identificada pela Praxiologia Motriz:

A Praxiologia Motriz se constitui em um recente e relevante conhecimento acerca dos jogos e esportes. O ponto de partida da teoria da ação motriz consiste em estudar e entender a essência dos jogos e esportes, independentemente de seus atores ou contexto. É como o conhecimento das notas musicais que norteia e dá rumo ao ensino da música (Ribas, 2005, p. 1).

Para melhor compreender tais conceitos, a seção a seguir procurou aprofundar-se um pouco mais sobre as relações citadas.

2.6 Interações interpessoais/intrapessoais entre estudantes e as Práticas Corporais

Uma vez que este estudo se propõe a investigar se diferentes interações interpessoais/intrapessoais provocadas por meio de diferentes práticas corporais podem contribuir para proporcionar reflexões sobre a autonomia moral e a indisciplina, importa definir as diferentes interações interpessoais/intrapessoais, sob uma perspectiva pré-estabelecida como a da Praxiologia Motriz.

A Praxiologia Motriz pode ser entendida como a teoria da Ação Motriz, fundamentada no conceito de "ato unidade", para estruturar um objeto de estudo na Sociologia, voltado à compreensão da ação social. Pierre Parlebas adaptou esse conceito, criando o termo "Ação Motriz" para estabelecer critérios de análise no campo da motricidade (Ribas e col., 2019).

A Ação Motriz se refere a uma situação social específica, como jogos esportivos ou outras práticas corporais, e oferece bases concretas para o estudo de todas as manifestações motrizes, em qualquer âmbito de ensino, seja escolar, treinamento, recreativo, lazer, tratando-se de um recorte mais detalhado ao desenvolver ferramentas para analisar esse contexto social, buscando revelar a Lógica Interna dessas práticas. Esse processo analítico identifica as Ações Motrizes geradas pelas regras das atividades corporais e resulta na criação de uma gramática das práticas corporais (Araújo e col., 2020; Ribas e col., 2019).

A Lógica Interna é compreendida como o conjunto de características e suas implicações na execução da Ação Motriz associada. Esse conceito destaca que

as formas de atuação em cada prática corporal estão diretamente vinculadas às normas que as regem. Em outras palavras, as ações motrizes e as técnicas corporais emergem desse sistema regulamentar. As regras de cada jogo ou prática delimitam aspectos como o espaço em que ocorre, os materiais utilizados, a duração da atividade e as formas de interação estabelecidas, seja com os objetos envolvidos, o ambiente ou os demais participantes, que podem ser parceiros ou adversários (Ribas e col., 2019).

Assim, domínios de ação motriz surgem a partir das combinações das interações com outros participantes, companheiros e adversários, bem como da interação com o ambiente (Araújo e col., 2020).

O domínio psicomotor compreende práticas motrizes onde os participantes não interagem fisicamente entre si, sendo desafiados individualmente a demonstrar habilidades ou superar limitações. Exemplos incluem salto em altura, arremesso de peso, corrida com obstáculos e acrobacias solo (Araújo e col., 2020).

O domínio sociomotor de cooperação envolve práticas motrizes em que dois ou mais participantes trabalham juntos para alcançar um objetivo comum. Exemplos são danças em roda, montagem de pirâmides humanas, remo em equipe e brincadeiras como a “cama de gato” com barbantes (Araújo e col., 2020).

O domínio sociomotor de oposição refere-se a práticas onde os participantes competem individualmente contra adversários para obter êxito pessoal. Exemplos incluem esgrima, tênis, corrida de perseguição e jogo de cabo de guerra individual (Araújo e col., 2020).

O domínio sociomotor de cooperação-oposição abrange práticas em que equipes ou grupos cooperam internamente para enfrentar adversários. Exemplos são voleibol, handebol, rúgbi e jogos como queimada (Araújo e col., 2020).

Assim, o quadro a seguir procura relacionar cada domínio sociomotor (ou psicomotor) com os conteúdos trabalhados na unidade didática descrita neste trabalho.

Quadro 1: Domínios sociomotores compreendidos na Unidade Didática.

DOMÍNIO	CONTEÚDO
Domínio sociomotor de cooperação-oposição	Jogos de oposição Esportes coletivos
Domínio sociomotor de oposição	Lutas
Domínio sociomotor de cooperação	Dança Jogos cooperativos
Domínio psicomotor	Dança

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, ainda que tais conteúdos não tiveram tempo de serem aprofundados nessa UD aplicada a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo, sua diversidade pôde promover a ênfase buscada nas relações interpessoais/intrapessoais conforme descrito no percurso investigativo.

3 PERCURSO INVESTIGATIVO

A partir dos objetivos propostos para este estudo, o mesmo se deu de natureza qualitativa, sendo que, para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa utiliza o ambiente onde se estabelecem as relações de ensino e aprendizagem como fonte direta de dados, com o professor-pesquisador atuando como o principal instrumento da coleta de dados.

Nesta perspectiva, foi realizada uma pesquisa-ação, que além de produzir conhecimentos novos para a área da educação, também atua formando sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos, como afirma Franco (2005, p. 483):

O trabalho realça que a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

Os dados coletados são em forma de palavras ou imagens, e não de números, e os resultados incluem citações para ilustrar a apresentação. Os pesquisadores qualitativos estão interessados no processo, na negociação de significados e na história dos eventos estudados. Eles analisam os dados de forma indutiva, construindo abstrações à medida que os dados coletados pelo instrumento escolhido se agrupam, e atribuem importância vital ao significado na vida das pessoas.

Essa pesquisa seguiu pelas seguintes etapas descritas abaixo para uma coleta eficiente e com resultados relevantes a serem considerados e, posteriormente, subsidiar novas intervenções e pesquisas.

3.1 Universo da pesquisa

A pesquisa se deu em uma escola municipal de periferia em uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo, a qual margeia a periferia de uma grande cidade da região, contendo matriculados 468 alunos nos anos iniciais do ensino

fundamental, 534 nos anos finais do ensino fundamental, 22 na EJA e 20 alunos na educação especial (Fonte¹, 2024).

A rede municipal em questão contempla 39 escolas municipais, nos ensinos infantil, fundamental e uma de ensino misto médio/técnico, no período noturno, oferecendo as modalidades regulares de ensino, educação de jovens e adultos e técnica (Fonte¹, 2024).

Por se tratar de uma pesquisa que buscou analisar estratégias, conteúdos e intervenções pedagógicas que poderiam interferir diretamente na atitude dos estudantes, como apresentar um comportamento considerado indisciplinado, a técnica de coleta por meio de um diário de aula (Zabalza, 2004), pareceu ser o mais adequado para o seu desenvolvimento, em conjunto com uma entrevista semiestruturada (Negrine; 1999).

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 29 alunos regularmente matriculados em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal na qual o professor-pesquisador atua.

3.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de informações

Pensando nas possibilidades e nas intervenções pedagógicas a que se pretendeu estudar, a partir de uma pesquisa qualitativa com característica participante segundo Bogdan e Biklen (1994), registrando em diários de aula (Zabalza, 2004), os quais contêm um detalhado registro de ações, intervenções e observações procedimentais e atitudinais, nas quais foram empregados para uma elaboração eficaz das considerações e reflexões sobre os comportamentos e reflexões apresentadas pelos estudantes durante as aulas e também por meio de uma entrevista semiestruturada (Negrine; 1999) que foi realizada na aula final desta unidade didática.

Segundo Zabalza (2004, p. 13) diários de aula “[...] são os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo

¹ As informações aqui apresentadas foram retiradas do portal eletrônico oficial do município onde a pesquisa foi realizada, mas por motivo de sigilo dos participantes deste estudo, a sua referência bem como o sítio eletrônico não estão aqui divulgados.

em suas aulas”. O autor destaca ainda que sua definição não é totalmente fechada pois pode conter pequenas variações em conteúdos ou processo de coletas por exemplo, além de não restringir a uma única periodicidade, desde que uma continuidade e um tipo de sistematização seja pré-determinada e seguida.

Assim, foi analisada uma unidade didática oferecida em doze aulas de Educação Física, sendo duas aulas por semana, de 50 minutos cada, que procurou estabelecer uma relação, como o referencial metodológico afirma existir entre conteúdos, metodologias pedagógicas e o comportamento dos alunos, observando e registrando em diários de aula (Zabalza, 2004) os principais fatos ocorridos nas aulas.

As anotações se deram em um primeiro momento por meio do registro de vídeos, áudios e notas eletrônicas em aplicativos do aparelho celular do professor-pesquisador, e ao final da jornada de trabalho do mesmo foram transcritas para o diário de aula.

Toda e qualquer forma de registro foi mantido em total sigilo e utilizado apenas para os fins deste estudo, sendo apagados após a finalização do mesmo.

Sobre a entrevista semiestruturada aplicada na aula final desta unidade didática aos alunos participantes da pesquisa, Negrine (1999) afirma que além da possibilidade de tratar de questões previamente estabelecidas pelo pesquisador, permite a flexibilidade de se pontuar, aprofundar ou considerar alguma informação relevante percebida no processo, tendo sido realizada com dez estudantes sorteados da mesma turma e que aceitaram participar deste trabalho.

Dessa forma, o roteiro de perguntas seguido foi como descrito abaixo:

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?
2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.
3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?
4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

O professor-pesquisador explanou sobre o estudo para todos os estudantes da turma do 7º ano, os(as) convidando a participarem da pesquisa. Feito isto, o critério de inclusão, recrutamento e seleção dos estudantes na pesquisa se

deu pelo aceite em participar da mesma com manifestação de interesse em participar da pesquisa pelo próprio menor (TALE – Anexo A) e com a condicionante aprovação dos pais e/ou responsáveis pelo menor (TCLE – Anexo B).

Dentre os que manifestaram aceite em participar, foram sorteados dez estudantes para responderem às questões da entrevista semiestruturada. Caso algum estudante sorteado não tivesse interesse em participar da entrevista, isto seria respeitado e outro estudante seria sorteado, sem que o mesmo fosse prejudicado durante as aulas. O critério de exclusão dos estudantes para a participação da pesquisa e da realização da entrevista se deu pelo não aceite em participar do estudo.

É importante ressaltar que os estudantes foram informados que a recusa em participar da pesquisa não impediria a participação nas aulas de EF e, também, não prejudicaria a avaliação de desempenho escolar dos(as) mesmos(as). E, desta forma, dois estudantes não participaram deste estudo, assim não foram registradas e/ou analisadas nenhuma informação relacionada aos(às) discentes que se recusaram a participar da pesquisa.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados foi seguido o cronograma de observações do número de aulas estipulado, com registros das impressões e dados relevantes observados durante as aulas, registrados em diários de aula (DA) de maneira detalhada, a fim de manter rigor metodológico para análise, além de procurar exprimir uma importante riqueza de detalhes observados, valendo-se de filmagens e gravações em áudio em aparelho celular para registros e posterior transcrição.

A rotina escolar, dada a natureza da pesquisa, orientou a construção do cronograma, baseando-se nas frequências das aulas ministradas, ou seja, com duas aulas semanais de 50 minutos cada, a coleta de dados levou dez semanas, entre 30/07/2024 e 23/09/2024.

Quadro 2: Síntese da Unidade Didática.

AULA	DATA	TEMA	ATIVIDADE
1	30/07	Apresentação	Explicações sobre a UD
2	05/08	Jogos de oposição-cooperação	Queimada
3	06/08	Jogos de oposição-cooperação	Rouba bandeira
4	12/08	Lutas oposição	Jogos de combate
5	13/08	Lutas oposição	Lutas adaptadas
6	19/08	Dança cooperação	Dança moderna
7	20/08	Dança cooperação	Danças de salão
8	02/09	Jogos cooperativos	Lençolbol, Nó humano e Campo minado
9	03/09	Jogos cooperativos	Estafetas, Caneta na garrafa e circuito
10	09/09	Esporte coletivo oposição-cooperação	Voleibol
11	10/09	Esporte coletivo oposição-cooperação	Futsal
12	23/09	Pesquisa/Encerramento	Aplicação de entrevista e avaliação final

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram considerados para as análises dos dados as ações ou atitudes apresentadas durante todo o decorrer das aulas bem como as falas dos estudantes na roda de conversa ao final das mesmas.

3.5 Unidade Didática (UD)

A unidade didática foi assim organizada: em uma primeira aula foram apresentados e explicados aos alunos, seus conteúdos, objetivos pedagógicos e método de avaliação, dez aulas de cinquenta minutos cada foram utilizadas para as intervenções pedagógicas e coleta dos dados através de cinco unidades temáticas descritas a seguir, as quais se observaram as interações entre os alunos com os pares, com o professor-pesquisador, sua relação com as regras e atitudes em geral.

A última aula foi utilizada para a realização da entrevista descrita no tópico anterior, com o objetivo de compreender além das questões previamente estipuladas pelo professor-pesquisador, mas considerar informações relevantes que pudessem surgir no processo ou por meio das respostas dos discentes.

Foram utilizadas as seguintes atividades neste estudo: queimada, rouba bandeira, jogos de combate, lutas adaptadas, danças, jogos cooperativos, voleibol e futsal, nesta sequência, dispostos em duas aulas para cada unidade temática, na perspectiva do currículo cultural, que valoriza a diversidade cultural e as práticas corporais de diferentes grupos sociais, priorizando processos democráticos para definir temas e atividades de ensino, incentivando a reflexão crítica sobre práticas corporais e suas manifestações sociais, buscando conectar diferentes manifestações culturais e promover o compartilhamento e a análise de seus significados (Müller; Neira, 2018).

Estes conteúdos foram escolhidos pela familiaridade dos estudantes com os mesmos, uma vez que o professor-pesquisador lecionava na mesma unidade escolar havia quase 17 anos e já tinha trabalhado tais conteúdos em outras oportunidades, além de proporcionar uma mudança consecutiva nos papéis estabelecidos entre oposição e cooperação.

Cada aula desta UD foi organizada em três momentos:

- Parte Inicial: O conteúdo, objetivo e critérios avaliativos da aula foram explicados aos alunos, bem como a lógica interna da prática corporal de maneira contextualizada.
- Parte Principal: Nesta etapa se deu o desenvolvimento da prática corporal em si, com as devidas intervenções pedagógicas, correções e auxílios às dúvidas.

- Parte Final: Em uma roda no meio da quadra, os alunos foram questionados pelo professor, que buscou criar estratégias para uma participação efetiva de todos os alunos, sobre seus procedimentos e compreensão da prática, como assimilação de regras, estratégias e suas atitudes frente aos colegas.

A seguir está uma apresentação da UD que foi elaborada pelo professor-pesquisador para este estudo, com base nos elementos da cultura corporal de movimento apresentados na BNCC, composta por 12 aulas de 50 minutos cada.

Aula 01

Tema: Apresentação do tema proposto na unidade didática.

Procedimentos:

Em um primeiro momento, a pesquisa realizada pelo professor-pesquisador foi explicada aos alunos, apresentando o planejamento da unidade didática que seria oferecida, reforçando seu caráter pedagógico, bem como as expectativas em relação aos alunos quanto aos procedimentos e participação proativa das atividades propostas.

Também foi explicitado como a unidade didática seria ofertada a todos os estudantes, independente dos mesmos terem aceitado participar da pesquisa em questão, esclarecendo os critérios avaliativos a todos os alunos.

Foram apresentadas as cinco unidades temáticas (jogos de oposição, lutas, danças, jogos cooperativos e esportes coletivos) as quais os alunos vivenciaram e foi oferecido um momento para que, em diálogo, as dúvidas pudessem ser sanadas e sugestões sobre os conteúdos, apreciadas.

Aula 02

Tema: Jogos de oposição-cooperação

Conteúdo: Queimada.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo como colegas/cooperadores, adversários, árbitro, além da assimilação e atitude frente às regras do jogo.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre a queimada, principais regras e objetivo.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência da queimada e variações.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 03

Tema: Jogos de oposição-cooperação

Conteúdo: Rouba-Bandeira

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente às regras do jogo.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre o rouba-bandeira, principais regras e objetivo.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência do rouba-bandeira e variações.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 04

Tema: Lutas-oposição

Conteúdos: Jogos de combate.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo de oposição como adversário, árbitro, além da assimilação e atitude frente às regras da atividade.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / explicação sobre lutas, diferença entre as possíveis dinâmicas e categorias, como as diferentes relações entre as distâncias existentes, uso ou não de implementos como armas e seus objetivos/metasp como critérios de pontuação.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência dos jogos de oposição / combate: Desequilíbrio, cabo de guerra e pega-colete.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 05

Tema: Lutas-oposição

Conteúdo: Vivência sobre artes marciais.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo de oposição como adversário, árbitro, além da assimilação e atitude frente às regras da atividade.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / explicação sobre lutas, diferença entre as possíveis dinâmicas e categorias, como as diferentes relações entre as distâncias existentes, uso ou não de implementos como armas e seus objetivos/metasp como critérios de pontuação.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.

- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência das lutas adaptadas: Sumô, karate e esgrima.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 06

Tema: Dança-cooperação

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação da dança, como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente aos critérios técnicos, estéticos e artísticos da dança.

Procedimentos:

Parte inicial

- Conversa sobre os estilos e ritmos de dança conhecidos e/ou praticados pelos alunos, seus objetivos, papéis, significados e objetivos.
- Explicação sobre os objetivos da aula, apresentação em vídeo sobre os principais estilos de dança, individuais e/ou coletivos.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência dos principais estilos de dança discutidos na parte inicial.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 07

Tema: Dança-cooperação

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação da dança, como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente aos critérios técnicos, estéticos e artísticos da dança.

Procedimentos:

Parte inicial

- Conversa sobre os estilos/modalidades de dança conhecidos e/ou praticados pelos alunos, seus objetivos, papéis, significados e objetivos.
- Explicação sobre os objetivos da aula, apresentação em vídeo sobre as principais modalidades de dança de salão.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência das principais modalidades de dança de salão apresentadas na parte inicial.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 08

Tema: Jogos cooperativos.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo cooperativo (ou semi-cooperativo) como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente às regras e objetivos do jogo.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre jogos cooperativos, princípios e objetivos.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência dos jogos cooperativos e semi-cooperativos: “Lençolbol”, “nó humano” e “campo minado”.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 9

Tema: Jogos cooperativos.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do jogo cooperativo (ou semi-cooperativo) como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente às regras e objetivos do jogo.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre jogos cooperativos, princípios e objetivos.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência dos jogos cooperativos e semi-cooperativos: Estafetas cooperativas, “caneta na garrafa” e circuito vendado.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 10

Tema: Esporte coletivo - oposição-cooperação

Conteúdo: Voleibol.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do desporto como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente às regras do esporte.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre o voleibol, principais regras e objetivo.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência do jogo de voleibol adaptado e voleibol propriamente dito.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 11

Tema: Esporte coletivo - oposição-cooperação

Conteúdo: Futsal.

Objetivos: Experimentação do conteúdo programado, destacando as relações interpessoais e os papéis assumidos na manifestação do desporto, como colegas/cooperadores, adversários, árbitros, além da assimilação e atitude frente às regras do esporte.

Procedimentos:

Parte inicial

- Apresentação / revisão sobre o futsal, principais regras e objetivo.
- Explicação sobre os objetivos da aula, bem como as expectativas em relação às atitudes dos alunos e os critérios de avaliação.
- Aquecimento e alongamento.

Parte principal

- Vivência do esporte futsal.

Parte final

- Em roda de conversa, discutir sobre o andamento da aula, refletir sobre o comportamento apresentado, a participação dos alunos e dos principais pontos que chamaram a atenção dos estudantes.

Aula 12

Tema: Conclusões e aplicação da entrevista.

Procedimentos:

Foi realizada com os alunos sorteados a entrevista Semiestruturada descrita na metodologia da pesquisa, e aos demais alunos aplicado um questionário avaliativo. Foi oferecida a oportunidade dos alunos expressarem verbalmente suas percepções e questões relevantes sobre a UD vivenciada, se assim desejassem.

Fonte: Elaborada pelo autor.

3.6 Aspectos Éticos

Os riscos desta pesquisa estavam associados aos riscos característicos de uma aula de EF, ou seja, onde os alunos podem trombar, escorregar, cair e se machucar. Contudo, caso tivesse surgido alguma ocorrência, prontamente o professor-pesquisador teria dado toda a assistência necessária, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se fosse o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizessem necessários (avisar a família e/ou responsável e acionar o serviço de atendimento médico de urgência – SAMU).

Os benefícios da pesquisa estão associados à vivência de aulas de EF na perspectiva do currículo cultural experimentada pelos estudantes, sua sensibilização à problemática tratada, bem como auxiliar professores de EF a compreender melhor e serem equipados com informações que tratam do comportamento indisciplinado de alunos e alunas, além de fornecer contribuições para novas pesquisas na área.

As perguntas da entrevista semiestruturada não foram invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, a participação na pesquisa pode gerar desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento como resultado da exposição de opiniões pessoais. O professor-pesquisador esteve atento a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher, fornecer suporte e apoio aos(as) participantes que poderiam se sentir abalados(as) de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso o(a) estudante se sentisse desconfortável com a situação, houve a liberdade de não participar, podendo interromper a participação a qualquer momento.

Todas as crianças participantes da pesquisa receberam uma via impressa do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e seus respectivos pais e/ou responsáveis receberam do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice B). Para que isso acontecesse de maneira responsável, os TALE e TCLE foram lidos e explicados para as crianças e para os pais e/ou responsáveis, com o intuito de esclarecer toda e qualquer dúvida que pudesse existir sobre a pesquisa e para deixar claro que todas as crianças iriam participar das aulas sem distinção de quem aceitasse ou não participar da pesquisa.

Quero destacar que como a pesquisa se deu durante as aulas de EF do próprio professor-pesquisador, quem não quis participar da pesquisa não teve nenhum prejuízo ou desconforto nas aulas. Os estudantes não tiveram gastos com transporte ou alimentação durante a pesquisa, já que estavam presentes nas aulas regulares de EF na escola, sendo que qualquer imprevisto ocasionado em função da mesma teria sido ressarcido pelo professor-pesquisador. As informações das crianças que não aceitaram participar da pesquisa não foram utilizadas de maneira alguma nos dados da pesquisa. Já as crianças que participaram da pesquisa, tiveram seus nomes trocados pelo professor-pesquisador para nomes fictícios, quando citados, com o objetivo de não identificar e nem expor os estudantes envolvidos.

Vídeos e áudios produzidos durante as aulas também não foram usados na pesquisa de forma a expor as crianças, pois foram usados somente para auxiliar na memória do professor-pesquisador para a construção dos diários de aula. Imediatamente após a produção dos diários de aula pelo professor-pesquisador, os vídeos e áudios foram apagados sem possibilidades de acesso futuro. Sendo analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Carlos, o presente estudo foi aprovado sob o parecer N^o: 6.816.497, CAAE: 78715824.0.0000.5504.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com base em múltiplas leituras dos diários de aula, conforme os princípios estabelecidos por Zabalza (2004), procedeu-se à seleção de trechos, frases ou palavras que se destacaram por estabelecerem uma relação direta ou indireta com o tema central da pesquisa em desenvolvimento. Essa seleção foi conduzida em conformidade com a categorização metodológica proposta por Gomes (2002), a fim de assegurar maior precisão e coerência na análise dos dados.

Posteriormente, os excertos selecionados foram organizados em códigos específicos, tomando como critério principal a identificação de situações de indisciplina passíveis de intervenção direta por parte do professor. Tal recorte revelou-se pertinente a partir das reflexões e interpretações realizadas durante a análise dos diários. Essas situações incluíram, por exemplo, orientações fornecidas pelo docente a respeito do andamento e dos objetivos das aulas, bem como ações mediadas ou indiretas, como as providências adotadas frente a episódios de agressão ou ofensas entre os estudantes. Esse processo visou aprofundar a compreensão dos contextos de intervenção docente e sua relevância no enfrentamento de problemas disciplinares no ambiente escolar.

Ao todo, foram observados 12 códigos nesta etapa, a saber:

Quadro 3: Lista de códigos.

Atitudes indisciplinadas
Percepção da indisciplina
Participação ativa dos alunos
Atitudes coletivas
Atitudes positivas
Problemáticas associadas à organização escolar
Expectativas do professor
Expectativas dos alunos
Considerações táticas

Relação: Conteúdo X Atitude dos alunos
Intervenções do professor-pesquisador
Experiências prévias/Extraclasse dos alunos

Fonte: Elaborado pelo autor.

A etapa subsequente no processo de organização e classificação dos dados consistiu na elaboração de categorias, conforme a abordagem metodológica proposta por Gomes (2002). Nesse contexto, os códigos iniciais foram analisados e posteriormente agrupados com base em critérios de similaridade ou elementos em comum que pudessem ser identificados em sua essência.

A partir dessa sistematização, emergiram três categorias distintas, cuja apresentação foi estruturada em quadros diferenciados por cores, com o objetivo de facilitar a identificação visual e promover maior clareza na interpretação dos dados. Essa estratégia permitiu não apenas uma organização mais lógica e acessível das informações, mas também contribuiu para a análise das relações entre os códigos e as categorias resultantes, viabilizando uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos investigados.

A divisão nas categorias também contribuiu para a análise dos dados oriundos das entrevistas realizadas com 10 alunos sorteados durante a última aula prevista na UD.

A utilização de cores para destacar as informações nos diários de aula e nas entrevistas possibilitou uma visualização mais clara e organizada dos dados, o que contribuiu significativamente para uma compreensão mais aprofundada dos mesmos. Essa estratégia permitiu enumerar as ocorrências com maior precisão, contextualizar as situações descritas e as respostas dadas, para estabelecer conexões entre os conteúdos abordados e os episódios de indisciplina, que constituem o objeto central de estudo deste trabalho. Dessa forma, a aplicação desse recurso visual revelou-se fundamental para a análise e sistematização das informações coletadas, ampliando a eficácia do processo investigativo.

Quadro 4: Categorias de codificação.

Atitudes indisciplinadas	→	Expectativas do professor
Percepção da indisciplina		Relação: Conteúdo X Atitude dos alunos
Participação ativa dos alunos		Intervenções do professor-pesquisador
Atitudes coletivas	→	Considerações táticas
Atitudes positivas		Atitudes indisciplinadas
Problemáticas associadas à organização escolar		Percepção da indisciplina
Expectativas do professor		Expectativas dos alunos
Expectativas dos alunos		Participação ativa dos alunos
Considerações táticas		Atitudes coletivas
Relação: Conteúdo X Atitude dos alunos		Atitudes positivas
Intervenções do professor-pesquisador		Problemáticas associadas à organização escolar
Experiências prévias/Extraclasse dos alunos		Experiências prévias/Extraclasse dos alunos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Desta forma, as três categorias criadas a partir das categorias de codificação foram:

1. *Atitudes propositivas e reativas do professor-pesquisador;*
2. *Atitudes propositivas e reativas dos(as) estudantes;*
3. *Questões relacionadas à escola e à comunidade escolar.*

4.1 Atitudes Propositivas e Reativas do Professor-Pesquisador

A primeira categoria vem tratar das ações ou possibilidades de intervenção que se manifestaram ativamente por iniciativas do professor, ao apresentar e construir com os estudantes regras e princípios norteadores no início do período letivo para a boa convivência e melhor aproveitamento dos conteúdos aplicados, ao selecionar os conteúdos e metodologias a serem aplicados em aula e também ao manter uma postura de diálogo na qual os estudantes pudessem argumentar e se posicionar frente às situações de conflitos ou quaisquer demandas, relacionadas ou não ao tema de estudo deste trabalho.

A possibilidade de se pensar nas implicações éticas e morais oportunizadas nas vivências dos diversos conteúdos da EF é relevante.

A aula de Educação Física segundo Goes (2012) apresenta-se como uma valiosa oportunidade para a implementação de estratégias pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica dos estudantes acerca da constante busca pela vitória. Cabe ao professor promover situações que incentivem atitudes éticas nas interações interpessoais, questionando a ideia de que vencer é sempre necessário e que apenas ser o primeiro importa. Tais práticas pedagógicas ultrapassam os limites da escola, refletindo também em espaços de lazer e contribuindo, inclusive, para a vivência mais consciente e prazerosa dessas experiências.

Tal relação foi observada pelo professor-pesquisador em algumas situações durante a aplicação da UD proposta neste trabalho, proporcionando momentos de reflexões e atitudes de interações positivas e, por vezes, momentos de conflitos e atitudes indisciplinadas, como podem ser observados nos trechos destacados dos Diários de Aula (DA)².

A princípio, foi uma bagunça completa. Alguns alunos apenas riam e faziam pouco caso do jogo, mas à medida que a atividade progrediu, notei que, aos poucos, começaram a colaborar mais. Eles perceberam que, se não sincronizasse os movimentos, a bola caía toda hora. A comunicação começou a fluir melhor, e as equipes começaram a se ajudar para conseguir o objetivo (DA 08).

² Para melhor compreensão do leitor, utilizaremos a indicação “DA” seguida do número equivalente à respectiva aula ministrada. Desta forma, quando aparecer, por exemplo, “DA 08” é porque estamos nos referindo ao Diário de Aula número oito, correspondente à oitava aula. E assim sucessivamente. Todos os diários de aula encontram-se na íntegra no Apêndice C.

Na aula de número oito, foram trabalhados os jogos cooperativos com a turma, indicando uma proposta de interação entre os participantes que raramente é encontrada em outros conteúdos.

O conceito de cooperação existente nos jogos cooperativos remete à ideia de algo que deve ser vivenciado de forma coletiva, conforme afirma Goes (2012), por meio do compartilhamento e da participação conjunta. Nesse sentido, a inclusão torna-se um elemento fundamental para viabilizar esse encontro entre os sujeitos. Além disso, o caráter lúdico e o clima de descontração também se mostram componentes relevantes nesse processo, contribuindo para a construção de experiências significativas e integradoras.

Nas aulas onde as propostas eram conteúdos que enfatizavam a cooperação entre os participantes, pode-se perceber como indicado abaixo, observações feitas nos DA onde o professor-pesquisador destacou a relação entre o conteúdo planejado e as atitudes dos alunos.

Comentei como a proposta havia feito com que a relação entre eles fluísse de modo a apresentar menos conflitos e desrespeito. Houve liberdade e até incentivo na participação uns com os outros, que incentivavam a participação dos demais. Falei também sobre como não houveram episódios de ofensas ou reclamações entre os estudantes, pois o foco da atividade não era competitivo em si mesma (DA 07).

Outra consideração importante observada, foram as respostas dos estudantes frente às atividades propostas, que em algumas situações superaram as expectativas do professor-pesquisador, e refletiram reações positivas espontâneas.

Alguns mencionaram que nunca tinham pensado na dança como uma forma de se expressar e como uma atividade física que poderia até ser considerada como intensa, e estavam surpresos com o quanto gostaram da experiência (DA 06).

Quando a “temida” temática das lutas foi abordada, a metodologia e a curiosidade gerada pelas expectativas dos alunos proporcionaram situações positivas também no comportamento dos participantes, refletida no engajamento da turma com as atividades propostas, e no respeito e cuidado com os colegas/adversários.

Notei que a aula foi bastante produtiva, com a participação de todos os alunos presentes, apesar dos conflitos isolados. Pude na roda de conversa

comentar como nessa atividade, trabalhando a temática das lutas, menos brigas e conflitos diversos haviam surgido, permitindo assim gerar perguntas disparadoras sobre as razões das mesmas ocorrerem com frequência naquela sala (não apenas nas aulas de Educação Física), e muitos alunos participaram comentando e contribuindo nas discussões (DA 05).

Uma observação surgida na prática do jogo de oposição-cooperação conhecido como “Cabo de Guerra”, que proporciona em sua lógica a cooperação e oposição, revelou a surpresa do professor-pesquisador ao comparar a prática com os esportes coletivos.

Pude notar como não houve trocas de ofensas ou críticas entre os integrantes de uma mesma equipe, quando derrotada, algo frequente nos esportes coletivos, quando um colega erra e perde a posse de bola ou uma finalização, por exemplo (DA 04).

Nascimento (2007) enfatiza a importância de procurar combater o estigma entre o estudo orientado da temática da luta na escola e sua suposta relação com a indisciplina e a violência, reforçando a observação sobre a maneira ou metodologia a ser apresentada e conduzida a temática, em uma abordagem que pode extrapolar para as demais práticas corporais.

Nascimento (2007) descreve que ao longo do desenvolvimento das aulas em sua pesquisa, não foram observados comportamentos violentos ou agressivos, seja de ordem física ou verbal. Pelo contrário, segundo o autor, houve um envolvimento constante dos alunos nas tomadas de decisão, bem como um cuidado notável no cumprimento dos acordos previamente estabelecidos. Para ele, os resultados obtidos relativizam a ideia de que a violência seria um fator restritivo à abordagem desse tipo de conteúdo na disciplina de Educação Física. O autor ressalta ainda que o aspecto fundamental está na forma como se conduz pedagogicamente a tematização desses conteúdos, o que se aplica não apenas ao futebol, mas também às demais manifestações da cultura corporal de movimento. Assim, reforça que qualquer conteúdo, quando tratado sem uma fundamentação adequada e sem intencionalidade pedagógica, pode gerar conflitos e situações de hostilidade.

Ainda que a ideia realçada nesta seção seja a relação entre as atitudes dos alunos e os conteúdos programáticos planejados, importa ressaltar que houve a necessidade de intervenções para o melhor andamento da aula.

Enquanto observava a atividade, vi que alguns alunos preferiam adotar uma postura defensiva, protegendo suas fitas, enquanto outros eram mais ousados, tentando capturar o máximo de fitas possível. Intervenções foram necessárias em alguns momentos, para lembrar que, embora o jogo fosse competitivo, o respeito ao adversário era essencial. Foi interessante ver a evolução na forma como se movimentavam e se protegiam, cada vez mais conscientes do espaço e da necessidade de planejar suas ações (DA 05).

Outro ponto importante a destacar neste trecho do DA 05, é a assimilação do conteúdo proposto, evidente quando os estudantes começaram a criar táticas baseadas nas regras da atividade apresentada. Mesmo no contexto deste estudo, que buscou ressaltar as relações interpessoais/intrapessoais, a dinâmica das aulas intentou também oportunizar vivências significativas das práticas abordadas.

Este fato traz luz ao intento desta pesquisa, uma vez que as considerações, intervenções e planejamento do professor se mostraram como elementos capazes de promover situações para a reflexão sobre os conflitos e a indisciplina, e são de natureza propositiva ao docente, que pode inclusive reforçar a relação destes elementos em sua prática ao abordar demandas de indisciplina.

Ao reagir demonstrando as possibilidades de integrar as dimensões das regras, táticas e atitudes solidárias nas relações propostas nas práticas corporais, são criadas oportunidades para que os conflitos entre vencer e ser solidário aos colegas surjam e sejam processados, abrangendo questões de habilidades motoras, gênero e intimidade em um círculo de amizades.

- Os meninos só tocam entre si. - Falou a Laura.

Nesse momento, aproveitei para falar sobre as possibilidades de, estrategicamente, aproveitar as oportunidades para tentar queimar, mas também perceber outros momentos onde os adversários teriam se afastado, e então faria mais sentido tocar a bola a um companheiro melhor posicionado, o que seria mais inteligente, pensando na dinâmica do jogo, e também mais solidário, ao proporcionar a participação ativa dos demais colegas (DA 02).

A disciplina de Educação Física, segundo Conti (2015), ao longo de sua história, tem sido tradicionalmente compreendida como um espaço destinado à formação moral dos indivíduos. Essa formação, no entanto, assumiu diferentes significados e conotações ao longo do tempo, variando de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais em que estava inserida. Os valores transmitidos pela Educação Física foram moldados pelas transformações e mudanças que ocorreram na sociedade em geral, refletindo os ideais predominantes de cada época.

Atualmente, no cenário educacional contemporâneo, a Educação Física se propõe a ir além da mera transmissão de valores ou normas pré-estabelecidas. O objetivo central é favorecer o desenvolvimento de uma moral autônoma nos indivíduos, ou seja, contribuir para a formação de pessoas capazes de refletir, criticar e tomar decisões éticas de maneira independente, com base em princípios que promovam o respeito, a convivência democrática e o bem-estar coletivo. Dessa forma, o papel da Educação Física se alinha a um modelo de educação mais amplo, que busca formar cidadãos conscientes e responsáveis (Conti, 2015).

Assim, intervenções realizadas juntos aos estudantes, apontando considerações sobre táticas e ofertando soluções nas variações das práticas propostas, fomentaram atitudes mais coletivas ao decorrer das aulas e das atividades.

Quando estava quase na metade da aula, chamei os alunos para uma roda de conversa novamente no centro da quadra e propus algumas alterações nas regras. Agora seriam possíveis realizar passes, desde que para colegas que estivessem na mesma linha paralela ao jogador com posse da bola (bandeira), ou que estivesse um pouco atrás, de maneira semelhante ao rugby. Essa nova possibilidade não surtiu muitas mudanças no início, mas com o passar do tempo, alguns passes foram surgindo e as equipe foram pontuando e aplicando as novas regras nas jogadas, com táticas mais coletivas e eficientes (DA 03).

As falas dos estudantes ao final da atividade refletiram indícios de uma solidariedade que se sustenta em valores autônomos, foco deste presente estudo.

- Alguém aqui entendeu o motivo das mudanças nas regras? - Perguntei novamente, ao que se seguiu um momento de silêncio.
- Para tocar mais a bola, e jogar em equipe? - Arriscou Breno.
- Por causa que tem muita gente fominha nessa sala. - Desabafou Marcos.
- E você, Marcos, você acha que foi mais fominha, ou tocou mais a bola? - Perguntei.
- Eu fui fominha também, pois ninguém queria tocar a bola pra mim. Só no final eu toquei um pouco. - Confessou.
- Certo - Comentei. - Esse era o objetivo das mudanças nas regras, que vocês pudessem pensar de maneira mais coletiva, pois esse jogo não é individual. Ainda que um aluno ou outro possa correr mais rápido, ou ainda trocar de direção rapidamente para enganar o adversário, sozinho não dá pra ganhar esse jogo.
- Verdade professor, deu pra perceber. - Comentou Mariana (DA 03).

Considerando as prerrogativas dos professores e professoras no enfrentamento da indisciplina, Oliveira e Graça (2013) apontam que os docentes tendem a atribuir indisciplina a fatores externos, como características dos alunos,

negligência dos pais e desestruturação familiar, minimizando aspectos internos da escola. Essa postura pode dificultar a busca por soluções no âmbito pedagógico, especialmente dentro da sala de aula.

Importa destacar que as autoras afirmam que essa postura docente interfere na busca por soluções para a problemática da indisciplina, o que vale ressaltar, dificilmente uma solução será proposta em um ambiente escolar onde não se está buscando ou considerando tal problemática, em uma atitude semelhante ao abandono do trabalho docente popularmente chamado de “rola-bola”.

Comentei como cada estilo poderia ser explorado em outro momento dentro de seus respectivos contextos, e lamentei a falta de tempo nessa proposta em apresentar tantos conteúdos diversificados em uma sequência mais rápida, contudo, essas reflexões me permitiram também naquele momento retomar com os alunos os objetivos da UD bem como do estudo que lhe deu origem (DA 07).

Durante a segunda aula com a temática da dança, após conversar com a turma sobre uma rápida apresentação da mesma, alguns estilos musicais e da dança identificados com contextos sociais e apreciados por alguns estudantes, foi sentida a necessidade de mais tempo para explorar a temática, algo que também ocorreu em outras práticas, uma vez que este trabalho objetivou também evidenciar as relações interpessoais/intrapessoais, por meio de práticas corporais propostas de maneira significativa e contextualizada.

De modo geral, observa-se que o termo *práticas corporais* tem sido amplamente utilizado na literatura como uma expressão que abrange múltiplas formas de atividades físicas e manifestações culturais que envolvem o corpo em movimento. Essa nomenclatura, segundo Lazzarotti Filho (2010), tem ganhado relevância no campo da Educação Física por seu caráter abrangente e inclusivo, permitindo a valorização de saberes e experiências corporais diversas, para além das práticas tradicionalmente legitimadas pelo esporte institucionalizado. Dentre essas manifestações, incluem-se atividades motoras e de lazer, práticas ginásticas e esportivas, expressões artísticas e culturais como a dança, o circo e a capoeira, além de jogos, lutas, exercícios físicos voltados à saúde, dietas, e até intervenções corporais como as cirurgias estéticas.

Tal amplitude reflete uma compreensão ampliada do corpo e da cultura corporal, reconhecendo a multiplicidade de sentidos atribuídos às práticas corporais

nas diferentes realidades sociais e históricas. Nesse sentido, o uso do termo contribui para um olhar mais crítico e plural na abordagem pedagógica desses conteúdos, favorecendo a construção de práticas educativas que respeitem a diversidade, a identidade e as vivências dos sujeitos envolvidos.

Dessa maneira, podemos compreender que o termo "práticas corporais" se apresenta como uma escolha mais apropriada para os objetivos deste estudo, como se tem visto, pois ultrapassa a visão reducionista de movimentos ou gestos humanos como meras ações físicas desprovidas de contexto. Essa expressão incorpora uma perspectiva mais ampla e complexa, reconhecendo que os movimentos do corpo estão profundamente entrelaçados com os fatores culturais, sociais e históricos que os envolvem.

Ao adotar essa terminologia, procuramos atribuir aos gestos e às ações corporais um significado que vai além de sua funcionalidade imediata, valorizando as múltiplas camadas de interpretação e os diversos sentidos que podem emergir a partir deles. Assim, as práticas corporais passam a ser entendidas como manifestações carregadas de simbolismos, representações culturais e interações sociais, o que enriquece a compreensão sobre o papel do corpo e do movimento humano nas dinâmicas sociais e culturais mais amplas. Essa abordagem, portanto, possibilita uma análise mais profunda e significativa, que dialoga com as dimensões subjetivas e coletivas das experiências corporais (Lazzarotti Filho, 2010).

Assim, quando dividimos as categorias em uma lógica de possibilidades de interferência docente nas esferas atingidas, o que se buscou observar foram as possibilidades de intervenções possíveis, ainda que a situação ou a natureza da demanda indique uma ação direta ou indireta acerca da indisciplina e da autonomia moral.

Importa ressaltar que quando questionados sobre as possíveis causas da indisciplina na sala de aula, um dos fatores que foi levantado nas entrevistas aponta para a liberdade excessiva concedida pelos pais, contudo alguns alunos percebem que o comportamento indisciplinado é influenciado por dinâmicas coletivas, como incentivo mútuo entre os colegas.

Três alunos relacionam a questão à falta de regras claras ou controle por parte dos educadores, destacando a possibilidade de uma intervenção mais assertiva.

4.2 Atitudes propositivas e reativas dos(as) estudantes.

4.2.1 Dimensões que emergiram dos estudantes

Na busca por elementos significativos que pudessem subsidiar a análise dos dados, a partir dos códigos desenvolvidos e alocados nesta categoria, identificamos, mediante múltiplas leituras dos DA, a emergência de duas subcategorias. A primeira delas, intitulada “Dimensões que emergiram dos estudantes”, abarca os códigos denominados: Atitudes indisciplinadas, Percepção da indisciplina e Expectativas dos alunos.

A maioria dos alunos entrevistados (80%) considera a turma como indisciplinada, ainda que alguns indiquem variações, como "mais ou menos" ou em "momentos específicos". Os motivos citados recorrentes incluem bagunça excessiva durante as aulas, desrespeito aos professores e colegas.

P1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? R(Marcos): Sim. Por que nós fazemos bagunça pra caramba ao invés de fazer lição, e brigamos com todo mundo (ES 05)³.

Em um dos casos, um dos alunos respondeu que a percepção da indisciplina na sala de aula era evidente.

P1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? R(João): Lógico, porque eles brigam muito, xingam muito, fazem brincadeira de mal gosto, exemplo ó, um menino pegou uma arminha e atirou em mim. Não tiram nota boa por que não se concentram nas aulas (ES 03).

Brincadeiras de mau gosto, como xingamentos, bater ou tacar objetos foram mencionados também.

Alguns alunos (50%) reconheceram atitudes indisciplinadas em si mesmos, geralmente associadas à bagunça ou distrações nas aulas, mencionando

³ Para melhor compreensão do leitor, utilizaremos a indicação “ES” seguida do número equivalente à respectiva entrevista Semiestruturada indicada. Desta forma, quando aparecer, por exemplo, “ES 05” é porque estamos nos referindo à entrevista Semiestruturada número cinco, correspondente à quinta entrevista realizada. E assim sucessivamente. Todas as entrevistas Semiestruturadas encontram-se na íntegra no Apêndice D.

Da mesma forma, quando houver a indicação de “P”, seguido de uma numeração, estamos nos referindo a uma das perguntas dentro de cada entrevista. Quando houver um “R” seguido de um nome, estamos nos referindo à resposta dada pelo entrevistado. Desta forma, “P1” se refere à primeira pergunta, enquanto “R(Nome Fictício)” se refere à resposta dada pelo entrevistado.

inclusive a percepção de melhora, citando mais foco nas aulas, maior participação e diálogo para evitar/solucionar conflitos.

P2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique. R(João): Sim, um pouco. Depois que eu apanhei da minha mãe, que foi chamada, comecei me concentrar, tirar 5, 8... (ES 03).

Dessa forma, julgamos pertinente proceder à enumeração das ocorrências correspondentes a esses códigos em relação às aulas observadas e às respectivas temáticas abordadas. Essa abordagem permitiu a elaboração do seguinte quadro comparativo, que busca organizar e evidenciar as conexões entre os dados levantados e os contextos pedagógicos analisados.

Tabela 1: Ocorrências dos códigos/Aula.

Atividade	Atitudes indisciplinadas	Percepção da indisciplinada	Expectativas dos alunos
DA 02- Queimada	DA 02- 6x	DA 02- 3x	DA 02- 3x
DA 03 - Rouba b.	DA 03 - 4x	DA 03 - 3x	DA 03 - 1x
DA 04 - Luta	DA 04 - /	DA 04 - /	DA 04 - 1x
DA 05 - Luta	DA 05 - 1x	DA 05 - 3x	DA 05 - 1x
DA 06- Dança	DA 06- 4x	DA 06- 1x	DA 06- 2x
DA 07 - Dança	DA 07 - 3x	DA 07 - 1x	DA 07 - 1x
DA 08 - J. Coop.	DA 08 - 5x	DA 08 - 4x	DA 08 - /
DA 09 - J. Coop.	DA 09 - 1x	DA 09 - /	DA 09 - 6x
DA 10 - Vôlei	DA 10 - 2x	DA 10 - /	DA 10 - 1x
DA 11 - Futsal	DA 11 - 2x	DA 11 - 3x	DA 11 - 1x

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para uma análise primária dos índices apontados nesta tabela, algumas considerações se fazem necessárias. A ocorrência da indisciplinada aparece de maneira distribuída nas sequências das aulas e suas respectivas temáticas, com algumas considerações. Nas aulas onde a temática da luta foi trabalhada, não foram

assinaladas importantes situações de indisciplina por parte dos estudantes, ainda que os mesmos tenham relatado tal percepção.

Em uma leitura atenta aos DA, nota-se que alguns fatores associados à indisciplina, não podem ser necessariamente relacionados à temática desenvolvida nas aulas, pois envolveram quebra de expectativas, mudança no espaço das aulas além de, positivamente falando, percepção de um cronograma pré-estabelecido, expectativa positiva em relação aos conteúdos, entre outros.

- Professor, nas duas últimas aulas, segundo o cronograma que o senhor passou, nós jogaremos basquetebol e futsal, certo? - Perguntou um aluno.
- Certo Júlio, por que a pergunta? - Questionei.
Você falou que podíamos ter algumas alterações no cronograma, caso mantivessem os objetivos da aula. Eu queria saber se podemos trocar o basquetebol pelo vôlei. - Indagou novamente (DA 06).

Dentro do código “Expectativas dos Alunos”, a proposta de um planejamento participativo organizado em conjunto com o contrato pedagógico ou combinados feitos entre o professor e os alunos ao decorrer do período letivo também contribuíram para impactar positivamente o comportamento dos estudantes.

A percepção de uma equidade nas ocorrências da indisciplina e da percepção dos estudantes em relação aos comportamentos inadequados reforça o pressuposto das causas multifatoriais da indisciplina.

A indisciplina em sala de aula ou na quadra é apontada como um dos principais fatores que comprometem o desempenho profissional do professor, gerando impactos tanto imediatos quanto de longo prazo. Entre as consequências mais recorrentes, destacam-se o estresse constante e, em casos mais severos, o desenvolvimento da síndrome de burnout, entendido como um estado de esgotamento físico e emocional frequentemente associado ao contexto de trabalho docente (Sant’Ana e col., 2012).

Os autores afirmam também que as causas da indisciplina escolar são múltiplas e inter-relacionadas, abrangendo desde fatores de ordem biológica e psicológica até questões de natureza familiar, socioeconômica e psicossocial. Além disso, o próprio ambiente escolar, incluindo suas normas, relações interpessoais e infraestrutura, bem como a forma como as aulas são organizadas e conduzidas, podem influenciar significativamente o comportamento dos estudantes.

Algumas anotações listadas nos diários de aula foram também ao encontro desta percepção, relatando uma variedade de situações em que foram percebidas a reprodução de comportamentos indevidos.

Sempre que temos a oportunidade de levar os alunos a um espaço diferente, enfrentamos diversos desafios, e não foi diferente na aula de hoje. Entre organizar a fila, trancar a sala de aula e orientar os alunos a transitar no corredor sem atrapalhar as demais salas em aula demanda minutos preciosos que sempre sentimos falta no final, mas com paciência conseguimos chegar à sala de vídeo e nos acomodar de forma a poder realizar as tarefas propostas (DA 07).

A dinâmica da sala de aula em si oferece desafios únicos a serem administrados pelos profissionais da educação, e situações que lidam com a quebra de rotina, especialmente envolvendo a mudança do espaço físico, uso de equipamentos tecnológicos, como recursos audiovisuais, acrescentam desafios extras à dinâmica das aulas, como observado no relato destacado do DA 07.

Da mesma sorte, outra possibilidade de recurso material aliada a uma forte expectativa depositada na temática da luta também promoveram os ingredientes “ideais” para algumas atitudes indisciplinadas.

Com a novidade do espagete/espada, tive no início vários episódios em que os alunos começaram a bater no chão fazendo barulho, uns nos outros de maneira mais contundente, gerando algumas provocações e conflitos. Assim, precisei interromper algumas vezes a explicação da atividade para conter os ânimos dos alunos, dizendo que iríamos interromper a prática e voltar para a sala caso os estudantes não colaborassem (DA 05).

Apesar de alguns momentos promoverem situações específicas, capazes de contribuir para o bom andamento das aulas ou ainda gerar uma inclinação para atitudes indisciplinadas, os relatos de diversos diários de aula apontaram para algumas situações cotidianas, como a percepção das expectativas do professor-pesquisador no início das aulas e o comportamento dos estudantes na troca dos professores, em uma sala de aula situada ao lado do pátio da escola e do corredor de acesso às demais salas de aula.

Quando cheguei na sala, alguns alunos estavam fora da sala, conversando novamente com os demais colegas que saíam do pátio ao final do intervalo, sempre um momento que exige maior paciência. A Márcia informou que o João e o Breno haviam pedido para ir ao banheiro na aula anterior, e não haviam retornado. Ela disse isso na esperança de ir ao banheiro também, mas sabendo da regra combinada no início do ano letivo que apenas um

aluno por vez poderia sair da sala para ir ao banheiro, salvo raras exceções (DA 02).

Vale ressaltar que, ainda que esgotadas as medidas possíveis e acessíveis aos professores e à escola, casos de indisciplina que extrapolam as prerrogativas docentes ainda podem ser esperados.

Nesta aula, tive uma intercorrência em especial, que não afetou o andamento da turma como um todo, porém, dois alunos pediram no início da aula para irem ao banheiro, e não retornaram. Relatei à orientação educacional da escola e os adverti verbalmente, explicando que seria anotado falta para eles naquela aula (DA 03).

Segundo Sant'Ana (2012), a questão da indisciplina no ambiente escolar está diretamente relacionada a uma combinação de fatores internos e externos. No contexto interno, aspectos como a qualidade da infraestrutura, a eficiência da gestão administrativa, a relação entre professores e alunos e a condução do processo pedagógico desempenham um papel fundamental.

Assim, soma-se ao desafio de buscar identificar as possíveis causas da indisciplina fatores como as percepções e expectativas subjetivas dos estudantes.

Na roda de conversa, alguns notaram que os colegas mais habilidosos foram “fominha” mas algumas meninas não acharam, o que me levou a me perguntar se elas não se importavam em atacar e não sentiram falta de receber muitos passes (DA 02).

4.2.2 Dimensões que emergiram dos estudantes após intervenção do professor-pesquisador

A segunda subcategoria desta seção, intitulada “Dimensões que emergiram dos estudantes após intervenção do professor-pesquisador”, abarca os códigos denominados: Participação Ativa dos Alunos, Atitudes Coletivas e Atitudes Positivas.

Ela se apresenta como um contraponto às atitudes indisciplinadas emergentes bem como às percepções de sua incidência, uma vez que desde a primeira aula da UD proposta contou com perguntas disparadoras que buscaram identificar e refletir sobre a ocorrência de atitudes inapropriadas.

Os alunos começaram a se manifestar e alguns afirmaram como sim, reconheciam as atitudes indisciplinadas feitas pelos colegas de sala, como

conversar fora de hora, andar pela sala, xingar e provocar os colegas, atirar objetos uns nos outros, mexer fora de hora no celular, entre outros.

Uma aluna fez a seguinte observação:

- Professor, não vou mentir. Eu também tacho coisas nas pessoas, mas apenas quando tacam em mim.

Outros alunos também comentaram:

- Eu também jogo coisas.

- Eu mexo muito no celular.

- Eu xingo os outros, mas só às vezes (DA 01).

O ponto a ser destacado aqui, foram as intervenções feitas pelo professor-pesquisador que resultaram em mudanças nas atitudes dos estudantes, levando em consideração as motivações táticas, relativas ao desenvolvimento das práticas e motivações interpessoais/intrapessoais, considerando a participação coletiva nas tarefas propostas.

Essa nova possibilidade não surtiu muitas mudanças no início, mas com o passar do tempo, alguns passes foram surgindo e as equipes foram pontuando e aplicando as novas regras nas jogadas, com táticas mais coletivas e eficientes. Como os alunos considerados mais rápidos e ágeis enfrentavam uma marcação mais cerrada, os demais foram sendo solicitados pelas trocas de passes, gradualmente, fazendo do jogo, que começara mais individualista, agora mais coletivo na prática (DA 03).

A resposta obtida na entrevista a seguir exemplifica como também essa percepção é compreendida.

Essa percepção mudou nas últimas semanas? R(Marcos): Mudou, uma pá de coisa. Agora eu falo com eles, suave (Se referindo a um grupo de alunos que teve alguns conflitos no início do ano letivo) (ES 05).

Partindo do pressuposto de que as intervenções docentes são essenciais no processo de ensino e de aprendizagem, e entendendo as práticas corporais como meios fundamentais neste processo, a busca pelo desenvolvimento moral autônomo pelo processo de socialização presente nas relações de cooperação e oposição pode ser considerada de grande relevância na formação integral dos educandos.

A teoria piagetiana, ao compreender o desenvolvimento da inteligência, afetividade, socialização e moralidade como processos interdependentes, mediados pela maturação biológica, pelo meio e pela experiência, oferece importantes contribuições para a promoção de um ensino reflexivo e voltado à formação moral do sujeito. Nesse contexto, o desenvolvimento moral pode ser uma proposta intencional nas aulas de Educação Física (Marcon, 2017).

Outro ponto que chamou a atenção e demonstrou contribuir para o desenvolvimento de atitudes coletivas, foram as alterações nas regras das atividades propostas, que tinham como objetivo enfatizar a ação cooperativa das práticas, ainda que tais alterações não tenham atingido seus objetivos plenamente.

Dentro da zona da bandeira, onde as equipes atacantes não poderiam ser pegas, os alunos começaram gradativamente a ceder a posse da bandeira e se “sacrificar” para que os colegas pudessem levá-la a salvo para seu campo. Com a mudança nas regras, a inclusão dos passes permitiu algumas jogadas mais coletivas, mas ainda alguns insistiram em tentar atravessar a quadra correndo sozinhos, levando a bandeira (que era uma bola) (DA 03).

O domínio sociomotor de cooperação-oposição compreende um conjunto de práticas esportivas e recreativas nas quais os participantes organizam-se em equipes ou grupos que colaboram entre si com o objetivo de enfrentar um ou mais adversários (Araújo e col., 2020). Nessa dinâmica enfatizada pelas alterações propostas nas atividades descritas nos DA 02 e DA 03, os integrantes de cada equipe precisavam articular estratégias coletivas, combinando suas habilidades individuais para alcançar um desempenho eficiente contra o grupo oponente. Essas interações nesta categoria envolvem não apenas a cooperação interna, mas também a oposição direta ao adversário, tornando-se um aspecto fundamental da estrutura dessas atividades. Exemplos representativos desse domínio incluem modalidades esportivas como vôleibol, handebol e rugby, nas quais o êxito da equipe depende da interação coordenada entre seus membros e da superação dos desafios impostos pelo time adversário. Além desses esportes, podem-se citar também jogos como a queimada, que segue a mesma lógica de cooperação entre membros do mesmo grupo para eliminar os oponentes (Araújo e col., 2020).

Em contrapartida, as práticas de oposição como as encontradas nos esportes individuais e nas lutas podem propiciar oportunidades para emergir sentimentos como autoconfiança, domínio próprio, respeito às regras e ao adversário, enquanto se experimenta uma prática corporal diversificada.

Me posicionei no centro da corda, por motivo de segurança, para evitar que um grupo acidentalmente caísse ou soltasse a corda. Pude notar como não houve trocas de ofensas ou críticas entre os integrantes de uma mesma equipe, quando derrotada, algo frequente nos esportes coletivos, quando um colega erra e perde a posse de bola ou uma finalização, por exemplo (DA 04).

Um ponto importante a ressaltar, foi a sensação de comprometimento gerada pela atividade acima descrita, que reforçou a percepção de coletividade e respeito mútuo, uma vez que se tratava de uma tarefa que envolvia mais a força pura do que a coordenação motora.

Desta forma, fez-se muito relevante observar a criação de oportunidades de situações diversas que promovam o exercício da moral autônoma, expressa na liberdade de tomada de decisões táticas coletivas, podendo estas ser solidárias ou autocentradas.

Freire (2016) ressalta que um dos saberes fundamentais à construção de uma prática pedagógica crítica e comprometida com a emancipação dos sujeitos é a compreensão da complexa relação entre autoridade e liberdade. Essa relação, segundo o autor, é permanentemente tensionada, uma vez que ambas as dimensões coexistem em um campo de disputa simbólica e prática, capaz de gerar tanto comportamentos disciplinados quanto manifestações de indisciplina. A disciplina, nessa perspectiva, não seria fruto da imposição autoritária, tampouco da liberdade irrestrita, mas sim do equilíbrio dialético entre esses dois pólos. Ela emerge do respeito recíproco que autoridade e liberdade devem nutrir entre si, sendo sustentada por limites claros e eticamente assumidos por ambas as partes — educadores e educandos. Assim, o autor convida à reflexão sobre a importância de cultivar uma autoridade que não oprime e uma liberdade que não se desvirtua, favorecendo ambientes educativos pautados no diálogo, no respeito e na responsabilidade compartilhada.

Outras percepções positivas do professor-pesquisador foram as situações e intervenções que promoveram a participação efetiva dos estudantes, especialmente daqueles que não demonstravam um interesse particular pelas práticas corporais.

Foi interessante perceber como houve boa participação de alunos que normalmente se sentem deslocados por não se sentirem aptos para participar dos jogos e esportes coletivos, uma vez que na escolha das duplas, pude orientar a que buscassem um determinado equilíbrio entre os estudantes, para que tivessem uma melhor experiência e sensação de desafio e superação (DA 04).

Estas percepções também se fizeram presentes em casos específicos, como o descrito nos trechos do DA 02 e DA 05 abaixo.

Fiquei muito satisfeito pois o Maicon, um dos alunos com TEA, participou ativamente das atividades, pois nem sempre participa, apesar de sempre convidar e insistir para que participe (DA 02).

Notei que o Bruno, aluno com TEA que pouco verbaliza ou se comunica nas aulas, havia participado, e disse brevemente como gostou da esgrima. Considero esse fato importante, pois o Bruno raramente participa das aulas práticas, ainda menos que o Maicon, além de ser muito faltoso (DA 05).

Desta forma, ainda que o foco investigativo dos dados emergentes nesta categoria estivesse centrado nas atitudes emergentes dos estudantes, por meio de processos ativos ou reativos, foram identificadas possibilidades de intervenções capazes de promover reflexões sobre as ações sociointeracionais e atitudes coletivas positivas.

4.3 Questões relacionadas à escola e à comunidade escolar.

A terceira categoria identificada que emergiu das leituras dos dados deste estudo trata dos aspectos nos quais professores e professoras não exercem influência diretamente através da sua prática docente, como uma proposta temática a ser apresentada em aula ou uma intervenção que aponta uma solução tática em um esporte coletivo. Especificamente, ela trata de demandas nas quais acreditamos que o labor docente pode inspirar, ainda que indiretamente.

Neste domínio podemos encontrar desde fatores organizacionais e estruturais da escola até a desvalorização e invisibilidade da EF enquanto componente curricular integrado aos objetivos e projeto político pedagógico (PPP) da escola, pela comunidade escolar.

Quando consegui iniciar a aula, fui ainda surpreendido pela interrupção do coordenador que me avisou que naquele momento, seria necessário que todas as carteiras e cadeiras da sala precisariam ser substituídas por outras de material mais resistente e em melhor estado de conservação, o que levou um considerável tempo da aula (DA 01).

Outro aspecto objetivo neste campo é a organização interna como a distribuição geográfica dos espaços da escola.

No horário da aula, me dirigi à sala de aula e como de costume, tive que orientar os alunos que entrassem em sala e se sentassem em seus

respectivos lugares, pois nessa troca de aula era também o término do intervalo dos 8º e 9º anos, causando muita agitação no corredor, chamando a atenção dos alunos das salas em volta que frequentemente desejam cumprimentar ou conversar rapidamente com os colegas (DA 01).

Moura (2016) aponta que, além do núcleo familiar, diversos fatores no ambiente escolar contribuem para a indisciplina, muitos deles de origem indireta ao cotidiano escolar, como currículos inadequados, diretrizes governamentais desconectadas da realidade local e carências estruturais que afetam necessidades básicas dos alunos. No entanto, a escola também tem parte da responsabilidade tanto na origem quanto na gestão da indisciplina e de outros comportamentos disfuncionais.

Um fator importante e que frequentemente é considerado ao tratar da desvalorização e sucateamento da educação é a quantidade de estudantes em sala de aula, o que impacta diretamente na qualidade do ensino. No relato a seguir, a ausência considerável de parte dos estudantes que faltaram no dia em questão, é considerada como relevante para mudar a característica e o comportamento da turma, que é numerosa.

Neste dia, por causa da chuva e da baixa temperatura que fez, muitos alunos faltaram, e as salas de aula contavam com um número reduzido de alunos, e não era diferente com o 7º ano B (DA 04).

Em outro trecho do mesmo DA, lê-se o relato abaixo onde tal demanda é percebida e enfatizada como significativa para o andamento da aula ao ponto de alterar a percepção do professor-pesquisador sobre a turma, considerada como indisciplinada.

Uma importante observação sobre essa aula, é que ela foi realizada com um número significativamente reduzido de alunos, como relatado brevemente no início deste registro. Creio que certamente este fato influenciou positivamente no andamento da aula e nas possibilidades de, como professor, estar mais atento às necessidades e situações comuns que surgiram durante a aula, além de ter alterado visivelmente a característica da turma, considerada especialmente indisciplinada (DA 04).

Considerando a relevância dos objetos de conhecimento específicos da EF e o papel da escola em preparar os alunos para além da demanda do chamado tempo de trabalho (Silveira, 2001), uma prática que busca reconhecer a diversidade dos elementos da cultura corporal de movimento a as apresenta de maneira

significativa e crítica, pode contribuir na formação de estudantes moralmente autônomos e críticos, além de fomentar aos poucos uma valorização da EF.

Silveira (2001) afirma que os cidadãos, na contemporaneidade, mantêm uma relação intensa com os diversos elementos que compõem a cultura de movimento, seja por meio da prática direta de atividades corporais ou na condição de espectadores e consumidores. Essa vivência se manifesta em múltiplos espaços sociais, como escolas, ruas, parques, clubes, estádios, academias, centros esportivos e, de maneira cada vez mais significativa, por intermédio da mídia.

Dentre desta idéia Silveira (2001) reforça como a escola ocupa um lugar singular neste contexto, pois é o único ambiente onde as práticas corporais podem ser sistematizadas, analisadas e discutidas à luz de valores éticos, críticos e reflexivos. Nesse sentido, o autor defende que a instituição escolar tem o compromisso de ir além da preparação exclusiva para o mundo do trabalho, devendo também formar sujeitos capazes de usufruir, compreender e atribuir sentido ao tempo livre, o chamado tempo do não-trabalho, de maneira consciente e cidadã. Assim, reforça-se o papel da Educação Física escolar como um campo privilegiado para a problematização e ressignificação das práticas corporais no contexto da vida cotidiana.

No sentido de promover uma prática educativa que intenta ser significativa, buscar compreender o impacto que alguns elementos da cultura corporal de movimento promovem e estão inseridos no acervo cultural da comunidade escolar se faz necessário.

Um momento particularmente marcante foi quando assistimos a um vídeo de dança de rua. Alguns alunos, que geralmente apresentam indisciplina, ficaram completamente absorvidos pela performance e começaram a fazer comentários animados, enquanto arriscavam alguns passos desajeitados de parte da coreografia em reprodução (DA 07).

Ainda que Freitas (2023) se refira ao esporte como letramento corporal e diversidade, acreditamos que todos os demais elementos da cultura de movimento estão inseridos sob a mesma ótica da diversidade que se contrapõe às práticas hegemônicas.

A presença do esporte na Educação Física escolar continua sendo uma questão relevante e que demanda constante reflexão. Embora se reconheça que o debate sobre o tema já tenha sido amplamente explorado, Freitas (2023) afirma como

não se pode negligenciar o papel central que o esporte desempenha no processo de ensino dessa disciplina. No entanto, sua inserção no contexto escolar deve ultrapassar a simples reprodução de modalidades hegemônicas, abrindo espaço para a abordagem crítica e pedagógica de práticas esportivas tanto tradicionais quanto não tradicionais, afirma o autor.

Nesse sentido, o ensino do esporte, quando tratado sob uma perspectiva ampliada, pode promover importantes reflexões sobre a participação ativa dos estudantes, o desenvolvimento do letramento corporal e a valorização da diversidade de experiências e expressões corporais. A pesquisa que fundamenta essa abordagem aponta para a necessidade de uma Educação Física que questione o modelo esportivo dominante e que se comprometa com uma proposta transformadora, plural e socialmente engajada, que se incomoda com padrões excludentes e busca ressignificá-los no ambiente escolar (Freitas, 2023).

Neste sentido, buscar conhecer e oportunizar a experimentação de uma prática diversificada em consonância com os objetivos propostos, por meio de um planejamento participativo, pode estimular uma melhor participação nas aulas de EF.

Pudemos conversar e perguntar sobre os conhecimentos que eles tinham com os conteúdos propostos, e alguns alunos levantaram a mão e começaram a expor algumas experiências, de aulas de educação física em anos anteriores e também em contexto fora do ambiente escolar (DA 01).

Ainda assim, faz-se necessário reconhecer que a relação entre a proposta pedagógica e o repertório cultural estabelecido na comunidade escolar se encontra em um domínio indireto da influência docente, que pode ser bem-sucedida ou não ao estabelecer tais conexões. Mas ainda assim, boas e agradáveis surpresas podem acontecer.

Assim que expliquei a atividade, um grupo de alunos falou em uníssono: Que da hora, igual ao Kobra Kai! - Exclamaram admirados. Foi então que entendi que essa atividade também fora usada na famosa e popular série atual sobre karatê, que se passa no universo dos filmes Karatê Kid, que levou a popularização dessa modalidade nos cinemas com Daniel San, um protagonista estadunidense que aprende a antiga arte marcial com o Sr. Miyagi, um japonês radicado nos Estados Unidos (DA 05).

A falta de respeito e desrespeito aos professores e colegas foi apontada nas entrevistas como a principal característica de indisciplina pelos estudantes, com muitos entrevistados relatando comportamentos como o uso de palavrões, brigas e atitudes desafiadoras. Esse desrespeito se manifesta, por exemplo, quando os alunos falam alto, desconsideram as instruções dos professores ou provocam uns aos outros, gerando um ambiente de desordem e dificuldades para o andamento das atividades. Esses comportamentos, frequentemente, só são contidos quando o professor recorre a medidas mais rígidas, como gritar ou aplicar sanções.

Outra ocorrência significativa foi a participação em brincadeiras reconhecidas como inadequadas, como brincadeiras físicas agressivas ou provocações, que são vistas como formas de indisciplina tanto no espaço físico da sala quanto na quadra. Algumas dessas brincadeiras envolvem atos como bater na cabeça dos colegas ou jogar objetos que, além de desrespeitosos, podem gerar situações de violência. Alguns estudantes mencionaram que essas brincadeiras ocorrem como uma forma de busca por aprovação social ou pela tentativa de imitar comportamentos de outros colegas que parecem ser considerados engraçados ou aceitáveis dentro do grupo.

Além disso, foi identificado que alguns alunos imitavam comportamentos indisciplinados de colegas, como uma forma de pertencimento ao grupo, influenciados pelo que era considerado socialmente aceitável entre eles. Esse fenômeno de "efeito manada" tem forte impacto na perpetuação da indisciplina, uma vez que muitos alunos se sentiam pressionados a reproduzir atitudes inadequadas para se integrar ou ser aceitos no grupo.

A falta de concentração nas aulas foi outra questão recorrente, com diversos entrevistados mencionando que muitos alunos não prestavam atenção nas explicações do professor, o que acaba prejudicando o aprendizado e criando um ambiente de desconcentração. Isso era frequentemente acompanhado de conversas paralelas ou distrações durante as atividades. A falta de interesse no conteúdo da aula foi frequentemente associada a uma desvalorização do ambiente escolar, onde os alunos não se sentiam motivados ou engajados.

Entretanto, houve também uma percepção de que algumas dinâmicas de comportamento estavam mudando positivamente. Vários entrevistados relataram que, nas últimas semanas, havia sido feito um esforço maior por parte dos colegas em melhorar a comunicação e reduzir as brigas, o que pode ser visto como um reflexo

da interação social que se desenvolve ao longo do ano letivo. Embora alguns comportamentos de indisciplina ainda tenham persistido, como os xingamentos, em geral, a melhoria nas relações interpessoais foi um fator destacado como positivo.

Ao serem questionados sobre os motivos que levariam os alunos a adotar comportamentos indisciplinados, muitos estudantes apontaram causas externas, como a educação e os valores familiares. Foram mencionados também a falta de limites em casa e a excessiva liberdade dada pelos pais. Outros estudantes, por outro lado, atribuíram à indisciplina a falta de autoridade por parte dos professores e a ausência de intervenções adequadas nas salas de aula.

Discorrendo sobre os motivos que levariam os alunos a adotar comportamentos indisciplinados, um estudante apontou causas externas, como a educação e os valores familiares.

P4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado? R(Julio): Educação de casa, também muita liberdade que os pais dão. Eu estava conversando com meu pai, o mundo de hoje tá totalmente perdido. Alguns desrespeitam os pais, e nem ninguém (ES 01).

Foram mencionadas também as atitudes dos colegas como causas de uma indisciplina mais reativa, assim como fatores socioemocionais.

P4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado? R(Marcos): Provocações, por uma causa emocional (ES 05).

Outros estudantes, por outro lado, atribuíram a indisciplina à falta de autoridade por parte dos professores e à ausência de intervenções adequadas nas salas de aula.

P4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado? R(Laura). Por causa da falta de professores, e professores que não botam ordem da sala, nem pedem (ES 06).

Essas ocorrências destacadas revelam a complexidade dos fatores envolvidos na indisciplina escolar, onde questões sociais, familiares e educacionais se interligam.

Quando pensamos nos elementos culturais que cercam a área da EF e na sua valorização enquanto componente curricular, é plausível imaginar que as transformações neste quesito provavelmente demandem tempo para se tornarem perceptíveis, mas se sempre delegadas a outras esferas e sem comprometimento de seus principais agentes, talvez nunca ocorram.

Após explorar algumas das dimensões e possibilidades para produzir situações que contribuam para reflexões sobre a autonomia moral por meio de práticas corporais de cooperação, de oposição, cooperativas, de cooperação e oposição, no capítulo a seguir apresentaremos nossas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo a indisciplina como a mais significativa problemática identificada durante meu trabalho docente e também relatada por professores de educação física (EF) discentes do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (ProEF) com polo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), este trabalho teve como objetivo analisar as implicações de uma intervenção pedagógica por meio de uma unidade didática (UD) sobre educação moral e ética, utilizando práticas corporais de cooperação, de oposição, cooperativas, de cooperação e oposição, junto a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal em uma cidade do interior do estado de São Paulo, com o propósito de compreender se elas poderiam contribuir para o desenvolvimento da autonomia moral dos estudantes.

No processo das 12 aulas elaboradas e ministradas da UD, uma das primeiras etapas foi a escolha da turma a ser trabalhada para realizar a pesquisa, sendo o critério utilizado a que apresentava a maior percepção e incidência de ocorrências de atitudes indisciplinadas.

Compunham a sala alunos com histórico de aparente abandono parental, com transtorno do espectro autista (TEA) e transtorno opositor desafiador (TOD), formando os ingredientes para uma mistura significativamente desafiadora de se intervir.

Como provavelmente é comum a muitas realidades de escolas em periferias de grandes centros urbanos e seus municípios vizinhos, diversos fatores sociais agravantes se fazem presentes no contexto e cotidiano da comunidade atendida, como evasão e abandono escolar, percepção de insegurança entre outros.

Pontos que chamaram a nossa atenção, positivamente, foram reações dos estudantes frente a alguns aspectos inesperados por nós, que remetem a um planejamento participativo e significativo, mas que não faziam parte central neste estudo.

O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi a divulgação do cronograma das atividades previstas, com suas características e objetivos definidos, localizando cada etapa da UD em uma apresentação lógica e organizada, o que possibilitou uma expectativa pelo cumprimento das atividades propostas e menor resistência dos estudantes quanto à participação.

Outro ponto a destacar, foi a possibilidade de demonstrar por meio da lógica de cada prática corporal planejada, sua relação com os objetivos da UD como um todo, permitindo um diálogo que oportunizou apontamentos e sugestões quanto às vivências estabelecidas.

Esse planejamento participativo permitiu, por exemplo, a substituição da prática do handebol prevista a princípio, pelo voleibol, que gerou boas expectativas e excelente participação da turma.

Desta forma, a análise dos principais apontamentos registrados nos DA nos levou a perceber três categorias que emergiram de suas leituras, notando-se três dimensões em que o professor-pesquisador identificou oportunidades de intervenções junto às situações de indisciplina. A primeira delas de maneira propositiva, nas quais o professor pode agir diretamente na situação, por meio de seu planejamento e orientações dirigidas aos estudantes. A segunda, de maneira mais reativa ou mediada, na qual o professor identificou oportunidades de intervir e reagir a situações de indisciplina, comportamentos inadequados e por meio de reflexões propostas frente aos conflitos interpessoais/intrapessoais. A terceira que revelou situações indiretas e muitas vezes alheias ao domínio do professor, mas que exercem influência na dinâmica do cotidiano escolar e podem interferir no comportamento dos estudantes, como a valorização da EF e da educação como um todo pelos alunos e comunidade escolar, características da organização escolar, como espaço físico, materiais, horários das aulas entre outros.

Esta discriminação das categorias analisadas pode sugerir estratégias de enfrentamento e reflexões mais assertivas e precisas frente a tal demanda desta importante problemática que se mostra cada vez mais presente e aparentemente insolúvel.

Entendemos que o papel de professores e professoras de EF transcende a transmissão de conhecimentos técnicos sobre modalidades esportivas e exercícios físicos. O docente atua como mediador de experiências que podem favorecer a construção de valores como respeito, cooperação, empatia e resiliência. O comportamento do professor, suas atitudes e a forma como gerencia o ambiente de aprendizagem têm a capacidade de influenciar, direta ou indiretamente, o comportamento dos estudantes.

Quando pensamos nas possíveis causas do comportamento indisciplinado ou de regulação heterônoma, um conjunto de fatores podem estar relacionados, não

obstante reconhecemos vias possíveis de proporcionar reflexões sobre tais fatores, ainda que apontar direções seja uma prerrogativa.

A EF, integrada aos objetivos da escola, demonstra-se um componente curricular de relevância para a formação integral dos educandos ao proporcionar situações e vivências únicas em ambiente seguro para reflexões acerca das relações interpessoais/intrapessoais. Este estudo evidenciou que a EF pode promover o desenvolvimento de competências éticas e sociais essenciais para a vida em sociedade, ao promover reflexões sobre o comportamento discente, questões de indisciplina e a formação da autonomia moral. Reafirmamos, assim, o papel da EF como um espaço de formação para a cidadania e de construção de valores fundamentais.

Consideramos que, ainda que intervenções pontuais não tenham a capacidade de produzir significativas mudanças nos comportamentos dos discentes ou reflexões mais incisivas na busca da promoção da moral autônoma, acreditamos que princípios inerentes a uma prática pedagógica significativa, atenta aos valores morais e éticos presentes nas relações interpessoais presentes em práticas corporais de cooperação e oposição, podem contribuir para a promoção de reflexões e desenvolvimento da autonomia moral dos estudantes.

A análise das entrevistas revelou também diversas ocorrências significativas relacionadas à indisciplina na sala de aula apontadas pelos estudantes. Entre as questões mais recorrentes, destacaram-se os seguintes pontos:

Os estudantes apontaram a falta de respeito e o desrespeito a professores e colegas como as principais expressões da indisciplina, destacando comportamentos como o uso de palavrões, brigas e atitudes desafiadoras. Essas atitudes, segundo eles, comprometem o andamento das aulas e só costumam ser contidas mediante intervenções mais rígidas dos professores. Também foram mencionadas brincadeiras consideradas inadequadas, muitas vezes agressivas, tanto na sala de aula quanto na quadra, geralmente associadas à busca por aceitação social ou à imitação de colegas. Essa imitação contribui para a perpetuação da indisciplina, já que muitos alunos relatam sentir-se pressionados a agir de forma inadequada para se integrar ao grupo. A dificuldade de concentração nas aulas e a falta de interesse pelos conteúdos também foram destacadas, sendo atribuídas, em parte, à desvalorização do ambiente escolar. Por outro lado, os entrevistados relataram mudanças positivas nas últimas semanas, com esforços percebidos entre os colegas

para melhorar a comunicação e reduzir os conflitos. Ao refletirem sobre as causas da indisciplina, os alunos citaram fatores externos, como a ausência de limites em casa e a liberdade excessiva dada pelos pais, além da falta de autoridade e intervenções eficazes por parte dos professores.

Por fim, ao serem questionados sobre os motivos que levariam os alunos a adotar comportamentos indisciplinados, muitos estudantes apontaram causas externas, como a educação e os valores familiares. Foram mencionados também a falta de limites em casa e a excessiva liberdade dada pelos pais. Outros estudantes, por outro lado, atribuíram à indisciplina a falta de autoridade por parte dos professores e a ausência de intervenções adequadas nas salas de aula.

Essas ocorrências destacadas revelaram a complexidade dos fatores envolvidos na indisciplina escolar, onde questões sociais, familiares e educacionais se interligam.

Desta forma, ainda que as mais variadas adversidades possam estar presentes nas diversas realidades em que professoras e professores de EF, imersos em realidades que podem ser aludidas a verdadeiras batalhas contra uma cultura escolar que não valoriza os princípios e valores sociais relacionados com a prática pedagógica que busca formar cidadãos críticos e autônomos, acreditamos que um labor docente subsidiado pela valorização de um diversificado acervo da cultura corporal de movimento pode influenciar positivamente na cultura escolar, ainda que em longo prazo.

Uma característica da UD desenvolvida e que gerou a percepção de uma limitação, foi o curto período de tempo das ocorrências das unidades temáticas, onde sentimos que faltou uma oportunidade maior para uma melhor contextualização e desenvolvimento.

Para compor os requisitos obrigatórios do ProEF e na esperança de contribuir na continuidade das reflexões acerca da temática aqui discutida, anelando vislumbrar lampejos de uma sociedade formada por cidadãos autônomos e engajados por valores solidários, elaboramos também um produto educacional no formato de e-book, disponível no próprio Repositório Institucional da UFSCar. Certos de que a problemática aqui tratada está longe de ser considerada como finalizada, com ampla margem para novas investigações, desejamos aqui ter registrada nossa contribuição para futuras considerações.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Roberto C. dos. Formação moral por meio do esporte: da heteronomia à autonomia. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 16, n. 2, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BETTI, Mauro. Educação Física e Cultura Corporal de Movimento: uma Perspectiva Fenomenológica e Semiótica. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, sem 2. 2007.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>, acesso em 8/02/2024.

CONTI, Luana C. F. **Prática e consciência das regras no jogo de Bola Queimada**: contribuições para a Educação Física. 2015. 195 f. Tese de doutorado - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/128028>>, acesso em 28/02/2024.

DARIDO, Suraya C; RANGEL, Irene C. **Educação Física na Escola**: Implicações para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya C; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. **Para Ensinar Educação Física**: Possibilidades de Intervenção na Escola. Campinas: Papirus, 2007.

DOIRADO, Edmilson F. **Educação Física nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental**: Uma Abordagem Metodológica De Ensino Do Conteúdo Lutas. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/6d7c208b-3d3b-41d5-933a-90f1bf0f40f9>>, acesso em 28/02/2024.

FIRMINO, Carol. Indisciplina ou não: reflexões sobre o comportamento dos alunos em sala de aula. **Nova Escola**, 21 de Março de 2024. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21838/o-que-e-indisciplina-como-lidar>>, acesso em 29/05/2024.

FRANCO, Maria A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FREITAS, Guilherme A. C. **Discursos discentes sobre o ensino do esporte na educação física escolar: trabalho, comunicação, permanência e mudança.** Dissertação de mestrado - Universidade Federal de São Carlos, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17981>>, acesso em 28/02/2024.

GOES, Valéria M. S. S. **Reflexão sobre agressividade, violência e bullying na escola: perspectivas de contribuição das práticas corporais cooperativas.** 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 67-80.

GONÇALVES, Valéria; GONZÁLEZ, Fernando J; BORGES, Robson M. A abordagem da competição esportiva na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. **Motrivivência**, v. 31, n. 57, 2019.

KOBAYASHI, Maria C. M; ZANE, Valéria C. Adolescente em conflito com a lei e sua noção de regras no jogo de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 195-204, 2010.um estudo de revisão.

LAZZAROTTI FILHO, Ari et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2010.

MARCON, Ana M.; BECKER, Maria L. R. O desenvolvimento moral na Educação Física: um estudo de revisão. *Motrivivência*. Vol. 29, n. 51, p. 222-233, jul. 2017.

MARTINS, Lincoln C; BRANCO, Angela U. Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 17, p. 169-176, 2001.

MOURA, Dirley A. **Cotidiano Escolar e Educação Física: Semelhanças, Diferenças e Implicações Pedagógicas em Relação à Indisciplina.** Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas. 2016.

MÜLLER, Arthur; NEIRA, Marcos Garcia. Avaliação e registro no currículo cultural da educação física. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28> . Acesso em: 15 jan. 2025.

NASCIMENTO, Giovane do. **Considerações acerca da formação humana na antiguidade.** 2010. 131 f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14737>. Acesso em 21/01/2025

NASCIMENTO, Paulo R. B; ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (org.). *A pesquisa qualitativa*

na educação física: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p. 61–99.

OLIVEIRA, Andréia C; SILVA, Sheila A. P. S. Intervenções pedagógicas do professor em relação a conflitos percebidos entre os alunos durante as aulas de Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 29, 2018.

OLIVEIRA, Maria T. M.; GRAÇA, Amândio. Procedimentos dos Professores Relativamente aos Comportamentos de Indisciplina dos Alunos na Aula de Educação Física. **Millenium**, 45 (junho/dezembro). 2013. Pg. 25-43.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Grupo Editorial Summus, 1994.

RIBAS, João F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, p. 103-110, 2005.

SANT'ANA, Antonio S. S. **A Indisciplina na Educação Física Escolar**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

SANT'ANA, Antonio S.S.; NASCIMENTO J.V.; AZEVEDO E.S. Fatores associados à indisciplina nas aulas de Educação Física. **R. bras. Ci. e Mov** 2012;20(1):78-87.

SILVA, Emanuel G. L. et al. **Práticas corporais cooperativas na educação básica**: Análise a Partir de um Encontro de Formação nos Programas de Residência Pedagógica e PIBID. Anais do IX ENALIC. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103575>>, acesso em 28/02/2024.

SILVEIRA, Guilherme C. F; PINTO, Joelcio F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 3, 2001.

SOARES, Carmen L. Práticas corporais: invenção de pedagogias. **Práticas corporais**, v. 1, p. 43-63, 2005.

UHLIG, Joelma M; SANTOS, Sérgio L. C. Vencendo a indisciplina por meio dos jogos cooperativos. **Dia a dia da educação**, 2008.

VINHA, Telma P.; TOGNETTA, Luciene R. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525–540, dez. 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2009000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2025.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

(Resolução 510/2016 do CNS)

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa com o título: “Educação Física e Autonomia Moral: Contribuições para a problemática da indisciplina”. Esse trabalho tem como objetivo analisar as intervenções pedagógicas, por meio de uma unidade didática que evidencie as relações interpessoais, a ser aplicada a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

A sua participação na pesquisa se dará frequentando e participando das aulas de Educação Física ministradas pelo professor-pesquisador e, caso seja sorteado, também responderá questões da entrevista semiestruturada, que tem como objetivo aprofundar a questão da indisciplina nas aulas de Educação Física. Os benefícios da sua participação serão ajudar a entender e analisar os fatores e causas da indisciplina dos estudantes nas aulas de Educação Física, bem como o acesso aos benefícios das aulas em uma perspectiva cultural dos conteúdos e uma melhor compreensão sobre a problemática da indisciplina e possíveis enfrentamentos.

A coleta de dados será realizada durante as aulas de Educação Física ao longo do terceiro bimestre letivo de 2024 de uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, na EMEF [...]. O professor da turma, também pesquisador, registrará as aulas de Educação Física em diários de aula referentes ao assunto da pesquisa com os/as estudantes da turma e, aos alunos sorteados, fará uma entrevista semiestruturada que será gravada em aparelho celular do docente-pesquisador com duração média de dez a vinte minutos. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento anual, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles/as que não quiserem participar do estudo.

Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável, pois a pesquisa será realizada durante as suas aulas de Educação Física que estão previstas na grade curricular da escola, em seu horário normal de aula, ou seja, 2 vezes por semana com duração de 50 minutos para cada aula. Você não terá custos adicionais com alimentação e/ou transporte.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias situações características de aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação e, se for sorteado para participar da entrevista semiestruturada, poderá trazer constrangimentos ou inibições relacionadas à temática da pesquisa. Em caso destas ocorrências o professor-pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se for o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizerem necessários (avisar pais e/ou responsável e

acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência – SAMU). Além disso, buscará acolher, fornecer suporte e apoio aos(as) participantes que se sentirem abalados(as) de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na entrevista, buscando eliminar ou minimizar quaisquer riscos inerentes à manutenção de sigilo e a confidencialidade durante a coleta e uso dos dados. Além disso, terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa. O professor-pesquisador e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante todo o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do país, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados. Não vamos falar o seu nome em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo professor-pesquisador. A confidencialidade e o anonimato serão garantidos, realizando-se o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local com senha de acesso, apagando todo e qualquer registro em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”.

Solicito sua autorização para gravação em áudio, através de aparelho celular do professor-pesquisador, da entrevista semiestruturada. As gravações realizadas serão transcritas pelo professor-pesquisador, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é seu direito. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação, sem prejuízo nas relações com a escola, com as aulas de Educação Física ou com o professor-pesquisador.

Caso você não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o professor-pesquisador Gustavo de Toledo Assumpção, pessoalmente [...]ou por email: [...]ou pelo telefone [...], ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente (UFSCar) ou pelo telefone [...].

Você e seu responsável receberão uma via deste Termo (TALE) assinada e rubricada em todas as páginas pelo professor-pesquisador.

Não vamos falar seu nome em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo pesquisador. Você não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa. Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Este termo será apresentado, lido e explicado pelo professor-pesquisador para todos/as os/as alunos/as participantes da pesquisa com o intuito de esclarecer e sanar eventuais dúvidas.

O professor-pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos(as) os(as) participantes ao término da mesma.

O professor-pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905

- São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte – CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235
Contato telefônico: [...]e-mail: [...]

[...], _____ de _____ de 2024.

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Nome do Pesquisador _____

Assinatura do Pesquisador _____

Prof. Gustavo de Toledo Assumpção

Professor-Pesquisador _____

Pesquisador

Assinatura da Professor-
Pesquisador _____

Nome do Participante _____

Assinatura do Participante _____

Apêndice B - Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional -
ProEF
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável (TCLE)
(Resolução 510/2016 do CNS)

O/a menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para pesquisa com o título: “*Educação Física e Autonomia Moral: Contribuições para a problemáticas da indisciplina*”. Esse trabalho tem como objetivo analisar as intervenções pedagógicas, por meio de uma unidade didática que evidencie as relações interpessoais, a ser aplicada a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade de [...].

A participação dele/a na pesquisa se dará frequentando e participando das aulas de Educação Física ministradas pelo professor-pesquisador e, caso seja sorteado, também responderá questões da entrevista semiestruturada, que tem como objetivo aprofundar a questão da indisciplina nas aulas de Educação Física. Os benefícios da sua participação serão ajudar a entender e analisar os fatores e causas da indisciplina dos estudantes nas aulas de Educação Física, bem como o acesso aos benefícios das aulas em uma perspectiva cultural dos conteúdos e uma melhor compreensão sobre a problemática da indisciplina e possíveis enfrentamentos.

A coleta de dados será realizada durante as aulas de Educação Física ao longo do terceiro bimestre letivo de 2024 de uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, na EMEF [...]. O professor da turma, também pesquisador, registrará as aulas de Educação Física em diários de aula referentes ao assunto da pesquisa com os/as estudantes da turma e, aos alunos sorteados, fará uma entrevista semiestruturada que será gravada em aparelho celular do docente-pesquisador com duração média de dez a vinte minutos. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento anual, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles/as que não quiserem participar do estudo.

A participação dele/a na pesquisa não terá custos para ele/a ou para seu responsável, pois a pesquisa será realizada durante as suas aulas de Educação Física que estão previstas na grade curricular da escola, em seu horário normal de aula, ou seja, 2 vezes por semana com duração de 50 minutos para cada aula. Ele/a não terá custos adicionais com alimentação e/ou transporte.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias situações características de aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação e, se for sorteado para participar da entrevista semiestruturada, poderá trazer constrangimentos ou inibições relacionadas à temática da pesquisa. Em caso destas ocorrências o professor-pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se for o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizerem necessários (avisar pais e/ou responsável e acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência – SAMU). Além disso,

buscará acolher, fornecer suporte e apoio aos(as) participantes que se sentirem abalados(as) de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na entrevista, buscando eliminar ou minimizar quaisquer riscos inerentes à manutenção de sigilo e a confidencialidade durante a coleta e uso dos dados. Além disso, ele/a terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa. O professor-pesquisador e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante todo o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do país, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

Não vamos falar o nome dele(a) em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele(a) fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo professor-pesquisador. A confidencialidade e o anonimato serão garantidos, realizando-se o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local com senha de acesso, apagando todo e qualquer registro em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e/ou vídeo, através de aparelho celular do professor-pesquisador, da entrevista semiestruturada. As gravações realizadas serão transcritas pelo professor-pesquisador, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível.

Ele/a não precisa participar do trabalho se não quiser, é direito dele/a. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação, sem prejuízo nas relações com a escola, com as aulas de Educação Física ou com o professor-pesquisador.

Caso ele/a não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, ele/a pode procurar o professor-pesquisador Gustavo de Toledo Assumpção, pessoalmente [...]ou por email: [...]ou pelo telefone [...], ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente (UFSCar) ou pelo telefone [...].

Ele/a e você (como responsável) receberão uma via deste Termo (TCLE) assinada e rubricada em todas as páginas pelo professor-pesquisador.

Não vamos falar o nome dele/a em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo pesquisador.

Ele/a não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa. Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Este termo será apresentado, lido e explicado pelo professor-pesquisador para todos/as os/as alunos/as participantes da pesquisa com o intuito de esclarecer e sanar eventuais dúvidas.

O professor-pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos(as) os(as) participantes ao término da mesma.

O professor-pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós- Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905

- São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235
Contato telefônico: [...] e-mail: [...]

[...], _____ de _____ de 2024.

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Nome do Pesquisador _____

Assinatura do Pesquisador _____

Prof. Gustavo de Toledo Assumpção

Professor-Pesquisador _____

Assinatura da Professor-
Pesquisador _____

Eu,

_____,
o/a autorizo a participar da pesquisa.

Nome do(a) Responsável

Responsável

Assinatura do(a)

Apêndice C - Diários de Aula

Diário de aula 01 – 30/07/24

No horário da aula, me dirigi à sala de aula e como de costume, tive que orientar os alunos que entrassem em sala e se sentassem em seus respectivos lugares, pois nessa troca de aula era também o término do intervalo dos 8º e 9º anos, causando muita agitação no corredor, chamando a atenção dos alunos das salas em volta que frequentemente desejam cumprimentar ou conversar rapidamente com os colegas.

Quando consegui iniciar a aula, fui ainda surpreendido pela interrupção do coordenador que me avisou que naquele momento, seria necessário que todas as carteiras e cadeiras da sala precisariam ser substituídas por outras de material mais resistente e em melhor estado de conservação, o que levou um considerável tempo da aula. (DA 01)

Terminado todo o processo, pude retomar ao objetivo proposto: expor o planejamento da UD à turma, explicar os objetivos gerais de cada conteúdo e conversar com eles sobre a percepção quanto às atitudes indisciplinadas percebidas na turma.

Assim, pedi aos alunos que novamente se sentassem e se organizassem para poder dar sequência à aula, quando ainda os alunos andavam pela sala, trocando ofensas e atirando borrachas e outros materiais uns nos outros.

Quando os alunos começaram a se sentar, e voltar sua atenção ao professor, vi que muitos se organizaram fora dos lugares pré-definidos, buscando ficar próximos aos colegas com mais intimidade para poderem conversar ainda mais.

Combinei que naquele pouco tempo que tínhamos, eles poderiam ficar nessa organização caso prestassem atenção e participassem ativamente ouvindo e respondendo às perguntas propostas, bem como interagindo e fazendo sugestões quanto ao planejamento que seria apresentado.

Conforme expunha as atividades, um aluno logo perguntou:

- Professor, todas essas aulas serão na quadra?
- Sim Carlos⁴, se a turma toda colaborar, espero que possamos passar algumas semanas com todas essas aulas na quadra.

⁴ Conforme já indicado na Trajetória Metodológica deste trabalho, os nomes aqui mencionados são fictícios, para que não haja a identificação dos respectivos alunos.

- E nós poderemos jogar futebol, professor?
- Esse não é o objetivo dessas aulas Marcos, mas se você perceber, duas aulas serão destinadas às práticas de esportes. Vocês gostariam de praticar futsal em uma delas?
- Sim! - Soou em coro a maioria dos meninos da sala.
- Professor, podemos jogar basquete? - Perguntou o Júlio
- Sim, podemos ajustar alguns conteúdos dentro dos temas que estão propostos no quadro, desde que os temas sejam respeitados.

Expliquei então que sim, aquelas aulas deveriam ocorrer todas na quadra, de forma prática, se houvesse colaboração da turma toda, entendendo que teríamos uma dinâmica um pouco diferente ao mudar de conteúdo a cada semana.

Coloquei no quadro uma tabela explicando como seria o cronograma da UD, como seria a sequência dos conteúdos trabalhados e as datas previstas.

Pudemos conversar e perguntar sobre os conhecimentos que eles tinham com os conteúdos propostos, e alguns alunos levantaram a mão e começaram a expor algumas experiências, de aulas de educação física em anos anteriores e também em contexto fora do ambiente escolar. À vista do quadro exposto, algumas perguntas surgiram:

- Professor, nas aulas de dança, os meninos também precisam participar?
- Sim Lucas, lembrem-se que nesse bimestre, a participação nessas aulas terá um peso maior nas notas, pois não teremos prova ou trabalho como estamos acostumados.
- Mas professor, nós teremos que rebolar na frente dos outros? - Perguntou um menino.
- Ora, por acaso a dança é apenas para as meninas? Meninos não dançam também?

Ao que a pergunta gerou uma série de risos e piadinhas uns com os outros. O Lucas se levantou e começou a simular uma dança, dizendo que fazia assim nos bailes, o que provocou uma nova onda de risos e me levou alguns minutos para retomar a atenção da sala.

Ao perguntar à turma sobre as modalidades em geral, alguns alunos afirmaram que faziam escolinha de futebol, ou que já fizeram no passado, mas atualmente não estavam frequentando por diversos motivos.

Algumas meninas afirmaram fazer aula de dança, nas modalidades de balé e jazz.

Alguns alunos também afirmaram praticar diferentes tipos de lutas, como capoeira, karatê, muay thay e boxe.

Ao comentar sobre as aulas de lutas, um aluno perguntou, fazendo um sorriso sarcástico:

- Professor, nesse dia vou poder bater nos colegas sem ir pra diretoria?

- Não Murilo, não vai não, apesar de perguntar em tom de brincadeira, lutas não significam que vamos brigar um com o outro, inclusive esse é um dos motivos para estarmos experimentando essas aulas, certo?

Cessadas as perguntas e comentários, falei sobre como essa diversidade de atividades nos fazem perceber como cada um poderia escolher/adotar uma prática de sua preferência e encontrar algo que lhe fosse prazeroso e no qual cada um poderia se identificar, e assim se sentir também valorizado como alguém habilidoso ou habilidosa na sua prática de escolha, sem ser desvalorizado como geralmente acontece com quem não é muito habilidoso no futebol, o que frequentemente gera provocações, xingamentos e até brigas.

Por fim, propus a participação dos alunos com duas perguntas disparadoras:

1. Você identifica atitudes consideradas indisciplinadas em sua sala? Quais?
2. E quanto a você? Você reproduz atitudes que também considera indisciplinadas? Quais?

Os alunos começaram a se manifestar e alguns afirmaram como sim, reconheciam as atitudes indisciplinadas feitas pelos colegas de sala, como conversar fora de hora, andar pela sala, xingar e provocar os colegas, atirar objetos uns nos outros, mexer fora de hora no celular, entre outros.

Uma aluna fez a seguinte observação:

- Professor, não vou mentir. Eu também tacho coisas nas pessoas, mas apenas quando tacho em mim.

Outros alunos também comentaram:

- Eu também jogo coisas.
- Eu mexo muito no celular.
- Eu xingo os outros, mas só às vezes.

Um outro aluno afirmou que tinha o hábito de xingar, enquanto outros balançavam afirmativamente a cabeça quando eu fazia as perguntas citadas sem, no entanto, especificar qual atitude eles praticavam que consideravam inadequadas.

Assim, com o tempo da aula se esgotando rapidamente, disse que na próxima aula iríamos iniciar a prática das atividades propostas, mas que seria retomado a discussão sobre as atitudes dos alunos.

Diário de aula 02 – 05/08/24

Me dirigi à sala com alguma ansiedade e preocupação para o esperado início das atividades práticas previstas no planejamento. E se não desse nada certo do que havia planejado?

Quando cheguei na sala, alguns alunos estavam fora da sala, conversando novamente com os demais colegas que saíam do pátio ao final do intervalo, sempre um momento que exige maior paciência.

A Márcia informou que o João e o Bruno haviam pedido para ir ao banheiro na aula anterior, e não haviam retornado. Ela disse isso na esperança de ir ao banheiro também, mas sabendo da regra combinada no início do ano letivo que apenas um aluno por vez poderia sair da sala para ir ao banheiro, salvo raras exceções.

Assim, com algum custo e me desviando de mesas fora do lugar, alunos andando pela sala, pude me dirigir à mesa do professor no lado oposto à porta e chamar os alunos a seus lugares para dar início à aula.

Sem sucesso nas primeiras tentativas.

Comecei a lembrá-los sobre como nosso tempo estava passando, e tínhamos um combinado que envolvia uma sequência de aulas que seriam realizadas na quadra, algo que não estavam acostumados e despertou o interesse da turma.

Um aluno mais atento perguntou:

- Professor, é hoje que jogaremos queimada?
- Isso mesmo Júlio, se conseguir dar início à aula...

Quando respondi afirmativamente, com um sorriso de satisfação frente ao entusiasmo do estudante, ele prontamente começou a gritar com os colegas. “- calem a boca para não perder mais tempo!”.

Claro que foi mais um grito indistintamente misturado na confusão em que a sala estava, quando alguns realmente paravam para observar as instruções.

Me posicionei em silêncio na frente da turma, demonstrando que estava esperando para poder dar as instruções e começar a aula em si.

- 7º B, vocês se lembram sobre o que conversamos? Sobre o motivo das nossas aulas estarem com uma proposta diferente nesse bimestre?

- Sim, responderam alguns. - E continuando relembrando alguns combinados estabelecidos na aula anterior, pudemos deixar a sala de aula e nos dirigir à quadra.

É importante ressaltar que esse nunca é um momento muito tranquilo. Geralmente os alunos correm na frente na esperança de chegar à frente, de encontrar uma bola esquecida para poderem chutar, ou pelo simples prazer de apostar corrida com um colega.

Na quadra, após um breve período de aquecimento, organizei os times e propus um jogo que podemos chamar de “queimada tradicional”, onde as mãos e a cabeça são frias, isso é, não valem ponto caso atingidas.

Como os times eram mistos (procuro variar entre formar times mistos e separar por meninos e meninas nas aulas), percebi que os meninos procuravam tocar a bola entre si, e dentre eles, os dois ou três mais habilidosos estavam participando com maior frequência, enquanto alguns alunos não tinham sequer tocado na bola nos primeiros minutos, quando fiz uma pequena pausa.

- Pessoal, percebem que apenas alguns tocaram na bola neste início de jogo? - Perguntei.

- Os meninos só tocam entre si. - Falou a Laura.

Nesse momento, aproveitei para falar sobre as possibilidades de, estrategicamente, aproveitar as oportunidades para tentar queimar, mas também perceber outros momentos onde os adversários teriam se afastado, e então faria mais sentido tocar a bola a um companheiro melhor posicionado, o que seria mais inteligente, pensando na dinâmica do jogo, e também mais solidário, ao proporcionar a participação ativa dos demais colegas.

Quando o jogo foi reiniciado, os alunos procuraram tocar um pouco mais a bola, mas de forma mais lenta e antinatural, demonstrando não estarem pensando no posicionamento ou oportunidade de passes, mas simplesmente revezando em sequência a posse de bola, até que pudesse ser a sua vez novamente, ao que procurei fazer algumas intervenções durante o decorrer da partida.

- Murilo, toque mais a bola.
- João, veja como o Roberto está bem posicionado.
- Sabrina, aproveite a oportunidade de queimar, não espere o outro time se afastar para então decidir tocar ou queimar.

Assim, após cerca de 10 minutos, fiz uma pausa e orientei que todos tomassem água e voltassem para a roda no centro da quadra, pois iríamos mudar a atividade.

Retomei com a turma o “queima-cones”, uma variação da queimada onde o objetivo do jogo é acertar os cones espalhados pela quadra, que podem e devem ser protegidos pelos defensores usando qualquer parte do corpo, pois agora, todo o corpo seria frio, ou seja, não válido para queimar.

Nesta variação, o atacante que atingir um dos cones deve escolher qual integrante do time adversário que irá para o cemitério, independentemente da posição em que ele ou ela estiver na quadra.

Quando o segundo jogo começou, os alunos ainda estavam procurando soluções para tentar pontuar usando as mesmas soluções do jogo anterior, sem se darem conta de como essa variação é mais bem desenvolvida quando pensada de maneira coletiva, realizando passes em maior quantidade e velocidade, para que ao provocar o deslocamento dos defensores ao redor dos cones, algumas brechas surjam e permitam uma linha de tiro desimpedida.

Após alguns minutos, novamente interrompi a partida para explicar justamente isso, sobre o porquê das equipes estarem encontrando maiores dificuldades para pontuar nesta variação, uma vez que um aluno menos habilidoso, mas bem posicionado, podia proteger um cone com bastante sucesso, caso o oponente insistisse na jogada individual.

O jogo que se seguiu foi gradualmente se tornando mais coletivo à medida que os alunos mais fortes e habilidosos se viram impotentes em jogar com mais força e se viram forçados a realizar mais passes.

No momento final da aula, em roda no centro da quadra, perguntei aos alunos sobre a aula, a participação deles e o que tinham achado das atividades.

- A queimada foi muito legal professor, pois meu time ganhou. - Disse Murilo.
- E se não tivesse ganhado? - Questionei.
- Teria sido “zica” também! - Confirmou.

- E as meninas? Elas participaram também? Todos puderam participar com as mesmas oportunidades? - Questionei.

Nesse momento, alguns alunos começaram a responder ao mesmo tempo:

- Eu quase não toquei na bola no primeiro jogo! - Afirmou a Laura.

- Eu creio que todos jogaram igualmente. - Falou o Bruno.

- Eu acho que os meninos não foram tão fominha assim. - Disse a Sabrina.

- Sinceramente, eu percebi que no início alguns meninos procuraram monopolizar as jogadas, mas isso foi lentamente mudando, Percebi também, que algumas pessoas não fizeram muita questão de tentar arremessar e queimar, preferindo ficar em uma atitude mais defensiva ou segura. - Comentei.

Após mais algumas considerações, encerrei a aula:

- Pessoal, lembrem-se que amanhã tem mais. Jogaremos o rouba-bandeira. Todos vamos pra sala.

Observei no primeiro jogo, que poucos alunos estavam tocando a bola entre si. Mesmo quando intervi apontando oportunidades de passes, as atitudes coletivas ocorreram de maneira tímida e entre poucos alunos.

Os alunos mais habilidosos demoraram a observar as mudanças propostas na regra da segunda partida, o que poderia gerar mais oportunidades para pontuar mais com a participação dos demais alunos, especialmente das meninas.

Na roda de conversa, alguns notaram que os colegas mais habilidosos foram “fominha” mas algumas meninas não acharam, o que me levou a perguntar se elas não se importavam em atacar e não sentiram falta de receber muitos passes.

Fiquei muito satisfeito pois o Maicon, um dos alunos com TEA, participou ativamente das atividades, pois nem sempre participa, apesar de sempre convidar e insistir para que participe. (DA 02)

Diário de aula 03 – 06/08/24

Me dirigi à sala de aula novamente com boas expectativas e alguma ansiedade, e novamente encontrei muitos alunos à porta da sala e alguns fora dela, conversando e interagindo como colegas do outro intervalo. Como a sala desta turma é a primeira ao lado do corredor que dá acesso ao pátio da escola, o espaço à sua

frente se torna um ponto de convívio e troca de mensagens entre os estudantes com os colegas dos 8º e 9º anos, que fazem o segundo intervalo da escola.

Com alguma dificuldade, consegui colocar os alunos para dentro da sala de aula e dar início à chamada, enquanto converso puxando o assunto para o nosso planejamento e falo sobre a nossa aula do dia.

- Bom dia turma. Quem se lembra sobre o que será nossa aula de hoje?
- Futebol? - Perguntou Henrique?
- Não, seu Burro! - Exclamou Júlio- Hoje é rouba-bandeira! Preste atenção!
- Não precisa falar assim Júlio, ele não é burro, você sabe muito bem! Isso não é jeito de falar. - Exclamei!
- Desculpe professor! - Disse Júlio.
- Professor, se sobrar tempo, podemos jogar bola um pouquinho?
- Insistiu, Henrique.
- Hoje não deve sobrar tempo, Henrique, mas lembre-se que na última aula do nosso cronograma teremos uma aula só para o futsal, ok? Vamos para a quadra pessoal.

Uma vez na quadra, os alunos começaram a se dispersar novamente, e precisei chamá-los algumas vezes para poder começar com o aquecimento e as primeiras instruções.

A primeira partida, seria uma reprodução do jogo “rouba-bandeira” como eles já estavam acostumados, então pude dar início rapidamente ao jogo.

Como o esperado, percebi que os meninos, especialmente os mais rápidos e habilidosos, começaram a atacar, muitas vezes de maneira impensada, tomando a iniciativa em avançar para o campo adversário a fim de alcançar a área da bandeira, e os primeiros pontos foram obtidos pelo simples emprego da velocidade e agilidade de alguns alunos, como o Júlio e o Murilo.

Com o tempo, eles começaram a ser marcados com mais atenção, e outros alunos puderam tentar a sorte na captura da bandeira, tornando o jogo um pouco mais cerebral e menos corrido. Algumas meninas começaram a participar mais ativamente, salvando alguns colegas congelados e também avançando para a área da bandeira.

Percebi em determinado momento que o Rogério e o Lucas haviam deixado o espaço da quadra, para irem ao banheiro, e não haviam retornado há mais tempo do que seria esperado, por isso informei uma inspetora de alunos e voltei minha atenção à atividade proposta.

Estava muito satisfeito com a adesão da maioria dos alunos, sentindo falta apenas dos alunos que tentavam cabular a aula e do Maicon, que possui muita dificuldade em interagir com os demais colegas, que estava observando o jogo, tendo se negado a participar, mesmo tendo insistido.

Após alguns minutos, percebi que as jogadas estavam sendo organizadas de maneira muito individualizada, sem que os alunos demonstrassem muitas variações ou propostas táticas para solucionar o problema proposto pelo jogo, ainda que algumas intervenções tivessem ocorrido e a participação dos estudantes estivessem em um nível satisfatório.

Quando estava quase na metade da aula, chamei os alunos para uma roda de conversa novamente no centro da quadra e propus algumas alterações nas regras. Agora seriam possíveis realizar passes, desde que para colegas que estivessem na mesma linha paralela ao jogador com posse da bola (bandeira), ou que estivesse um pouco atrás, de maneira semelhante ao rugby.

Essa nova possibilidade não surtiu muitas mudanças no início, mas com o passar do tempo, alguns passes foram surgindo e as equipe foram pontuando e aplicando as novas regras nas jogadas, com táticas mais coletivas e eficientes.

Como os alunos considerados mais rápidos e ágeis enfrentavam uma marcação mais cerrada, os demais foram sendo solicitados pelas trocas de passes, gradualmente, fazendo do jogo, que começara mais individualista, agora mais coletivo na prática.

Passados alguns minutos, encerrei a partida e organizei em roda de conversa novamente, sentados no centro da quadra e perguntei aos alunos sobre a aula do dia, as percepções que tiveram etc.

- E aí pessoal, gostaram da aula de hoje? - Perguntei.
- Siiim... - Responderam quase em uníssono.
- Acharam que o segundo jogo foi mais fácil ou difícil que o primeiro?
- Mais fácil. - Respondeu o Augusto.
- Também achei melhor! - Disse Michael.

- Eu achei mais complicado, não consegui acompanhar as jogadas! - Disse Laura.

- Por quê? - Indaguei.

- No começo, os meninos não tocaram muito a bola pras meninas, e o Júlio corre muito rápido, não dá pra acompanhar! - Explicou.

- E você precisava marcar ele sozinha? Não tinha ninguém pra ajudar? - Provoquei.

- Alguém aqui entendeu o motivo das mudanças nas regras? - Perguntei novamente, ao que se seguiu um momento de silêncio.

- Para tocar mais a bola, e jogar em equipe? - Arriscou o Breno.

- Por causa que tem muita gente fominha nessa sala. - Desabafou o Marcos.

- E você, Marcos, você acha que foi mais fominha, ou tocou mais a bola? - Perguntei.

- Eu fui fominha também, pois ninguém queria tocar a bola pra mim. Só no final eu toquei um pouco. - Confessou.

- Certo - Comentei. - Esse era o objetivo das mudanças nas regras, que vocês pudessem pensar de maneira mais coletiva, pois esse jogo não é individual. Ainda que um aluno ou outro possa correr mais rápido, ou ainda trocar de direção rapidamente para enganar o adversário, sozinho não dá pra ganhar esse jogo.

- Verdade professor, deu pra perceber. - Comentou a Mariana.

- Certo pessoal, está quase no horário do sinal. Na próxima aula teremos o tema lutas. Bora tomar água, usar o banheiro e voltar pra sala! - Encerrei me dirigindo ao pátio para organizar a volta à sala de aula.

Observei que a turma de modo geral teve ótima participação nas atividades propostas, com os alunos avançando de um modo mais individual para outro mais coletivo.

Dentro da zona da bandeira, onde as equipes atacantes não poderiam ser pegadas, os alunos começaram gradativamente a ceder a posse da bandeira e se “sacrificar” para que os colegas pudessem levá-la a salvo para seu campo.

Com a mudança nas regras, a inclusão dos passes permitiu algumas jogadas mais coletivas, mas ainda alguns insistiram em tentar atravessar a quadra correndo sozinhos, levando a bandeira (que era uma bola).

Nesta aula, tive uma intercorrência em especial, que não afetou o andamento da turma como um todo, porém, dois alunos pediram no início da aula para irem ao banheiro, e não retornaram. Relatei à orientação educacional da escola e os adverti verbalmente, explicando que seria anotado falta para eles naquela aula.

Diário de aula 04 – 12/08/24

Neste dia, por causa da chuva e da baixa temperatura que fez, muitos alunos faltaram, e as salas de aula contavam com um número reduzido de alunos, e não era diferente com o 7º ano B. (DA 04)

Quando me dirigi para a sala de aula, percebi que a temática havia gerado certa expectativa, e com menos alunos, pois cerca de 25 por cento havia faltado, pude com maior facilidade organizá-los para a chamada e início da aula em si. Pude começar a apresentar a temática do dia: lutas por meio dos jogos de oposição. Comecei explicando o conceito de lutas como parte da educação física, destacando que o objetivo não era apenas o confronto físico, mas sim a prática de habilidades como o controle corporal, a estratégia, o respeito ao adversário e o desenvolvimento de valores sociais e emocionais, como o autocontrole.

Deixei claro que as atividades seriam realizadas de forma lúdica e segura, sem envolver violência, e que todos os exercícios seriam monitorados para garantir o bem-estar dos participantes, sem poderem “bater no amiguinho”, disse em tom descontraído. Mencionei que, naquela primeira aula, os alunos experimentaríamos diferentes atividades de oposição, nas quais o objetivo seria superar um adversário usando habilidades como equilíbrio, força controlada e estratégia.

- Vou poder bater nos amiguinhos? - Perguntou Murilo, em tom de ironia.
- Não Murilo, não vai poder, como já expliquei. Apesar de saber que você está brincando, é bom lembrar que luta não é a mesma coisa que brigar, pois envolve regras e especialmente o respeito pelo adversário, além de conhecer uma nova modalidade e aprender sobre nossos próprios limites e possibilidades.
- E se for de brincadeira? Ou sem querer... - Falou em tom irônico e bem-humorado.

Após a explicação inicial, reforcei os objetivos da aula, lembrei sobre como as atividades propostas nessa unidade didática tem justamente o propósito de permitir que os alunos observassem e refletissem sobre suas atitudes, muitas vezes agressivas, e orientei os alunos a se dirigirem à quadra de esportes para o início das práticas corporais.

Na quadra, procurei organizar a turma em um círculo para conduzir um breve alongamento. Expliquei a importância dessa etapa, destacando que o alongamento prepararia os músculos para a atividade física, ajudando a prevenir lesões. Os alunos realizaram alongamentos focados nos principais grupos musculares que seriam usados durante a aula, como pernas, braços, punhos, pescoço e coluna.

Depois do alongamento, passei para a parte de aquecimento, guiando os alunos em uma sequência de exercícios dinâmicos, como corridas leves em torno da quadra, saltos e movimentos de agilidade, enfatizando que o aquecimento aumentaria a circulação sanguínea e prepararia o corpo para os movimentos que seriam realizados durante os jogos de combate.

Com os alunos devidamente preparados, expliquei que a aula seria composta por três atividades diferentes, todas focadas em jogos de combate/oposição, onde os alunos teriam que competir de maneira controlada e estratégica.

Primeira Atividade: Desequilibrar o Oponente (com uma das mãos dadas). Orientei os alunos a se dividirem em duplas e, em seguida, expliquei a dinâmica do primeiro exercício. Cada dupla deveria se posicionar frente a frente, dar as mãos com a mão direita (ou esquerda, dependendo do lado escolhido), e o objetivo seria tentar desequilibrar o oponente usando apenas essa mão, mantendo os pés fixos no chão. Ressaltei que os alunos deveriam usar mais a estratégia do que a força bruta, observando os movimentos do adversário para encontrar o melhor momento de puxar ou empurrar com suavidade para desestabilizar o colega.

Orientei inicialmente que os alunos procurassem formar duplas com colegas que tivessem o peso e a altura parecidos, para tentar gerar um equilíbrio entre as forças, e com algumas intervenções, tudo foi organizado.

Durante essa atividade, circulei entre as duplas, oferecendo dicas e corrigindo posturas, sempre enfatizando a importância de manter o controle e o respeito ao adversário.

Pude observar que os alunos estavam animados com a atividade, e realmente se dedicaram, esforçando-se bastante.

Após alguns minutos, tendo orientado que trocassem as mãos, sugeri a troca das duplas, com maior liberdade, para que pudessem desafiar um colega a sua escolha, o que levou mais alguns momentos nessa atividade.

Segunda Atividade: Empurrar o Oponente para Fora de um Espaço Delimitado. Na segunda atividade, delimitei um pequeno espaço no chão da quadra, utilizando as linhas destinadas aos esportes de invasão, e os alunos, novamente nas duplas inicialmente estabelecidas, foram desafiados a tentar empurrar o colega para fora dessa área demarcada. O objetivo era simples: um aluno precisava empurrar o outro para fora do círculo, enquanto o oponente tentava resistir e permanecer dentro da área.

Enfatizei que a força deveria ser aplicada com moderação, usando mais o peso corporal e a inteligência de posicionamento para empurrar o adversário de maneira eficiente, sem recorrer a atitudes desleais, respeitando algumas regras de segurança para evitar acidentes. Também aproveitei essa atividade para falar aos alunos sobre a importância de controlar a força e respeitar os limites físicos dos colegas.

Logo então eles se puseram à luta, empurrando os colegas com as palmas das mãos apoiadas nos ombros dos oponentes, **novamente com bastante energia e motivação, realizando a atividade sem intercorrências.**

Novamente propus a livre troca das duplas, e permiti que experimentassem mais alguns minutos da atividade.

Terceira Atividade: Cabo de Guerra: Por fim, organizei a terceira atividade: um cabo de guerra, dividindo a turma em grupos. Cada equipe se posicionou em lados opostos da corda, e o objetivo era puxar a corda com força suficiente para fazer com que a outra equipe ultrapassasse uma linha demarcada no meio da quadra. Durante essa atividade, aproveitei para falar sobre a importância de trabalhar não apenas a força física individual, mas também a cooperação em equipe e a estratégia de como dividir a força entre os membros do grupo.

Me posicionei no centro da corda, por motivo de segurança, para evitar que um grupo acidentalmente caísse ou soltasse a corda. **Pude notar como não houveram trocas de ofensas ou críticas entre os integrantes de uma mesma equipe, quando derrotada, algo frequente nos esportes coletivos, quando um colega erra e perde a posse de bola ou uma finalização, por exemplo.**

Após a conclusão das três atividades, reuni os alunos em roda, no centro da quadra para uma conversa final sobre a aula. Perguntei como eles se sentiram durante os jogos, o que aprenderam e quais foram os maiores desafios enfrentados. Muitos alunos comentaram sobre a dificuldade de controlar a força durante os exercícios, especialmente na atividade de desequilibrar o oponente com uma mão. Outros destacaram a **importância da estratégia e do trabalho em equipe** no cabo de guerra.

Foi interessante perceber como **houve boa participação de alunos que normalmente se sentem deslocados por não se sentirem aptos para participar dos jogos e esportes coletivos**, uma vez que na escolha das duplas, pude orientar a que buscassem um determinado equilíbrio entre os estudantes, para que tivessem uma melhor experiência e sensação de desafio e superação.

Uma importante observação sobre essa aula, é que ela foi realizada com um número significativamente reduzido de alunos, como relatado brevemente no início deste registro. Creio que certamente este fato influenciou positivamente no andamento da aula e nas possibilidades de, como professor, estar mais atento às necessidades e situações comuns que surgiram durante a aula, além de ter alterado visivelmente a característica da turma, considerada especialmente indisciplinada.

Encerrei a aula elogiando o esforço dos alunos e ressaltando que, na próxima aula, continuaria explorando a temática das lutas, sempre mantendo o foco na segurança e no desenvolvimento social dos participantes.

Voltando à sala de aula, me despedi dos alunos reforçando que não faltassem no dia seguinte, e que comentassem com os faltosos sobre como a aula fora interessante, para que estivessem presente na próxima aula.

Diário de aula 05 – 13/08/24

Me dirigi à sala de aula e percebi que a propaganda feita pelos alunos que participaram da aula anterior fora um sucesso, pois **apenas dois alunos faltaram neste dia (o que é um número baixo pela média da sala)**. Logo que cheguei em sala, percebi a expectativa no olhar de cada um deles. A aula anterior sobre lutas foi um sucesso e muito participativa, e isso gerou um clima de entusiasmo. Eles já comentavam animados sobre as atividades que fizemos na última aula e mal podiam

esperar para começar. Aproveitei essa energia positiva para conduzir a explicação do que faríamos naquele dia.

Comecei a aula na sala explicando que continuaríamos explorando a temática das lutas, mas que hoje iríamos avançar um pouco mais. Disse a eles que o objetivo principal da aula seria trabalhar o controle corporal, a estratégia e, mais uma vez, o respeito às regras e ao colega. Expliquei que as atividades seriam desafiadoras, mas também divertidas, e que precisávamos manter o foco e a atenção durante toda a aula.

Com todos atentos, fiz uma breve recapitulação das atividades da aula anterior, para que pudessem perceber a continuidade do trabalho. E então, expliquei que a aula de hoje seria composta por três atividades: uma repetição de um jogo de oposição da última aula, seguido de dois novos desafios, explicando como essas atividades exploram habilidades e domínio espacial diferentes, o que alguns autores classificam em lutas de curta, média e longa distância. Depois dessa introdução, pedi que todos se dirigissem à quadra para começarmos a parte prática.

Chegando à quadra, organizei a turma em um círculo novamente e comecei com uma série de alongamentos, assim como fizemos na última aula. **Dessa vez, percebi que os alunos estavam mais atentos e focados nos movimentos.** Focamos principalmente em alongar as pernas, braços e tronco, áreas que seriam muito exigidas nas atividades de hoje.

Após o alongamento, passei para o aquecimento dinâmico. Fizemos algumas corridas curtas e exercícios de agilidade, como saltos e mudanças rápidas de direção e variações de pegadas. Usei essa parte para lembrar os alunos sobre a importância do aquecimento para evitar lesões e melhorar o desempenho nas atividades de lutas e oposição.

Com todos aquecidos, expliquei a sequência das atividades do dia. Hoje, trabalharíamos três jogos de oposição, começando com um já conhecido da aula anterior e introduzindo dois novos.

Primeira Atividade: Desequilibrar o oponente. A primeira atividade foi uma repetição da que fizemos na última aula: desequilibrar o colega com uma das mãos dadas. Os alunos foram divididos em duplas e tinham que, com uma das mãos dadas ao oponente, tentar desequilibrar o adversário usando estratégia e controle corporal, sem força excessiva. Vi que muitos já estavam mais familiarizados com essa atividade, mas ainda aproveitei o momento para ajustar posturas e incentivar o uso

da estratégia, não apenas da força. Fiquei satisfeito ao ver que a maioria estava colocando em prática o que aprenderam na aula passada, demonstrando mais autocontrole e paciência.

Segunda Atividade: Captura de Fita. Na segunda atividade, introduzi um novo jogo: a captura de fita. Prendi duas pequenas fitas nas laterais do short de cada aluno e expliquei que o objetivo era tentar capturar as fitas do colega, ao mesmo tempo em que protegiam as suas. A quadra se transformou em um campo de estratégia e velocidade, onde cada aluno precisava estar atento ao próprio corpo e aos movimentos dos adversários.

Assim que expliquei a atividade, um grupo de alunos falou em uníssono:

- **Que da hora, igual ao Kobra Kai! - Exclamaram admirados.**

Foi então que entendi que essa atividade também fora usada na famosa e popular série atual sobre karatê, que se passa no universo dos filmes Karatê Kid, que levou a popularização dessa modalidade nos cinemas com Daniel San, um protagonista estadunidense que aprende a antiga arte marcial com o Sr. Miyagi, um japonês radicado nos Estados Unidos.

Enquanto observava a atividade, vi que alguns alunos preferiam adotar uma postura defensiva, protegendo suas fitas, enquanto outros eram mais ousados, tentando capturar o máximo de fitas possível. **Intervenções foram necessárias em alguns momentos, para lembrar que, embora o jogo fosse competitivo, o respeito ao adversário era essencial.** Foi interessante ver a evolução na forma como se movimentavam e se protegiam, cada vez mais conscientes do espaço e da necessidade de planejar suas ações.

Terceira Atividade: Esgrima Adaptada. Para fechar a parte principal da aula, propus uma atividade adaptada de esgrima. Entreguei a cada aluno metade de um espaguete de piscina, simulando uma espada, e expliquei que o objetivo era estocar o oponente de forma controlada, atingindo o corpo do adversário sem usar força excessiva. Fiz questão de explicar que essa atividade exigiria muita concentração e rapidez, além de coordenação motora para atacar e defender ao mesmo tempo.

Com a novidade do espaguete/espada, tive no início vários episódios em que os alunos começaram a bater no chão fazendo barulho, uns nos outros de maneira mais contundente, gerando algumas provocações e conflitos.

Assim, precisei interromper algumas vezes a explicação da atividade para conter os ânimos dos alunos, dizendo que iríamos interromper a prática e voltar para a sala caso os estudantes não colaborassem.

Retornando à atividade, dividi os alunos em duplas novamente e observei enquanto se engajavam na atividade. Foi uma experiência nova para eles, e vi que, no início, alguns estavam hesitantes em "atacar" o colega, enquanto outros precisaram ser repreendidos pois começaram a bater no colega de forma mais forte que o combinado. Fui orientando-os sobre como fazer movimentos precisos, sempre lembrando que o objetivo era acertar o adversário com toques leves e rápidos, como no esporte real. A interação entre os alunos foi muito positiva, e muitos começaram a entender rapidamente a dinâmica, desenvolvendo uma postura mais defensiva e estratégica.

No final da aula, reuni todos os alunos em uma roda de conversa. Estavam suados, mas claramente empolgados com as atividades que haviam acabado de realizar. Perguntei como eles se sentiram durante as diferentes atividades, e recebi respostas variadas: alguns adoraram a captura de fita, por ser rápida e estratégica; outros se destacaram na esgrima adaptada, apreciando o desafio de controlar o espaguete de piscina.

Notei que o Bruno, aluno com TEA que pouco verbaliza ou se comunica nas aulas, havia participado, e disse brevemente como gostou da esgrima. Considero esse fato importante, pois o Bruno raramente participa das aulas práticas, ainda menos que o Maicon, além de ser muito faltoso. (DA 05)

Aproveitei para falar sobre o aprendizado da aula, destacando que as lutas e os jogos de oposição não são apenas sobre força física, mas envolvem autocontrole, concentração e o respeito às regras e ao adversário. Perguntei se eles conseguiram perceber a importância de usar a estratégia nas atividades, e muitos concordaram, comentando como foi mais fácil capturar as fitas ou estocar o adversário quando estavam concentrados e atentos aos movimentos dos colegas.

Por fim, encerrei a aula e, de volta à sala, agradei o esforço e a participação de todos e finalizei a aula com uma mensagem de respeito e cooperação, lembrando que nas próximas aulas, a temática seria a dança, o que deixou alguns meninos contrariados, e agradei as meninas que se sentiram valorizadas.

Diferentemente da aula anterior, neste dia a turma estava mais cheia (ainda com algumas faltas), contando com a presença também de alguns alunos mais

indisciplinados, gerando a necessidade de mais intervenções por minha parte. Por conta do excesso de faltas, alguns dias depois dessa aula, o Bruno foi declarado como abandono escolar pela orientação, e perdeu sua vaga na escola.

Notei que a aula foi bastante produtiva, com a participação de todos os alunos presentes, apesar dos conflitos isolados. Pude na roda de conversa comentar como nessa atividade, trabalhando a temática das lutas, menos brigas e conflitos diversos haviam surgido, permitindo assim gerar perguntas disparadoras sobre as razões das mesmas ocorrerem com frequência naquela sala (não apenas nas aulas de Educação Física), e muitos alunos participaram comentando e contribuindo nas discussões.

Nesta aula em específico, senti falta de uma maior contextualização dos conteúdos propostos, falar sobre as origens e diferentes modalidades das lutas certamente teria produzido uma compreensão melhor do fenômeno da luta, além de produzir situações para a reflexão sobre os conflitos.

Diário de aula 06 – 19/08/24

Me dirigi à sala com alguma ansiedade, sem saber muito o que esperar. A turma estava agitada como de costume, com alguns alunos já fora da sala gerando um desafio quase todas aulas, e hoje não tinha sido diferente: muitos alunos estavam conversando e distraídos, o que dificultou a organização inicial.

- Professor, podemos jogar futebol hoje? - Perguntou Carlos.
- Eu não tenho o menor jeito com a dança. - Completou Augusto.
- Não pessoal, vamos seguir o cronograma combinado, ok!? -

Respondi. Mesmo assim, hoje não significa que apenas quem tem habilidade especial para a dança que irá conseguir realizar as atividades que planejei. Além do mais, como já conversamos, as atividades diversificadas também servem para experimentar e valorizar outras habilidades, pois muitas vezes alguns alunos que têm dificuldades nos esportes, ou em jogos como a queimada também participaram dessas aulas. - Completei.

- Professor, nas duas últimas aulas, segundo o cronograma que o senhor passou, nós jogaremos basquetebol e futsal, certo? - Perguntou um aluno.
- Certo Júlio, por que a pergunta? - Questionei.

- Você falou que podíamos ter algumas alterações no cronograma, caso mantivessem os objetivos da aula. Eu queria saber se podemos trocar o basquetebol pelo vôlei. - Indagou novamente.

- Creio que sim. - Disse. - É uma escolha da maioria? - Perguntei olhando para toda a turma, que assentiram afirmativamente. - Combinado então! - Concluí.

Feita a chamada, reservei um tempo para explicar a dinâmica da aula. Falei sobre o que era dança, a sua importância como forma de expressão e identidade cultural, como os jogos ritmados seriam uma maneira divertida de começarmos a nos familiarizar com o tema. Fiz questão de ressaltar que a dança não é apenas um conjunto de movimentos, mas também uma forma de comunicação e união entre as pessoas. Isso parecia despertar um pouco de curiosidade, e alguns alunos começaram a prestar mais atenção.

Fiz um breve aquecimento, seguido de um alongamento mais focado nos membros inferiores e tronco, então seguimos para a parte principal.

Primeira Atividade: "Ritmo Numérico". Ao chegarmos à quadra, organizei os alunos em um grande círculo. A primeira atividade, chamada "Ritmo Numérico", consistia em criar um ritmo em conjunto, utilizando palmas e batidas de pé. No início, os alunos estavam um pouco hesitantes. A desconfiança ainda pairava no ar e alguns estavam mais focados em conversar do que em participar. No entanto, conforme comecei a mostrar a batida, a atitude da turma começou a mudar. **Aqueles que inicialmente estavam mais reservados começaram a se soltar e a experimentar diferentes sons. Inicialmente muitos estavam tímidos, enquanto um dos alunos começou a se balançar e produzir um ritmo e gestos bem criativos e engraçados.**

- Muito bem Rodrigo, vejo que você está animado para a aula de hoje! - Comentei. - Mas vamos experimentar um ritmo mais simples primeiro, depois vamos construindo e acrescentando conforme as ideias vão surgindo, ok!?

Em roda, apresentei um ritmo simples de percussão corporal, com palmas e deslocamento para os lados. Aos poucos, as palmas foram ficando mais rápidas e acrescentadas batidas de pé, e **logo a turma foi pegando o jeito e se soltando aos poucos.**

Segunda Atividade: "Ritmo e Movimento". Após "Ritmo Numérico", segui para a segunda atividade, "Ritmo e Movimento", ao estilo da brincadeira "Siga o Mestre".

Aqui, propus movimentos diversos, sincronizados e ritmados, que deveriam ser copiados pelos alunos. Em um segundo momento, orientei que os alunos se dividissem em pequenos grupos de quatro ou cinco. Cada grupo deveria criar uma sequência de movimentos que fosse inspirada na batida que acabamos de criar. O objetivo era que cada grupo se apresentasse para os demais.

Os alunos ficaram animados com a proposta e movimentos engraçados surgiram. Os alunos se engajaram rapidamente nesta proposta, embora algumas vezes alguns meninos fizessem alguns gestos inapropriados tentando passar despercebidos por mim. Enquanto os grupos começavam a explorar as possibilidades, alguns alunos espiavam os colegas dos outros grupos e começaram a tentar copiar e criar com base nos movimentos observados. Notei que os alunos estavam bastante animados e motivados ao experimentar diferentes movimentos, com atitude bem diferente do início da aula quando se mostravam desconfiados e alguns meninos reclamaram do tema da aula. Quando chegou a hora das apresentações, todos estavam ansiosos para mostrar o que criaram.

Terceira Atividade: "Apresentação". Para finalizar, organizei em um canto da quadra da quadra uma caixa de som e um espaço para as apresentações. Coloquei algumas músicas em diferentes ritmos e propus que as turmas tentassem se adequar ao som com os movimentos criados. Por fim propus uma "Dança Livre". Coloquei uma música atual ao estilo "Tik Tok" e disse a eles que poderiam dançar como quisessem, utilizando os movimentos que tinham explorado nas atividades anteriores ou inventando novos. A ideia era que eles se sentissem livres para se expressar.

Após as apresentações, reuni os alunos novamente em um círculo para nossa roda de conversa. Comecei perguntando como eles se sentiram durante as atividades. Muitos deles compartilharam que, no início, estavam desconfiados e sem muito interesse, principalmente alguns meninos, mas que depois se divertiram muito. Alguns mencionaram que nunca tinham pensado na dança como uma forma de se expressar e como uma atividade física que poderia até ser considerada como intensa, e estavam surpresos com o quanto gostaram da experiência.

Comentei como estava satisfeito em ver a participação de todos no final da aula, ainda que alguns estivessem mais resistentes no começo. Foi gratificante ver a evolução da turma ao longo da aula. Embora a indisciplina tenha começado como um desafio, a dinâmica das atividades permitiu que eles se concentrassem nas possibilidades dos diferentes gestos.

Diário de aula 07 – 20/08/24

Me dirigi à sala de aula para a nossa segunda aula sobre dança com expectativas melhores que no dia anterior, especialmente por contar com recursos audiovisuais que sempre chamam a atenção e geram expectativas e curiosidade nos estudantes.

Fiz a chamada em sala de aula e expliquei que iríamos para a sala de vídeo, onde nossa aula aconteceria.

Como a aula ocorre logo após o meu intervalo, pude rapidamente arrumar a sala com espaço para a prática da dança, arrastando as cadeiras para os cantos da sala e deixando um bom espaço vazio no centro.

Iniciei a aula explicando a dinâmica do dia, destacando que iríamos assistir a vídeos de diferentes estilos de dança e, em seguida, reproduzir alguns movimentos. Mencionei que também usaríamos o jogo "Just Dance" do Xbox, o que despertou risadas e comentários animados entre eles.

No entanto, logo no início, percebi alguns sinais de indisciplina. Durante a explicação, alguns alunos começaram a conversar e a se distrair, o que me forçou a interromper brevemente e chamar a atenção para a importância do respeito e da concentração, especialmente porque as atividades exigiriam trabalho em grupo. Após essa intervenção, consegui retomar a atenção deles e seguir em frente.

Comentei que teríamos um tempo para reproduzir um ritmo ou dança que fosse de escolha da maioria dos estudantes, caso não apresentasse algum conteúdo explícito na letra ou imagens, o que animou alguns que já começaram a citar algumas músicas e reproduzir gestos e dancinhas ao estilo "Tik Tok".

Sempre que temos a oportunidade de levar os alunos a um espaço diferente, enfrentamos diversos desafios, e não foi diferente na aula de hoje. Entre organizar a fila, trancar a sala de aula e orientar os alunos a transitar no corredor sem atrapalhar as demais salas em aula demanda minutos preciosos que sempre sentimos falta no final, mas com paciência conseguimos chegar à sala de vídeo e nos acomodar de forma a poder realizar as tarefas propostas.

Após um breve alongamento focado nos membros inferiores e tronco, dei início a parte principal da aula.

Primeira Atividade: Ritmos do Mundo. Propus inicialmente a atividade "Ritmos do Mundo", onde escolhi danças de diferentes culturas e apresentei vídeos na plataforma "YouTube" contendo alguns estilos, como o hip-hop, o samba e dança africana, explicando brevemente o contexto de cada um. A ideia era que os alunos pudessem identificar e reproduzir os ritmos e, em grupos, criassem livremente sobre as coreografias apresentadas.

Comentei como cada estilo poderia ser explorado em outro momento dentro de seus respectivos contextos, e lamentei a falta de tempo nessa proposta em apresentar tantos conteúdos diversificados em uma sequência mais rápida, contudo, essas reflexões me permitiram também naquele momento retomar com os alunos os objetivos da UD bem como do estudo que lhe deu origem.

Alguns alunos ficaram animados com a escolha dos estilos e começaram prontamente a dar risadas e a se pôr em movimento quando o primeiro vídeo começou. Fiquei impressionado com a desenvoltura de alguns, enquanto os mais introvertidos demoraram a arriscar alguns passos e movimentos mais tímidos.

Um momento particularmente marcante foi quando assistimos a um vídeo de dança de rua. Alguns alunos, que geralmente apresentam indisciplina, ficaram completamente absorvidos pela performance e começaram a fazer comentários animados, enquanto arriscavam alguns passos desajeitados de parte da coreografia em reprodução.

Segunda Atividade: Just Dance. Na segunda metade da aula, reproduzi vídeos retirados do jogo "Just Dance". Perguntei para a sala se os alunos estavam familiarizados com a plataforma do console "X-Box" com o acessório "Kinect" que permite a captura dos gestos dos usuários para interatividade, e alguns alunos assentiram afirmativamente. Organizamos os alunos em grupos, duplas ou individualmente, conforme a coreografia pedisse, cada um teve a chance de dançar ao som de músicas populares, seguindo os movimentos exibidos na tela.

Pude observar que uma competição amigável surgiu e estimulou ainda mais a participação. Alunos que antes estavam mais reservados começaram a se soltar, rindo e dançando com entusiasmo. Vi alguns alunos, que normalmente enfrentam dificuldades em se expressar, se destacando e se divertindo. No final da aula, fiz uma roda de conversa e perguntei o que eles tinham achado das atividades. As respostas foram unânimes: todos gostaram das propostas. Muitos comentaram que se sentiram mais livres para dançar e se expressar, e isso foi um grande avanço em comparação

com nossa primeira aula. Muitos compartilharam que gostaram de observar os vídeos e que o "Just Dance" foi a parte mais divertida.

Comentei como a proposta havia feito com que a relação entre eles fluísse de modo a apresentar menos conflitos e desrespeito. Houve liberdade e até incentivo na participação uns com os outros, que incentivavam a participação dos demais.

Falei também sobre como não houveram episódios de ofensas ou reclamações entre os estudantes, pois o foco da atividade não era competitivo em si mesma.

Na volta para a sala os alunos reclamaram que a aula havia passado rápido demais, e aproveitei para lembrar que essa sensação representa que eles curtiram e ficaram absortos pelas atividades, mas também era fruto das indisciplinas que costumam atrasar constantemente o início de cada aula.

Na aula de hoje fiquei satisfeito com a participação dos alunos, especialmente envolvendo um tema que costuma gerar muitas controvérsias. Novamente tive dificuldade com um aluno que, em determinado momento saiu para usar o banheiro e voltou apenas no final da aula. Relatei o caso à orientação educacional mais uma vez.

Hoje, consegui notar uma maior coesão na turma. A expectativa deles trouxe um clima positivo, e as atividades foram um sucesso.

Diário de aula 8 – 02/09/24

Me dirigi hoje à sala de aula com expectativas divididas, entre um conteúdo que poderia não agradar aos alunos e as boas experiências que observei nas últimas semanas com as lutas e a dança.

Haviam alunos fora da sala de aula como de costume, e dois alunos reclamaram que estavam aguardando o Rogério retornar para poder usar o banheiro, e o mesmo não havia retornado desde o solicitado ao professor da aula anterior.

Assenti que abriria uma exceção para que eles fossem os dois ao mesmo tempo enquanto eu me organizava na sala e dava início à chamada. Na aula de hoje também havia um número considerável de faltas, algo que era frequente na turma.

Comecei retomando os objetivos da UD enquanto explicava as atividades previstas na aula de hoje. Falei sobre a importância da cooperação nas práticas corporais e extrapolando para as demais áreas da nossa vida em sociedade.

Após a chamada, expliquei brevemente os jogos cooperativos, onde todos os participantes cooperam em um objetivo em comum, e semi-cooperativos, onde duas ou mais equipes cooperam em um objetivo em oposição às demais equipes, como o “Lençolbol”, “Nó Humano” e “Campo Minado” que seriam vivenciados na aula. Esperava que, mesmo com a agitação quase incessante deles, fosse possível destacar relações interpessoais e a capacidade de cada um em colaborar com o grupo, além de refletirem sobre como lidam com regras e cooperação em uma dinâmica de jogo.

Na quadra, após um breve aquecimento seguimos para as atividades propostas.

Primeira Atividade: Lençolbol. Dividi a turma em dois grupos e expliquei as principais regras da atividade: eles deveriam usar um lençol em duplas para lançar uma bola, tentando fazer com que ela passasse por sobre uma rede de vôlei e caísse no chão do lado adversário. **A princípio, foi uma bagunça completa. Alguns alunos apenas riam e faziam pouco caso do jogo,** mas à medida que a atividade progrediu, **notei que, aos poucos, começaram a colaborar mais.** Eles perceberam que, se não sincronizasse os movimentos, a bola caía toda hora. **A comunicação começou a fluir melhor, e as equipes começaram a se ajudar para conseguir o objetivo.**

O primeiro desafio foi a organização das duplas. Percebi que uma aluna havia sido excluída, ainda que houvesse a possibilidade de formarem trios para a realização da atividade, então decidi fazer par com ela e também entrar na brincadeira.

O jogo foi evoluindo de uma simples tentativa de dominar e lançar a bola nessas condições, para regras mais elaboradas como a necessidade de se dar três passes entres as duplas antes de lançar a bola para o outro lado da quadra.

Com o tempo, os alunos perceberam que era vantajoso se a dupla que ficasse responsável pelo terceiro toque/condução da bola fosse a que estava mais próxima à rede, e com isso incluí também um rodízio para que todos realizassem as posições de ataque e também de saque.

Essa atividade trouxe muita participação e animação por parte dos alunos, mas também alguns conflitos. Alguns **alunos procuravam culpar o parceiro de lençol em casos de falha, outros criticaram e xingaram outras duplas que derrubaram a bola, o que levou a uma necessidade de intervenção.**

Interrompi a atividade e conversei com os alunos, retomando mais uma vez os objetivos da UD, questionando a eles sobre a necessidade de uma competitividade tão acirrada.

- Os meninos querem ganhar em tudo. - Falou a Laura.

- Tem menina que faz corpo mole pra tudo, professor. - Contrapôs

Marcos.

- O problema é que quando erramos, os meninos começam a xingar, aí ninguém quer mais participar. - Completou a Carla.

- Creio que o problema está em cada um olhar para aquilo que é do seu interesse e esquecer de olhar para o outro, para o colega e pensar nos outros. - Comentei. - Esse tipo de atividade tem como objetivo justamente pensar no grupo e no coletivo acima das preferências e conquistas pessoais, afinal, não é um esporte individual.

E segui a aula introduzindo a próxima atividade.

Segunda Atividade: Nó Humano. Nesta atividade, a proposta era dividir em grupos e propor dinâmicas diferentes entre os grupos, mas com um grupo reduzido, foi possível trabalhar em um único grupo com todos juntos. Com todos em uma pequena roda, orientei que cruzassem os braços estendidos a frente e dessem as mãos ao colega que estivesse em posição oposta aproximadamente.

No início, alguns alunos estranharam um pouco o contato físico e a proximidade uns com os outros, além de tentarem escolher ou evitar dar as mãos com quem tinham menos intimidade.

Outros alunos já começaram a parecer um pouco desanimados, achando “bobo” o jogo de desatar o nó sem soltar as mãos. Expliquei novamente que a ideia era trabalhar a cooperação e o trabalho em equipe, mas agora eles pareciam que estavam mais preocupados em rir da confusão e das dificuldades dos colegas. Após algumas tentativas e “elos” quebrados, o grupo finalmente desfez o nó, o que trouxe uma certa sensação de realização.

Repetimos o processo mais duas vezes e comentei como muitas vezes podemos trabalhar juntos, reconhecendo a dificuldade uns dos outros e ajudando para que a tarefa fosse realizada sem deixar ninguém de fora.

Terceira Atividade: Campo Minado. Essa era a atividade que eu estava mais curioso para observar. Para isso, coloquei quatro colunas contendo oito fileiras de bambolês no chão. Coloquei os alunos em fila e orientei a tentarem sempre saltar

para uma casa na fileira seguinte, enquanto eu estaria com um gabarito em mãos onde tinha anotado quais casas (bambolês) seriam seguras para pisar, ou seriam minas. Expliquei que quem explodisse uma das minas, deveria voltar ao final da fila, mas todos deveriam ficar atentos para ver qual seria o caminho seguro para seguir, e em seguida, das instruções aos que viriam atrás. Assim como na atividade anterior, o grupo seria vitorioso quando todos passassem pelo campo minado sem explodir nenhuma das minas.

Como o esperado, o grupo correu para formar a fila, quase trombando uns nos outros, e no início da atividade, muitos foram “explodidos” e voltaram ao final da fila, de onde começaram a visualizar melhor onde os colegas pisavam e conseguiam avançar.

Alguns começaram a gritar torcendo pelos amigos, enquanto outros apenas queriam acelerar os da frente para chegar a sua vez.

- Pessoal, quero que vocês percebam que o objetivo do jogo é que todos possam passar em segurança para o outro lado. Se apenas uma pessoa ficar pra trás, a equipe não chegará completa e precisarão esperar a pessoa voltar para o início e tentar novamente. - Comentei, na esperança de entenderem que não era uma questão de ser mais rápido que iriam realizar a tarefa.

Por fim, após algumas tentativas (e algumas “explosões”) o grupo conseguiu chegar ao outro lado.

Uma vez que entenderam a lógica da atividade, propus que a fizessem novamente, alterando as posições das minas e aumentando um pouco a dificuldade, colocando menos espaços sem minas a cada fileira.

Depois das atividades, reuni todos em uma roda de conversa. Claro, muitos ainda estavam agitados, mas consegui captar a atenção deles ao começar a falar sobre o que havíamos feito.

- Vocês perceberam como o comportamento de vocês mudou ao longo das atividades? No começo, ninguém estava se entendendo no lençolbol. Alguém sabe me dizer o que mudou para vocês conseguirem jogar melhor? - Perguntei.

- Ah, acho que a gente começou a pensar mais junto, cada um fazia uma parte, né? - Respondeu Talita.

- Isso mesmo, Talita. E o que mais? O que vocês acharam do campo minado? Como foi tentar sair do Nó Humano? - Insisti.

- Foi difícil no começo, porque todo mundo tava gritando e agitado, mas depois ficou mais fácil quando a gente falou mais baixo e começamos a mexer um de cada vez. - Falou Mariana.

Eu aproveitei o comentário dela para reforçar a ideia de que a cooperação depende de escuta atenta e comunicação clara. Expliquei que em jogos cooperativos, como nas atividades que fizemos hoje, não basta apenas querer ser o mais rápido ou mais habilidoso, sem que o grupo possa acompanhar e todos chegarem juntos ao objetivo.

- Vamos voltar à sala pessoal. Beber água, usar o banheiro e fila!

- Disse, encerrando a aula.

Embora a turma possa ser considerada indisciplinada, notei que, com atividades cooperativas, eles conseguem aos poucos mostrar momentos de colaboração e respeito.

Diário de aula 9 – 03/09/2024

Me dirigi à sala novamente com boas expectativas em relação à aula de hoje. As últimas atividades no dia anterior foram interessantes do ponto de vista coletivo, e como seria a segunda aula no mesmo tema, os alunos já iriam estar mais familiarizados e cientes do tipo de atividade que os aguardavam.

Mais uma vez os alunos estavam à porta da sala quando cheguei, e colocá-los para dentro, organizá-los para fazer a chamada e explicar as atividades do dia levou alguns minutos.

Relembrei os objetivos da UD que estávamos trabalhando e seguimos para a quadra, onde daria sequência à parte prática.

Fizemos um alongamento geral e, como aquecimento, um pega-pega-ajuda para entrar no clima e segui para a parte principal.

Primeira Atividade: Estafetas. Dividi a turma em quatro equipes, posicionadas em filas, e coloquei sinalizado um percurso onde cada equipe deveria percorrer. Quando dado o sinal do apito, o primeiro da fila deveria passar uma bola por sobre a cabeça ou entre as pernas, alternadamente, até que o último da fila estivesse com posse da bola. O último aluno então deveria correr a frente, passar por um cone delimitado a frente da fila, e retornar, tornando-se agora o primeiro da fila e dar sequência à atividade.

Com o espírito de competição em evidência, os alunos logo se mostraram entusiasmados em competir e se sobressaírem sobre os demais colegas. **Aos gritos de incentivos e por vezes, de reclamações, os estudantes se empenharam em realizar a tarefa com determinação.**

- Muito bem 7º Ano, gostei de ver a dedicação de todos na atividade. - Comentei, enquanto encerrava a atividade. - Mas vocês estão competindo para ganhar alguma coisa? Algum prêmio valioso? - Provoquei.

- Não professor, mas nós gostamos de saber que ganhamos. - Disse Murilo.

- Ninguém gosta de perder, né professor, o senhor sabe. - Completou Júlio.

- Claro que não! - Respondei. - Mas também acho que ninguém gosta de ser criticado ou ofendido quando se está tentando dar o seu melhor pela equipe, ou gosta? - Insisti.

Após reforçar como a atividade não tinha o objetivo de enfatizar a competição entre as equipes, mas a cooperação entre os participantes das mesmas, propus algumas variações da atividade, e notei que a competitividade se manteve, porém sem xingamentos ou reclamações.

Segunda Atividade: Caneta na Garrafa. Nesta atividade, eu havia deixado preparado uma caneta amarrada em diversos barbantes, um para cada aluno, que deveriam conduzir em conjunto de um local a outro determinado na quadra, e fazer com que a caneta entrasse na abertura pequena na parte de cima de um cone.

Foi possível que todos fizessem ao mesmo tempo, gerando uma atividade totalmente cooperativa, e **aos poucos alguns alunos foram dando instruções aos demais, para quem em sincronia pudessem atingir o objetivo.**

Em seguida, criei um circuito em que os alunos deveriam percorrer e levar a caneta em cones em sequência, porém, precisando transpor bancos e outros cones em zigue-zague.

Terceira Atividade: Circuito Vendado. Aproveitando o circuito da atividade anterior, com pequenos ajustes, dividi os alunos em duplas onde um deles teria os olhos vendados, enquanto o outro seria seu guia. Através de instruções orais apenas, a pessoa vendada precisaria superar os obstáculos e chegar ao final do trajeto.

Com as duplas formadas de maneira livre, apenas um trio foi necessário para ajustar o número ímpar de participantes. A atividade transcorreu de maneira mais descontraída e todos puderam revezar o uso da venda ao inverter os papéis.

Aproveitando a lógica da atividade, espalhei diversos cones na quadra e sugeri que as duplas agora criassem um caminho ou roteiro mais livre para a atividade. Propus que cada dupla escolhesse três cones em lugares distintos e fossem guiados por eles como na primeira parte da atividade. Falei para eles prestarem atenção nas expectativas em relação às suas localizações no final do percurso, se ao tirarem as vendas teriam ou não as expectativas satisfeitas em relação à orientação espacial imaginada.

Essa atividade foi um pouco mais demorada do que imaginei, mas como o esperado, os colegas procuraram levar os que estavam vendados nos cones mais distantes e de maior trajeto, procurando aumentar ao máximo o desafio proposto.

Ao final, não poucos demonstraram feições de espanto e surpresa ao tirarem as vendas e se descobrirem em posições distintas das expectativas, o que gerou boas risadas (além do desejo de retribuir a sensação).

Ao final da aula, reuni todos em uma roda de conversa. A turma estava visivelmente mais cansada, o que facilitou a organização da roda.

- E aí, pessoal, o que vocês acharam das atividades de hoje? Alguém conseguiu perceber alguma diferença em como vocês se comportaram em relação à última aula? - Perguntei.

- Acho que hoje foi mais difícil. A caneta era bem chata de colocar na garrafa, mas quando a gente acalmava, conseguia. - Falou Mariana.

- Verdade, calma e paciência são essenciais em atividades cooperativas, especialmente quando requer precisão. E no circuito vendado? Como foi dar e receber instruções? - Continuei.

- No começo, não dava pra entender nada do que o Augusto dizia, mas depois de um tempo conseguimos nos entender, e deu certo. - Respondeu Roberto.

- Eu fiquei perdida na hora que a Carla me conduzia de olhos fechados, tinha certeza que ela estava me levando pra outro lugar. Parecia que tinha andado mais de um quilômetro. - Disse Laura.

- Eu percebi como muitos estavam hesitantes ao seguir instruções com os olhos fechados, e quase todos demonstraram surpresa ao tirar as vendas. - Falei. -

É muito interessante essa atividade para pensar no trabalho em equipe, na confiança e perceber que precisamos uns dos outros para realizar uma tarefa mais complexa.

Finalizei pedindo que eles refletissem sobre como esses jogos cooperativos exigem uma postura diferente, mais voltada para o grupo do que para o indivíduo. Embora ainda houvesse episódios importantes de indisciplina, notei que alguns alunos, especialmente aqueles que já haviam se destacado na aula anterior, começaram a demonstrar estar entendendo a proposta da UD.

Diário de aula 10 – 09/09/24

Me dirigi à sala de aula hoje com melhores expectativas e com sentimento de satisfação e receio de voltar à rotina, pois as aulas previstas na UD deste trabalho estavam chegando ao fim.

Como o voleibol era uma modalidade querida por muitos, havia uma boa expectativa quanto a aula de hoje, o que não facilitou nada quanto à organização inicial da turma, com alunos fora da sala de aula, conversando e andando pela sala na troca dos professores.

Feita a chamada, expliquei à turma como seria a aula de hoje, com a progressão do câmbio, conhecido como vôlei adaptado, ao voleibol propriamente dito, ou quase. Expliquei que a dinâmica do câmbio já permitia a percepção da dinâmica do vôlei, com rodízio das posições e todos ocupando as seis posições existentes no voleibol tradicional, mas adaptando as mesmas para dar lugar a mais participantes e assim todos experimentarem o jogo.

Com alguma resistência, a turma finalmente se aquietou, e seguimos para a quadra.

Começamos com um aquecimento em torno da quadra, incluindo trote leve, polichinelos e uma rápida brincadeira de pega-pega

Após o aquecimento, fizemos uma sequência de alongamentos focados em pernas, braços e ombros. Enquanto alongavam, orientei sobre a importância de cada movimento para a prática do voleibol, destacando como eles ajudam a prevenir lesões e melhorar o desempenho.

Iniciamos com o câmbio, onde cada equipe precisava apenas passar a bola para o outro lado da quadra sem deixá-la cair. As regras foram simples: quem deixava a bola cair dava um ponto ao adversário. O objetivo era fazer com que todos

sentissem a dinâmica de um jogo de voleibol, realizando três passes para depois, lançar a bola ao lado adversário, de forma simplificada para facilitar o desenvolvimento do jogo com uma compreensão da dinâmica do mesmo.

No início, houve bastante desorganização, pois alguns alunos estavam mais preocupados em brincar e falar do que em participar. Fiz algumas intervenções pontuais, chamando a atenção para a importância de participar ativamente e cooperar com a equipe. Também fiz pequenas correções no posicionamento de cada um, para não deixar espaços vulneráveis.

Inicialmente os alunos começaram a lançar a bola sem critérios ou estratégias definidas, arremessando na direção de uma pessoa no time adversário.

- Procurem jogar a bola onde *não tem* alguém pronto para segurá-la, nos “buracos” entre os jogadores. - Orientei.

Percebi que a atividade despertou o interesse de todos, e a dinâmica dos fundamentos mais simples fez com que aqueles considerados menos habilidosos estivessem em situação de igualdade e proeminência em alguns momentos, por estarem em melhor posição para atacar.

Passados alguns minutos nessa configuração, solicitei que aqueles que fossem realizar o saque, tentassem fazer da maneira tradicional, golpeando a bola, como já havíamos feito em outras aulas, podendo escolher fazê-lo mais para perto da rede, invadindo o espaço da quadra, se assim fosse preciso.

Também orientei que quem fosse receber o saque, ou seja, o responsável pelo primeiro toque na bola, o fizesse usando a manchete, dando assim os primeiros passos para uma aproximação com o voleibol.

Após alguns minutos jogando nessa configuração, solicitei que cada um agora segurasse a bola ao recebê-la, mas ao enviar para um colega ou para o adversário, tentasse lançar para o alto, para si mesmo, e realizasse o fundamento do toque ou da manchete, conforme se sentissem mais confortáveis.

Quando eles começaram a se adaptar a essa nova situação, alguns erros ocorreram, e algumas vezes por confusão ao tentar rebater direto, sem dominar a bola como orientado, e assim eles permaneceram por mais alguns minutos.

- Professor, podemos agora jogar o vôlei “normal”? - Perguntou Júlio.

Quando percebi que eles estavam pegando o jeito desta variação, permiti que eles agora pudessem escolher, entre dominar a bola para depois rebater com um fundamento, em dois lances, ou poderiam experimentar rebater direto.

Neste momento, alguns mais habilidosos prontamente já mudaram seu estilo de jogo, o que deixou a partida mais dinâmica e animada. Os alunos começaram a gritar uns com os outros de forma animada, com incentivos, absortos no jogo, e aos poucos todos começaram a arriscar suas tentativas de rebater de primeira.

Achei curioso que essa última atualização nas regras da atividade não aumentou drasticamente os erros e as quedas de bola, para minha grata surpresa. Percebi em especial como um aluno mais introvertido parecia animado e contente ao perceber que estava confiante nas jogadas as quais que fora solicitado.

A mudança para o jogo mais próximo ao voleibol tradicional gerou mais interesse entre os alunos, e muitos ficaram empolgados em tentar seguir as regras oficiais. A turma estava mais engajada e fiz alguns intervalos para explicações e correções sobre postura, gestos técnicos e posicionamento.

- Quero que vocês percebam aqui como o voleibol é dentre os esportes coletivos, talvez o mais coletivo de todos. Não é possível, por exemplo, fazer uma jogada individual por um momento como no futebol ou no basquete. Os passes e o entrosamento entre os membros da equipe são essenciais para ser bem sucedido. - Falei.

Para finalizar, reuni a turma em uma roda de conversa. Perguntei como se sentiram ao realizar a atividade e o que acharam da progressão do câmbio para o voleibol tradicional. Vários alunos compartilharam que acharam o câmbio mais fácil e gostaram de ter mais tempo para aprender as regras do voleibol. Outros comentaram sobre as dificuldades em manter a concentração e a disciplina, e reforçamos juntos a importância disso para o bom andamento das aulas e para a segurança de todos.

Diário de aula 11 – 10/09/24

Me dirigi à sala de aula com maior receio no dia de hoje. O futsal é um tema muito apreciado pela maioria dos meninos e algumas meninas, e que geralmente gera naturalmente muitos conflitos e competitividade.

A turma estava ansiosa, o que ajudou de certa forma a organizá-los mais rapidamente para a chamada e primeiras orientações sobre como seria a dinâmica da aula.

- Hoje vamos trabalhar com futsal, começando com os fundamentos e, ao final, teremos um jogo reduzido e, depois, o jogo completo. - Anunciei.

Iniciamos na quadra com um aquecimento dinâmico e alongamento focado nos membros inferiores. Fizemos uma corrida leve em torno da quadra, seguida por deslocamentos laterais e exercícios específicos para o futebol, como o deslocamento em zigue-zague e a corrida com elevação de joelhos.

Primeira Atividade: Passe e Domínio. Dividi a turma em duas filas e, em duplas, e pedi que cada dupla praticasse passes curtos, alternando entre o pé direito e esquerdo. Expliquei a importância de manter a precisão e o controle durante o passe. Depois repetimos o exercício variando as possibilidades de contato com a bola, usando a parte de dentro dos pés, de fora e a sola.

Durante a prática, notei que **alguns alunos estavam chutando a bola com força excessiva e sem direção**. Fiz algumas intervenções, explicando que o objetivo não era chutar com força, mas com precisão.

- Se vocês jogarem a bola sem controle da sua força, seu parceiro terá dificuldade de dominar. No jogo, isso pode custar uma chance de gol. - Acrescentei.

Com algumas correções e incentivos, a turma começou a acertar mais os passes e a entender a importância da precisão.

Segunda Atividade: Condução de Bola. Na sequência, propus uma atividade de condução. Cada aluno deveria conduzir a bola em linha reta até um ponto e voltar, mantendo o controle próximo ao pé. Observei que alguns alunos tinham dificuldade em manter a bola próxima ao corpo, então aproveitei para dar dicas de posicionamento e de uso do lado interno e externo do pé.

- Mantenham a bola perto e tentem olhar para frente enquanto conduzem. Isso ajuda no jogo para ver os adversários e seus companheiros ao mesmo tempo. - Comentei.

Depois de concluído, acrescentei alguns cones para alterar o percurso em zigue-zague e assim aumentar a dificuldade um pouco. Essa atividade trouxe um pouco mais de dificuldade para aqueles que não tinham muita familiaridade com o futebol, mas com alguma paciência (e algumas bolas atiradas ao longe) a turma toda realizou a tarefa.

Terceira Atividade: Finalização. Depois da condução, organizei a turma em duas filas e fizemos uma prática de finalização. Cada aluno tinha que conduzir a bola

até a área e, em seguida, chutar ao gol. Alguns ainda estavam chutando com excesso de força e sem precisão, então orientei:

- Experimentem mirar nos cantos e chutar com o peito do pé. Um chute forte nem sempre é o melhor; o importante é mirar onde o goleiro não alcança.

Em seguida, organizei uma situação de jogo, onde um colega ficaria em posição mais avançada, que receberia o passe e prepararia uma assistência próxima a linha da área do goleiro. Cada um, a partir da fila, iria realizar o passe e avançar para finalizar na bola que seria passada em posição avançada.

Essa atividade trouxe muitos desafios e bolas perdidas, mas também foi gratificante perceber a animação e percepção de dificuldade dos meninos mais competitivos e habilidosos, que se empenharam e comemoravam quando bem sucedidos nas finalizações.

Quarta Atividade: Jogo Reduzido. Após os exercícios de fundamentos, organizei os alunos em quatro equipes para jogos reduzidos, com quatro jogadores em cada equipe. Expliquei que esse formato de jogo ajudaria a desenvolver a movimentação, o passe e o entrosamento.

Os alunos jogaram com metas pequenas, sem goleiros, em um campo reduzido e no início, alguns alunos estavam dispersos, correndo para todos os lados sem organização. Fiz uma intervenção pontual para falar sobre posicionamento:

- Pessoal, não precisamos de todos os jogadores correndo atrás da bola. Tentem se organizar e ocupar o espaço, pensando onde a bola pode chegar. -
Comentei.

Depois disso, os times começaram a se organizar melhor e a buscar passes mais eficientes. Aproveitei para elogiar aqueles que tentavam cooperar e jogar em equipe, reforçando o espírito de cooperação e atenção ao jogo, com mais passes e buscando melhor se posicionar em quadra.

Quinta Atividade: Jogo Completo. Para encerrar, organizei um jogo com todos os alunos, mantendo as regras próximas às oficiais do futsal e enfatizando a disciplina e respeito. Dividi a turma em quatro equipes, mas dessa vez procurei formar duas equipes majoritariamente formadas por meninas, e orientei que cada equipe dos demais meninos deveria observar e instruir as meninas em suas partidas, como se fossem uma equipe técnica.

Passados alguns minutos, já próximo ao final da aula, os demais meninos entraram em quadra e no início do jogo, alguns alunos ficaram mais agitados,

discutindo sobre faltas e sobre o tempo que cada um ficava com a bola. Fui intervindo de forma breve, orientando para que focassem no jogo e respeitassem o tempo de cada colega através de passes e também das substituições.

- Lembrem-se de que estamos aqui para aprender e nos divertir. Vamos dar espaço para todos jogarem e respeitar as regras. - Enfatizei.

Após alguns ajustes, o jogo fluiu melhor, e percebi que os alunos estavam aplicando os fundamentos que havíamos trabalhado. Muitos demonstraram boa postura, passes e movimentação, e isso trouxe mais dinâmica ao jogo.

Reuni todos para uma roda de conversa ao final da atividade e pedi que compartilhassem suas experiências. Perguntei o que acharam da aula e em qual situação sentiram mais dificuldade.

- Eu achei difícil em quase todos os momentos. - Falou Sabrina.

- O problema professor, é que tem gente que não toca bola. - Desabafou Marcos.

- Eu não gostei quando riram de mim, quando errei o passe. - Comentou Márcia.

Após outros comentários de alguns alunos, comentei como a percepção de cada um tinha o hábito de partir de si mesmos, e não da equipe. comentei algumas percepções que tive ao observar o comportamento deles, sobre como houve mais engajamento nas primeiras atividades pela maioria dos alunos, enquanto nos jogos os mais habilidosos tiveram mais participação, apesar das intervenções que foram feitas.

Após alguns comentários, encerrei a aula e voltamos à sala de aula.

Diário de aula 12 – 23/09/24

Hoje me dirigi à sala de aula e organizei a turma para uma atividade em sala. Acrescentei que a participação da atividade seria considerada como avaliação, o que ajudou a concentração dos estudantes.

Ofereci um questionário aos alunos, contendo perguntas relacionadas aos conteúdos e atividades vivenciadas durante a UD, bem como as percepções que tiveram sobre seus comportamentos durante as últimas aulas.

Enquanto isso, chamei à parte os alunos para a realização da entrevista conforme prevista neste estudo e já explicada aos alunos previamente.

Após um rápido sorteio entre os alunos que afirmaram querer participar da entrevista, realizei a mesma, chamando um aluno por vez ao lado da sala de aula, enquanto os demais realizavam o questionário proposto.

Ao final da aula, agradei aos alunos pela participação e empenho nas aulas e, conseqüentemente, na pesquisa também, e encerrei a aula.

Apêndice D - Entrevistas Semiestruturadas

Entrevista Semiestruturada(ES) 1. Nome: Júlio

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a: Sim.

1b: pois a sala muitas vezes não colabora com o que os professores pedem, muitas vezes, às vezes faltam com a educação, não têm diálogo.

1c: Mudou um pouco, pois as pessoas têm se comunicado melhor. Por mais que alguns ainda discutem por não concordar uns com os outros, agora têm mais diálogos, as pessoas conversam mais,

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a: Sim

2b: Sim, pois no começo do ano eu era muito solitário, e aí eu fiz amigos. Hoje, da sala inteira eu tenho alguns que eu converso mais, que tenho mais empatia e comunicação (para resolver conflitos), mas também acho que não mudou pois isso sempre acontecia em todos os anos. Eu sempre no começo fui assim, sendo mais tímido no começo, e depois fico mais espontâneo.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3a: Eu tenho muito desrespeito, muita bagunça e muito palavrão, nos meus colegas é quase a mesma coisa, eles respeitam os professores quando chega num nível que o professor tem que gritar com a sala, são mal educados, só pensam neles mesmos.

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Educação de casa, também muita liberdade que os pais dão. Eu estava conversando com meu pai, o mundo de hoje tá totalmente perdido. Alguns desrespeitam os pais, e nem ninguém.

Entrevista Semiestruturada 2. Nome: Sabrina

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê?
Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Mais ou menos

1b. Por que alguns são muito bagunceiros, mas alguns, bem de boa.

1c. Algumas, como parar de ficar com aquela brincadeira de bater na cabeça um do outro.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Não.

2b. Uma coisa que mudou, foi prestar mais atenção nas aulas.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Tem alguns que têm mania de xingar a mãe, tem aquela brincadeira de bater na cabeça do outro... Também tem gente que provoca o outro pra ficar bravo, pra que bata nele e poder culpar o outro.

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Brincadeiras de mal gosto e provocações dos colegas.

Entrevista Semiestruturada 3. Nome: João

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê?
Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Lógico

1b. Porque eles brigam muito, xingam muito, fazem brincadeira de mal gosto, exemplo ó, um menino pegou uma arminha e atirou em mim. Não tiram nota boa por que não se concentram nas aulas.

1c. O Xingamento não mudou, mas o comportamento mudou um pouco, porque antes eles falavam que não estavam nem ligando pro conteúdo da aula.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. sim, um pouco.

2b. Depois que eu apanhei da minha mãe, que foi chamada, comecei me concentrar, tirar 5, 8...

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Além do que eu já falei, muita brincadeira, brigar, xingar, me desconcentrar...

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Eles vão muito no embalo dos outros. Acham engraçado e querem imitar.

Entrevista Semiestruturada 4. Nome: Breno.

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Acho que sim, mais ou menos.

1b. Porque bagunçam muito, ficam conversando e fazendo brincadeira no meio da aula.

1c. Um pouco. Na quadra, todo mundo respeitou, participou.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Acho que não.

2b. Sim, to fazendo a lição, converso, mas faço as lições.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Ficar brigando e bagunçando no meio da sala, jogando as coisas nos outros...

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Não sei.

Entrevista Semiestruturada 5. Nome: Marcos.

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Sim.

1b. Porque nós fazemos bagunça pra caramba ao invés de fazer lição, e brigamos com todo mundo.

1c. Mudou, uma pá de coisa. Agora eu falo com eles, suave (Se referindo a um grupo de alunos que teve alguns conflitos no início do ano letivo). Ajudou.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Sim.

2b. Passei a conversar mais (para resolver conflitos).

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Brigas, xingamentos...

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Provocações, por uma causa emocional.

Entrevista Semiestruturada 6. Nome: Laura.

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê?

Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Sim, com certeza.

1b. Muito desrespeito, não respeitam ninguém, tacam coisas, batem nos outros, apertam os outros.

1c. Mudou, eles estão brigando menos.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Não.

2b. Não.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. É o que falei na 1, eles ficam mexendo nas coisas dos outros, provocando, batendo, é isso...

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Por causa da falta de professores, e professores que não botam ordem da sala, nem pedem.

Entrevista Semiestruturada 7. Nome: Eduarda.

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê?

Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Sim

1b. Muita bagunça, não prestam atenção... Alguns não fazem as atividades na quadra.

1c. Não, não mudou

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Não.

2b. Sim, estou participando mais das aulas na quadra.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Ficam batendo um no outro, não respeitam os professores...

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Falta de professor na sala, mas dependendo do professor, por que tem professor que eles não respeitam.

Entrevista Semiestruturada 8. Nome: Patrick.

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Sim.

1b. É muito bagunceira.

1c. Acho que não.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Não.

2b. Não também.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Falta de respeito, muita bagunça e brigas. Falta de respeito entre eles mesmos e com os professores.

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Não sei...

Entrevista Semiestruturada 9. Nome: Mariana

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Tem momentos que faz muita bagunça, outros que é só diversão, dentro dos limites.

1b. Fazem muito barulho,

1c. Mudou, porque a sala meio que tava muito agitada, e acho que diminuiu um pouco.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Não.

2b. Não.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Brigas, em primeiro lugar, muita falta de respeito aos professores. Nas últimas aulas, eles estavam muito desconcentrados nas aulas.

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Acho que eles não querem aprender mesmo.

Entrevista Semiestruturada 10. Nome: Michael

1. Você diria que a sua turma pode ser considerada como indisciplinada? Por quê? Essa percepção mudou nas últimas semanas?

1a. Muito.

1b. Tem muita brincadeira de mal gosto, ficam xingando os outros, batendo nos outros.

1c. Não mudou.

2. Você diria que o seu comportamento poderia ser chamado de indisciplinado? Ele mudou nas últimas semanas? Explique.

2a. Mais ou menos, por causa que eu faço lição, mas converso demais.

2b. Não.

3. Quais atitudes que você observou em você ou seus colegas que considera como inadequado ou indisciplinado?

3. Bater nos outros e xingar.

4. Segundo o seu ponto de vista, quais são os motivos que levaram os alunos a produzir um comportamento indisciplinado?

4. Não sei.

ANEXOS

Anexo A: Parecer do CEP/UFSCar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTONOMIA MORAL: contribuições da educação física nas problemáticas da ética, moral e indisciplina

Pesquisador: GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78715824.0.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.816.497

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2314637.pdf, de 02/04/2024) e/ou do Projeto Detalhado (ProjetoMestradoGustavo.pdf, de 31/03/2024):

RESUMO

Considerando a indisciplina como a mais significativa problemática identificada durante meu trabalho docente há 16 anos e relatada majoritariamente por professores de Educação Física discentes do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (ProEF) com polo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), este estudo intenta aprofundar-se sobre os benefícios e possibilidades que a EF enquanto componente curricular pode contribuir na formação e reflexão da autonomia moral dos educandos. Desta forma o objetivo deste estudo é analisar as intervenções pedagógicas por meio de uma unidade didática que evidencie as relações interpessoais, a ser aplicada a uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade de Sumaré/SP. Para investigar como diferentes elementos da cultura corporal de movimento, ao promoverem situações distintas entre cooperação e oposição, podem se estabelecer como ferramentas para a reflexão sobre as ações em situações de conflitos e indisciplina, será estruturada e aplicada uma unidade

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 6.816.497

Orçamento	Orcamento.pdf	31/03/2024 17:51:12	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	31/03/2024 17:51:03	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	31/03/2024 17:50:51	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	31/03/2024 17:50:42	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestradoGustavo.pdf	31/03/2024 17:50:30	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 10 de Maio de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br